O LIVRO COMO MERCADORIA (NO SUPLEMENTO MESA-REDONDA)

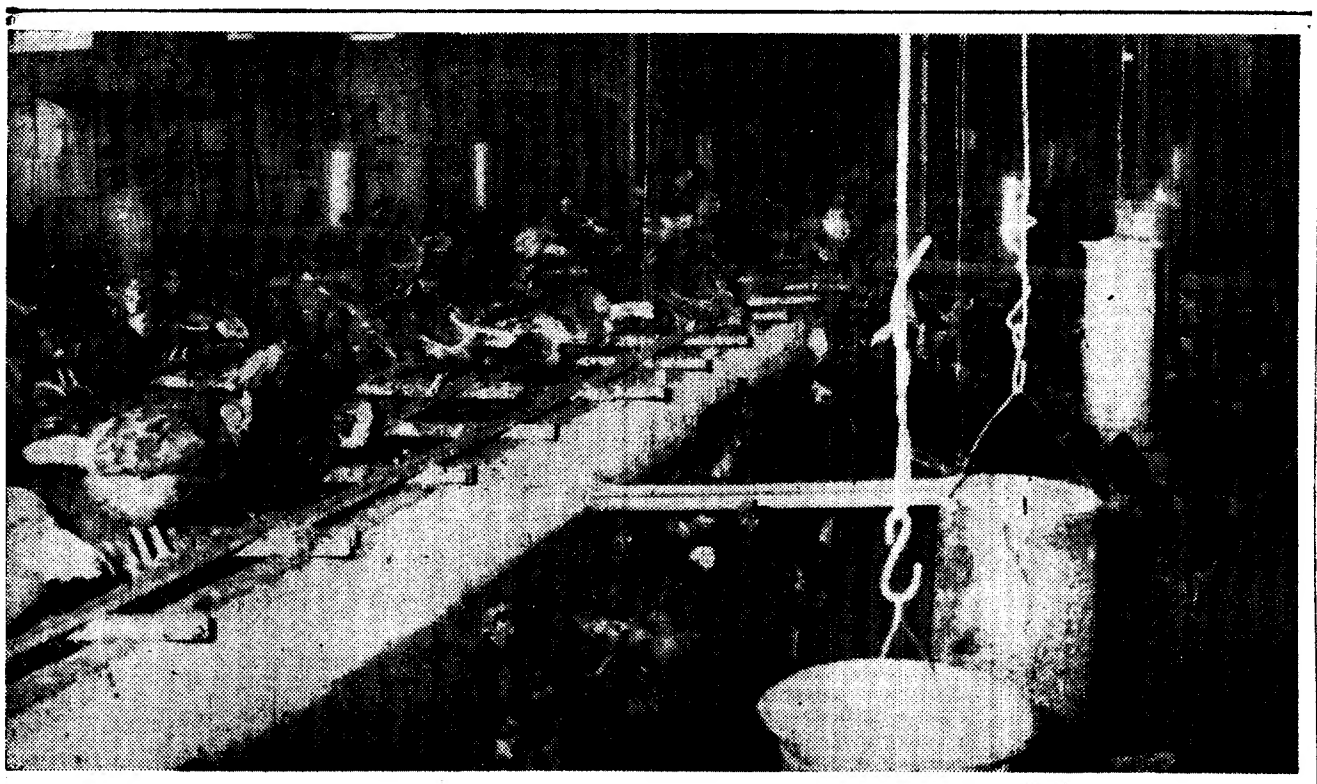
Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 23 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 915 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

COMISSÃO NÃO É ORDENADO?



AVIÁRIOS — NEGÓCIO DESTE MEIO SÉCULO

O ciclo ovo-pinto-galinha-panela inicia-se, claro, pelo ovo. Esta regra é imutável mas pode ser ràpidamente apressada, uma vez que o mercado absorve toda a produção de galináceos no nosso País. Mas, para além de uma aparente prosperidade, de um ilusório desafogo, o negócio avícola tem múltiplas e variadas facetas que principiamos hoje a mostrar do leitor. São problemas que envolvem cifrões e se abatem sobre aquilo que pode designar-se como **«o negócio deste meio século»**. Na página 4: a galinha põe, o homem dispõe e nós dizemos como vão (ou não vão) as coisas.

— perguntam os vendedores de automóveis

Uma classe abandonada? Sem sindicato próprio (constituindo uma secção do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa), sem contrato colectivo de trabalho (regulando as suas relações com as empresas, pelo contrato dos seus colegas do Norte), os vendedores de automóveis de Lisboa estão neste momento empenhados em resolver alguns problemas básicos da sua vida colectiva. Um assunto fundamental se levanta: a consideração por parte das empresas de Lisboa, para efeitos de subsídios de férias e outros, do ordenado real dos empregados, ou seja, a parte fixa e a parte variável (comissões de vendas) das remunerações que auferem, e não sòmente a parte fixa (ordenado mínimo mensal, que não excede os 2500$00).

(Cntinua na página quatro)

O PRÉMIO CHEGOU 66 DIAS DEPOIS.

(Ler na última página)

ESTADO DE GUERRA COM O EGIPTO

— proclamam os israelitas

TEL-AVIV, 23 — (A. N. I.) — «Encontramo-nos em estado de guerra com o Egipto. Estamos preparados para desferir golpes cada vez mais duros» — declarou aos pára-quedistas que tomaram a ilha de Shadwan o chefe do estado-maior israelita, na quarta-feira á noite, horas antes do início da operação, segundo revelou em Tel-Aviv um jornalista autorizado a assistir ao «briefing».

Referindo-se depois aos recentes ataques aéreos israelitas nas imediações do Cairo, o general Barlev declarou que os egípcios prestam agora grande atenção á zona da capital. «Estamos, portanto, a desencorajá-los».

ATAQUE AÉREO AOS ARREDORES DO CAIRO

TEL-AVIV, 23 — (R.) — Jactos israelitas atacaram hoje instalações militares egípcias nos arredores do Cairo — anunciou um informador militar.

É o quinto ataque com profunda penetração em território egípcio num espaço de pouco mais de 15 dias.

O informador disse que as instalações militares estavam situadas a cerca de 15 quilómetros a sul do Cairo,

NA 2.ª PÁGINA REPETIMOS AS GRAVURAS 25 e 26 DO NOSSO CONCURSO ÁLBUM DE LISBOA

instantâneos de LISBOA

A ARTE DE BEM CALÇAR TODO O PÉ

NO TURBILHÃO cinzento da chuva abriu-se uma clareira de azul, em pleno Chiado, ou melhor, na declivosa Rua do Carmo, entalada entre paredões de história e de negócio, dominada pelo elástico, ultrabarroco ascensor de Santa Justa. Foi quando ela parou diante de um escaparate com livros estrangeiros.

Devia medir mais de um metro e setenta, mas a mini-saia que usava não excederia os quarenta centímetros. Além das pestanas de origem, ruivas como o cabelo de fotografia psicadélica, tinha outras, negras, ou roxas, muito desenhadas na pálpebra inferior. Possivelmente, teria também uma borboleta vermelha pintada no alto da coxa, mas isso não se via. É claro que esta radiosa aparição fazia, como é da praxe em Lisboa, parar o transito. A manhã cheia de biafrenses de todas as cores, especialmente de biafrenses belgas e alemães, em debandada, fazendo aguada nesta doce Lisboa, entre dois aviões de transito para outra aventura cruel, estacava ali, diante da livraria, em homenagem áquela Afrodite-70, que alterava o termómetro de Janeiro, arregalava até os olhares mais baflentos.

Detive-me um instante, como toda a gente, ante aquela criatura estética, deusa marinha cheia de colares, que vinha todavia, não do Mar Egeu, mas de Carnaby Street. E depois segui, agucei ainda a mirada para a montra da Lello, desisti de uma bica na «Carmelita» já sem um lugar vago, e resolvi-me (era quase uma hora) a comprar uns sapatos especialmente destinados á chuva, que este ano teima em nos apoquentar incessantemente: uns sapatões grossos, de sola impermeável, largos sem demasia, dentro do que houvesse.

Mas quando, já com a planta do pé numa tripeça, em meio da alta, estreita e comprida «sapateca», hesitava entre dois horrores indubitávelmente confortáveis, eis que a doirada, incandescente, paradisíaca inglesa do Chiado abaixo se emoldura na porta (anulando assim os farrapos de luz chuvosa que por ela entravam) e, com um gesto sacudido das longas clinas concebidas decerto para o amor, enxota a comitiva de lusitanissimos papalvos que a seguiam; penetra, aureolada de um tempo novo, na loja tumular, e senta-se a meu lado.

Foi então que a mágica principiou. O jovem — eximio, como posso atestar — vendedor de sapatos que a atendeu, maravilhado e solicito, deu início a uma série fabulosa de sortes do seu ofício que me eram até hoje totalmente desconhecidas. Erguendo-se do chão, onde quase roçava a franja (mas com jovial dignidade) para trepar pelo escadote que o guindava ás mais subidas caixas que forravam a parede, tinha gestos de elfo. Depois, tornando ao solo, à «carpete» pálida, calçava, em maciez, os pés, aliás fortes, mas perfeitos, da britânica divindade, espreitava-lhe, com um olhar de mel e veludo, ainda não muito ousado o torneado sólido das colunas fuseladas, o alto da perna ainda escurecido pelor ar vivo dos «courts» de ténis, passava-lhe uns dedos saltitantes, seráficos, progressivamente mais confiantes, pelo tornozelo, pelo gesso milagroso e quente da pele.

Ela ria talvez com cócegas, ou com uma deliciada surpresa. Irónica? superior?, rendida, como ele terá pensado?

O jovem vendedor de sapatos puxou pelo melhor do seu inglês básico, que ela aceitou como bom. Falavam baixo, amorosamente. De sapatos, é claro. Mas que ternura ele punha no diálogo!

E assim o moço vendedor de sapatos teve, profissional e vitalmente — homem integrado no seu mester — o seu dia fasto, o seu dia inesquecível deste pórtico de 1970.

URBANO TAVARES RODRIGUES

Album de Lisboa

Recorte e cole as gravuras no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34

UM DIA EM CADA BAIRRO PARA A RECEPÇÃO DE CADERNETAS

EM TODOS os bairros de Lisboa, e com a colaboração da Cidla, durante um dia, em cada «stand» Gazcidla se fará a recepção das cadernetas dos concorrentes da capital, que, com comodidade, sem deslocações ou demoras, poderão possuir, imediatamente, o boletim de identificação com o número que os habilitará ao sorteio de óptimos prémios, cujo valor total excede os trezentos contos.

A recepção de cadernetas inicia-se na próxima segunda-feira, no «stand» Gazcidla de Alfama, seguindo-se Madragoa, Bairro Alto, Graça, Campolide, Campo de Ourique, Lumiar, Benfica, Olivais, Avenidas Novas, Alvalade, Avenida 24 de Julho, Rua do Alecrim, Praça Marquês de Pombal, Alcântara e Arroios.

Durante um dia, em cada bairro, pessoal do «Diário de Lisboa» atenderá os concorrentes da capital para a recepção das respectivas cadernetas.

A RECEPÇÃO PELO CORREIO

Como temos noticiado, após a recepção das cadernetas dos «stands» Gazcidla de Lisboa, seguir-se-ão os «stands» do Porto e de Coimbra. Só em seguida começará a recepção de cadernetas, pessoalmente, nos nossos serviços da Rua Castilho, 185.

Entretanto, os concorrentes da província podem continuar a remeter as suas cadernetas pelo correio. Será conveniente que a franquia seja de 2$00, a fim de evitar multas e consequente demora no envio dos boletins numerados. Aqueles que desejarem conservar em seu poder o número que os habilitará ao sorteio devem juntar um selo de 1$00.

STANDS GAZCIDLA

Localização e datas de recepção de cadernetas

JANEIRO

26 — Rua de S. Miguel, 9	— ALFAMA
27 — Rua da Esperança, 134	— MADRAGOA
28 — Rua da Atalaia, 131	— BAIRRO ALTO
29 — Largo da Graça, 63-D	— GRAÇA
30 — Rua de Campolide, 94-C	— CAMPOLIDE
31 — Rua Infantaria, 16, 57-A	— C. DE OURIQUE

FEVEREIRO

2 — Praça Alexandre Ferreira, 32	— LUMIAR
3 — Rua Emília das Neves, 4-B	— BENFICA
4 — Rua Cidade de João Belo, lote 88-Lj. B	— OLIVAIS
5 — Av. Miguel Bombarda, 56-A	— AVEN. NOVAS
6 — Rua José Duro, 27-C	— ALVALADE
7 — Avenida 24 de Julho, 94-A	— 24 DE JULHO
9 — Rua do Alecrim, 77	— ALECRIM
10 — Praça Marquês de Pombal, 1	— M. DE POMBAL
11 — Largo do Calvário, 12-C	— ALCANTARA
12 — Largo Mendonça e Costa, 9-C	— ARROIOS

A Chrysler remodelou a sua direcção na Europa

DETROIT — A Chrysler acaba de anunciar a nomeação do sr. Philip N. Buckminster para o lugar de vice-presidente para a Europa do Grupo Internacional da Chrysler Corporation, o qual assumirá também as funções de presidente da Chrysler International, SA. Neste ultimo lugar, substitui o sr. Frank V. Olds.

Pelo exercício das suas funções, o sr. Buckminster, que fixará a sua residência em Genebra ficará dependente do vice-presidente das Operações Internacionais da Chrysler Corporation, sr. I. J. Minett, e será o responsável pela direcção de todas as actividades da Chrysler na Europa, que inclui a Rootes Motors Limited, Société des Automobiles Simca, Barreiros Diesel SA, Chrysler Benelux, Chrysler Sanayi SA e Chrysler International SA, e ainda as actividades da rede de distribuição no hemisfério oriental.

Comentando a nomeação, o sr. John J. Riccardo, presidente da Chrysler Corporation, afirmou: «A designação do sr. Buckminster para este importante lugar ajudará consideràvelmente a fortalecer o papel multinacional da Chrysler no mercado europeu. A presença de um dirigente experiente para orientar e apoiar os directores-gerais de todas as companhias integradas, e ainda coordenar as suas actividades com as da Chrysler International, SA, revela bem a importância que damos áquele mercado agora em plena expansão.»

O sr. Buckminster desempenhara anteriormente na Chrysler, entre outros cargos, o de vice-presidente da Chrysler Corporation, membro do Conselho de Administração, vice-presidente das Operações Comerciais, director-geral das Divisões Plymouth e Dodge.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— Já viu alguma briga?

Isto de brigar até é quotidiano. Há o mundo dos grandes onde a briga se veste de pompa vocabular (e não só) e toma o nome de «guerra».

Mas quando se é ainda um «índio» de escola primária e idade respectiva, a escaramuça é forma quase saudável, quase amigável, de resolver conflitos. Seria assim?

● *Abordámos, à saída da escola, o menino João Manuel Nascimento, 3.ª classe, que nos disse:*

— Já, pois. Até já vi...

— ...e tudo? — *(concluímos nós pensando em Salinger).*

— Quando eles me batem, bato também.

— Não, entre homens ainda não vi.

● *A rapaziada ondulava em magote — «é p'ró jornal!» «eu também quero» e não foi com facilidade que seleccionámos o segundo respondente.*

— Como te chamas?

— António Manuel Gargalho.

— E então? Já viste brigas?

— Vi quando brigo... é que chamam-me Gargalinho e eu...

● *O terceiro menino era o Amândio Jorge Lopes Pereira, 3.ª classe também:*

— Não, nunca vi.

— ...

— Não, nunca briguei.

ALVES REDOL HOMENAGEADO NO PRIMEIRO-ACTO

Amanhã, pelas 22 horas, o Primeiro Acto, Clube de Teatro, promove, na sua sede, Rua Eduardo Augusto Pedroso, 16-A, Algés, uma evocação do escritor Alves Redol, sendo feita a leitura de textos dos seus livros, apresentando-se uma gravação com a voz deste autor e contando-se com a intervenção de alguns escritores, nomeadamente Augusto da Costa Dias e Mário Henriques, além da leitura de um texto de José Cardoso Pires. A sessão terminará com um debate orientado por José Carlos de Vasconcelos

Colóquio de Política Industrial

A Associação Industrial Portuguesa promove, na segunda quinzena de Fevereiro, um Colóquio de Política Industrial, em que deverão participar empresários, técnicos e representantes do sector público.

ESPANHA, HOJE (CONCLUSÃO)

PLURALISMO PLURIFORMISMO

por AMADEU LOPES SABINO

Regresse-se ao que, mais acima, se dizia: nesta «hora europeia», a capacidade de evolução do franquismo para um regime politicamente integrável na Europa será (está já a ser) posta à prova. Nos últimos meses, as esperanças da Oposición Democrática (**e das suas ideologias** evolucionistas) **e as esperanças dos «liberais» do regime (e das suas preocupações** evolucionistas) **concentraram-se nas** associaciones políticas **e no respectivo estatuto.**

Após a nomeação do novo Ministério, porém, essas esperanças atenuaram-se. Paradoxalmente: a Opus, correntemente tida como favorável à liberalização das estruturas do Poder, fica aquém do que (em palavras e em obras) a Falange disse e fez. Soliz Ruiz, até Novembro secretário do Movimento, um falangista da velha guarda, exibiu à luz velada dos gabinetes ministeriais um projecto de estatuto das *associaciones* que os evolucionistas dos vários sectores qualificaram (prudentemente) de aceitável. À sombra dessa luz e desse projecto, começaram a surgir aqui e ali, em Madrid e na província, projectos de associações — todos eles de sectores ligados ao Movimento mas reclamando-se de várias (de democráticas e europeias e social-democráticas e trabalhistas) inspirações. O pluralismo ia de vento em popa, era falado nos jornais e nas Cortes. Dizia-se que estava descoberta a via espanhola para a «participação», que a Espanha dos anos 70 se integraria no Ocidente político através de uma fórmula própria e que nada teria a ver com o pluripartidarismo nem com o monopartidarismo. A *Oposición Democrática* e os seus próceres desconfiavam publicamente, mas apostavam secreta e privadamente. E iam mesmo (vão) ao encontro das fundamentações ideológicas governamentais do *associacionismo:* era preciso evitar a proliferação das organização políticas mas antes de tudo era preciso permiti-las, regulamentá-las... (1).

Após a remodelação ministerial, porém, o projecto aceitável foi metido nas gavetas. Carnero Blanco, o vice-chefe do Governo — um homem forte num cargo forte — terse-ia recusado a referendá-lo. E as actuais declarações ministeriais, nomeadamente as do novo secretário do *Movimiento*, o *señor* Fernandez Miranda, são muito mais cautelosas nas promessas de uma abertura associativa. Numa recente entrevista ao «ABC» (2), Fernandez Miranda declarou que «*el associacionismo político de nuestro sistema no encuentra su mas cabal razón de ser en el* pluralismo ideológico, base del sistema de partidos, *sino que su clave verdadera esta en el* pluriformismo *esencial a nuestro Movimento Nacional desde sus orígenes*» (3).

É provável que na base desta prudência (e para além de uma ideologia representativa de interesses criados, contrária ás *actuais* necessidades *objectivas* do *actual* regime e do *actual* sistema político-social espanhóis) estejam os esforços da Opus para desalojar a Falange dos seus feudos. E as *associaciones* anunciadas seriam efectivamente, com todo o seu progressismo e com todas as suas ousadias, feudos falangistas.

Alia jacta est!

De qualquer modo, *alia jacta est:* o caminho para a Europa está aberto para a Espanha. Independentemente de hesitações e prudências, o regime franquista não poderá continuar a iludir o desafio (político) europeu: o actual estádio de desenvolvimento das forças produtivas a nível interno e a participação nas instituições políticas europeias (a nível externo) exigem respostas precisas. E rápidas: pluripartidários, plurallistas ou pluriformicas...

A mundialização do modo de produção capitalista abate impiedosamente as fronteiras, O Ocidente torna-se atlântico (isto é: norte-americano), a Europa torna-se europeia (isto é: norte-americana). A Espanha caminha irreversìvelmente para essa Europa salvadora que o regime e a *Oposición Democrática*, por motivos diferentes mas convergentes, mitificam. Como se a integração da Espanha na Europa e no Ocidente dependesse de um ou de outra!

Perspectivas insuspeitadas...

Nesta conjuntura, o franquismo e a sua democrática oposição fortalecem as posições respectivas. O que não é contraditório: é o poder do capital que sai fortalecido destas refregas; a face autoritária e a face liberal desse poder só têm a lucrar com isso.

Não será, aliás, ousado prever brilhantes destinos para a *Oposición Democrática* no país do lado. A evolução europeísta do regime (franquista) que progressivamente se dilui no e confunde com o sistema social e político (capitalista) abre-lhe perspectivas e portas até há pouco insuspeitadas. Acompanhando o crescimento do capitalismo em Espanha, o regime tem sabido evoluir (tem sido levado a isso pela força das coisas). De falangistas a carlistas e a liberais da Opus tem encontrado em cada momento os seus homens e os seus estilos... A Oposición de Gil Robles, de Jimenez e de Tierno Galvan espera a sua hora. E embora sem força estratégica e organizativa, adquire uma força táctica que a aproxima das escadarias do Poder. «La democracia», segundo os 138, «nos abrirá las puertas para la Comunidad Europea».

FIM

(1) Recorde-se o acima transcrito **Manifiesto de los 138: «que se reconozca y respete el derecho de asociación políticas que en el mundo occidental se traduce en la existência de diversos partidos políticos y en su legalización mediante normas que evitan su proliferacion inoperante.** (Os sublinhados são meus).

(2) «ABC» de 11 de Janeiro de 1969.

(3) O sublinhado é meu.

NÃO BASTA PEDIR ÓLEO DE GIRASSOL

É NECESSÁRIO "CERTIFICAR-SE" QUE A SUA EXTRACÇÃO FOI FEITA **A FRIO** POR **UMA ÚNICA PRESSÃO.**

O SEU MÉDICO LHE DIRÁ PORQUÊ...

O ÓLEO DE GIRASSOL **"NUXO", É, GARANTIDAMENTE, EXTRAÍDO A FRIO.**

GABINETE DE ESTUDOS DE NUTRIÇÃO · GARANTIA DE QUALIDADE

diese PRODUTOS DIETÉTICOS LDA.
Av. República, 46 — Lisboa

ECOS

A espionagem industrial tem-se desenvolvido no mundo contemporâneo mais ainda do que a espionagem militar. Além disso, os métodos dos espiões industriais, que utilizam as mais recentes conquistas da electrónica, tornam-se tão perigosos que é mesmo de recear possam acarretar o fim da vida privada, tal como ainda a concebemos, e a transformação da sociedade em que vivemos. Mesmo em Portugal, apesar da pobreza do surto industrial que entre nós começa a verificar-se, essa espionagem existe já. Dir-se-ia que é um mal necessário das empresas de certo vulto, na sociedade da competição. O político americano Hubert Humphrey, que teve um papel importante, como adversário de Nixon, após o assassínio de Robert Kennedy, nas eleições presidenciais nos Estados Unidos, tem-se debruçado sobre o problema e afirma, no seu prefácio ao livro do senador Edward V. Long «A invasão da vida privada pelo governo e pela indústria»: «O grande problema consiste em garantir a todos os cidadãos o direito a uma vida privada tão ampla e livre quanto possível. O ambiente que nos permite viver de modo independente está sendo continuamente modificado pelos progressos da tecnologia, que tornam os meios de espionagem e de intrusão terrivelmente fáceis de executar e dificilmente identificáveis. Urge, ante esta situação, tomar consciência da ameaça à liberdade que isto representa. Se julgarmos estar a ser observados agiremos na defensiva. Se nunca pudermos ter a certeza de que somos ou não escutados ou observados, todos os nossos actos se modificarão e até o nosso carácter mudará. É preciso encontrar uma resposta a esta ameaça. Daí depende serem livres ou serem escravos os americanos do último quartel do século XX».

⁂

PIETRO MANZONI, precursor dos adeptos da arte conceptual, que, segundo a definição de Otto Hahn «traçam linhas no deserto ou escavam buracos em cantos perdidos», tem agora, já depois de morto, a sua exposição em Paris — na Galeria Mathias Feb. Mestre da monocromia branca (ausência de cor) concentrava o seu interesse na matéria e no gesto. Parente estético de Klein, os seus materiais eram, no entanto, diversissimos: gesso, algodão, lã de vidro. As rugas das suas telas, as acumulações de tinta estavam ao serviço do material, da elaboração do quadro.

★

EM Paris vendem-se a peso de ouro os lugares na Ópera para as últimas representações do Teatro Bolchoi, cuja actuação ali termina no próximo dia 25. Só pràticamente as classes ricas beneficiam desse privilégio, mesmo num país de alto nível de vida como a França.

INGLÊS EM BANHO-MARIA

E ando por aí, feito parvo, a tentar sacar ás pessoas «Linguaphones», a pedir que me digam, com carácter de urgência, um método rápido e prático de reaprender o meu Inglês esquecido desde as aulas da D. Amélia. Santa ingenuidade, meu filho!

Os tempos são outros como diz (ou dizia?) o Bob Dylan. Daí os meus olhinhos piscarem ao verem o anuncio, o convite para uma aprendizagem do Inglês em tempo recorde: «No nosso hotel á beira-mar. Sem limite de idade. Cinco horas por dia por pequenos grupos. Sauna e piscina interior aquecida». Que mais queres, ó menino?

Todo eu sou ternura ao imaginar os deliciosos pormenores. Ao pensar nos pequenos grupos que com toda a certeza me davam a possibilidade de escolher; nas páginas e páginas a alinhavar, untado de bronzeadores, garrafa de gin ao lado, recostado na lona, de papo ao sol, reconfortado por massagens dadas por mãos hábeis.

Santo Deus! Que deliciosos e rebuscadissimos colóquios não fariamos chapinhando nas águas tépidas da piscina? Ouvindo os Beatles ou Mozart, discutindo a linha, a «New Left», o revisionismo, os pajens da rainha, o reumático do poeta da corte. E as leituras (no original, qual a duvida?) dos mestres: Virginia Woolf ou Dylan Thomas, Joyce ou Salinger, acompanhado de salgadinhos, de azeitonas de Orvietto, de loucas «tapas» pequenissimas mas picantes, para deitar abaixo mais uns copos disto ou daquilo.

O tempo que tenho por aí andado a perder! Recordo as minhas artesanais explicações ao senhor Silva que ia para Manchester aprender a tintagem do «terylene» e comovo-me, pois então, comovo-me com o ar mais ridículo deste mundo. A razão? É evidente. Este era o negócio que convinha. Quem, melhor do que eu, poderia ter erguido esta coisa? Não é, ó Zé Emílio? Tu que me compreendes e que nessa Europa andas (Haarlem, não é verdade?) tinhas também aparelhado a ideia quando escreveste as «Histórias passadas num colégio inglês».

Chegámos tarde. Resta-nos a inscrição. O mais depressa possível. A água da piscina pode arrefecer e há um certo perigo que o Inglês fique requentado.

EDUARDO GUERRA CARNEIRO

AVIÁRIOS: NEGÓCIO DESTE MEIO SÉCULO (1)

A GALINHA PÕE O HOMEM DISPÕE

Estes pintos têm 4 dias de vida

«Farinha de alta energia» impulsiona o crescimento, apressando a evolução física dos pintos e das frangas.

Em Alcabideche, quando se desce para o Cabreiro, fica a Quinta do Menino Jesus. É ali que se localiza o «Aviário de Cascais», onde 1600 galinhas e 2100 pintos crescem a toda a velocidade.

— *O patrão tem já uma grande encomenda da «Knorr». Se mais galinhas houvesse, mais marchavam...*

Quem toma conta do aviário é o sr. Manuel Maria Marques Junior que nessa tarefa é auxiliado pela sr.ª Gertrudes Campos Montemor, ali no desempenho de «missão específica».

— *Sou uma espécie de enfermeira das galinhas. A mulher do patrão, a D. Maria da Natividade, diz-me como devo fazer. Tenho aqui todos os medicamentos e pronto! Trato-as logo. Sabe uma coisa? As galinhas coitadinhas, esforçam-se muito. Põem ovos muito grandes e ficam com o rabinho em ferida. Então venho eu a suavizá-las, a por-lhes azul de mitilene a desinfectar tudo muito bem. E elas cá vão andando.*

— *A caminho do forno, não é verdade?*

— *Pois, que se lhes há-de fazer?* — conclui a sr.ª Gertrudes. — *É a lei da vida!*

O CICLO EVOLUTIVO

O «Aviário de Cascais» compreende dois pavilhões. Num, encontram-se 1600 galinhas. «*Sem um único galo, que a esses torcemos logo o pescoço*» — acrescenta o sr. Manuel Maria, que nos mostra como se protegem as galinhas mais *tímidas* dos impulsivos ataques das suas irmãs de raça menos *pacatas*.

— *Às assanhadas, botamos-lhes umas vendas de plástico que não as deixam olhar a direito. As vendas estão presas a um arame que lhes fecha os bicos: só fica uma greta para debicarem.*

O ciclo ovo-pinto-galinha-panela inicia-se, claro, pelo ovo. Esta regra é imutável mas pode ser rápidamente apressada, uma vez que o mercado absorve toda a produção de galináceos no nosso País e está sempre *faminto*.

— *Compram-se os ovos para reprodução e colocam-se na estufa, na chocadeira. Um mês depois já lá temos uma «catrefa» de pintos. Entra em acção a farinha e já está: dai a três meses os pintos são galinhas-poedeiras. E 2 ou 3 meses depois acabam no tacho*

ALTA (ALTÍSSIMA) ENERGIA

Este *comer ao tempo*, este apressar do crescimento obtém-se graças a uma inovação técnica no sector das farinhas para alimentação de gados. Trata-se de um alimento completo composto, destinado a «*galinhas poedeiras no solo*», vulgarmente denominado de «*farinha de alta energia*».

Reportagem de NEVES DE SOUSA

Os principais produtos incorporados neste tipo de alimentos são bagaços de soja, milho e farinha de peixe. Mais detalhadamente, porém, a fórmula total dos elementos componentes (com limites legalmente fixados) é a seguinte: cálcio, 3%; fósforo, 0,7%; proteína bruta, 1,7%; lisina, 0,7%; metionina+cistina, 0,6%; humidade, 14%; fibra bruta 5,5% cinzas, 13% e insoluvel clorídrico, 2%.

Outras condições, artificialmente criadas, essenciais ao desenvolvimento acelerado dos galináceos são a temperatura elevada, a luz durante a noite (de forma a obrigar os animais a viverem sempre em pleno dia e, portanto, a alimentar-se muito mais vezes ao longo das 24 horas) e as desinfecções diárias das estufas com creolina.

De resto, os pintos são submetidos a diversas vacinas e a extremos cuidados higiénicos, para se evitarem epidemias que podem destruí-los ás centenas, com os consequentes prejuízos para os donos dos aviários.

O valor energético deste composto cifra-se em 2890 calorias por quilograma.

Mas existem ainda «suplementos alimentares»: Vitamina A — 8000 unidades; Vitamina D3 — 2000 unidades; Vitamina E — 6000 unidades; Vitamina B2 — 5 miligramas; Vitamina B12 — 10 microgramas; Vitamina K3 — 4 mgr.; Pantotenato de cálcio — 10 mgr.; ácido nicotínico — 25 mg.; Cloreto de colina — 500 mgr.; Santoquim — 28 mgr.; Ferro — 15 mgr.; Cobre — 10 mgr., Manganês — 60 mgr.; Iodo — 1,2 mgr.; e Zinco — 50 mgr.

Indica-se no rótulo desta «farinha de alta energia»: o prazo de garantia da actividade biológica é de 90 dias.

O PESO DOS OVOS

— *Ora petiscando esta farinha, os pintos crescem que é um ver se te avias. Ao fim de três meses já temos galinhas poedeiras a renderem com fartura: 900 a 1000 ovos por dia, recolhidos até de 1500 galinhas.*

E o sr. Manuel Maria acrescenta:

— *Em 3 ou 4 semanas o pinto transforma-se em franguinha. Com a farinha passa em pouco mais de 2 meses a galinha adulta. E ao 5.º ou 6.º mês acaba. Apagi-se no prato do restaurante.*

— E os ovos?

«Esta galinha era arisca. Pusemos-lhe os óculos e anda mansa como um cordeirinho...»

— *A maioria são para venda. Existem quatro tipos de ovos consoante o peso que têm. Tipo D, o melhor: 60 gramas; C — de 56 a 59; B — entre 50 e 55; A de 40 a 49. Os que pesam menos de 40 gramas, os «enfesados», passam ao bucho do pessoal, porque ninguém os comprava lá fora.*

COMISSÃO NÃO É ORDENADO?

(Continuação da 1.ª página)

Para se compreender bem a situação actual dos vendedores de automóveis de Lisboa torna-se necessário conhecer os antecedentes. Em 1957 pretendeu o Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa celebrar com o Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul um contrato colectivo de trabalho que defendesse os interesses dos vendedores de automóveis. Por parte do Grémio foi sempre rejeitada a ideia desse contrato que, até á presente data, ainda não se fez.

Entretanto, o Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis do Norte negociou com diversos sindicatos um contrato colectivo de trabalho que veio a ser homologado em 26 de Novembro de 1960. Como até 1963 o Sindicato dos Caixeiros de Lisboa não tivesse obtido a concordância do Grémio do Sul, para as negociações de um contrato colectivo de trabalho, o ministro das Corporações determinou que o contrato celebrado no Norte ficasse extensivo ás empresas de Lisboa, apenas com a ressalva da não obrigatoriedade de uma das cláusulas, a 29.ª, cujo cumprimento entretanto, recomendava ás entidades patronais.

A cláusula 29.ª diz respeito ao subsídio de Natal. Diz: «Os empregados... que tenham mais de um ano de bom e efectivo serviço terão direito a receber na véspera de Natal um subsídio nunca inferior a um mês de ordenado (não é obrigatório no Sul do País, recomendando-se no entanto ás entidades patronais a sua concessão).

A duvida que se levantou reside no significado do termo *ordenado*. Para esclarecer duvidas, um despacho da comissão corporativa central de Junho de 1968 diz: «O termo... deve entender-se no sentido de compreender conjuntamente a parte fixa e a parte variável da retribuição ao trabalhador.»

Além da cláusula 29.ª, uma outra cláusula, 18.ª, relativo ao subsídio de férias levantou duvidas. Diz essa clásula: «Além da remuneração correspondente aos períodos de férias, as entidades patronais pagarão também a cada profissional, antes do seu início, um subsídio de 25 por cento do ordenado mensal por cada escalão de férias a que tiverem direito, até completar um mês de ordenado.» Esta cláusula é também obrigatória para o Sul.

O que se passou então? As empresas do Norte «esqueceram» o significado do termo ordenado para profissionais que trabalham á base de comissões e começaram a pagar os subsídios de férias com base nos ordenados mínimos. O mesmo aconteceu no Sul. Algumas firmas do Norte foram obrigadas pelos tribunais a cumprir a lei. No Sul algumas entidades patronais continuam a esquecer a lei e o contrato colectivo de trabalho, e a pagar sómente a remuneração de férias e o respectivo subsídio sobre a parte fixa.

Acontece que agora — e aqui se agudiza a questão — os vendedores de automóveis souberam de um novo parecer da comissão corporativa central, segundo o qual o termo *ordenado* mantém, na cláusula 29.ª, o significado conjunto de retribuição fixa e variável, mas na cláusula 18.ª diz respeito apenas á parte certa. Como esse parecer não foi ainda homologado, os vendedores de automóveis nomearam ontem em assembleia geral uma comissão que vai pedir ao ministro das Corporações a sua rejeição, com o fundamento que o termo não pode ter um significado numa cláusula e significado diferente noutra.

NA «GRANDE NOITE DO FADO» ELE FOI O MELHOR

O prémio chegou após 66 dias

Ontem, á tarde, a Lily, a Adelaide e a Ana Maria faltaram ao emprego, na Automática Portuguesa. Motivo: queriam ir ver, mesmo ao pé, como é que se grava um disco.

— *Ai, sr. dos jornais, não fale em nós, senão o sr. Marçal (o sr. Fernando Marçal, conhece?) inda nos castiga...*

A verdade é que a Lily (Maria do Carmo Oliveira) e a Adelaide Dias Soares (que gostaria de se chamar Patrícia) foram com a Ana Maria Dimas ver o primo destas gravar um 45 rotações. Nome do artista: José João Dimas Bagorro, que o publico fixou no Coliseu dos Recreios, a 17 de Novembro, como destacado vencedor da «Grande Noite do Fado», em representação do Futebol Clube do Prior Velho.

— *Eu tinha de vir com ele, porque o José João não vê quase nada* — diz-nos a Ana Maria. E acrescenta:

— *Somos sete irmãos: o Isaías, o Guilherme, o Inocêncio, a Lucília e a Adélia (todos casados) eu (com 17 anos) e o José João (que fez há pouco 24 anos). Mas que tenha habilidade para cantar só o José João.*

É ele quem prossegue:

— *Sim, é verdade, eu gostava de fazer vida disto.*

(Disto: de cantar o fado. Gravar discos, como ontem o fez para a «Estúdio», acompanhado por mestres no assunto: o José Maria Nóbrega, o António Chaínho e o Carvalhinho. Com técnicos a sério debruçados sobre os amplificadores — Moreno Pinto, José Videira, Artur Penalva —, com «cachet» pelo trabalho e não apenas palmadinhas nas costas e aplausos de vultos que não distingue).

— *O meu sonho era ser profissional.*

Os olhos continuam distantes, baços, sem vida.

Com a sua vitória na mais popular realização da Casa da Imprensa, o rapaz de Prior Velho obteve uma libra de ouro, um «Zip» (*«que o sr. Solnado, em pessoa, me foi dar»*), uma estatueta de bronze e o direito a gravar a voz num acetato comercial. Mas ele quer mais alguma coisa:

— *Trabalho em Alhandra, numa fábrica de farinhas. Oitenta escudos por dia. Sim, é poucochinho mas eu sou cego...*

José João Dimas Bagorro tem cantado no «Solar da Hermínia» e em colectividades populares: neste fim-de-semana vai até ao Barreiro. Mas, se tiver sorte com o primeiro disco, pode passar a profissional.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

CECILE DEVILE
VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA

GALLI GALLI
grande nome do ilusionismo mundial

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA

PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO JUAN DE AIZA
COM TITICA
FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

Às 17 e 21.30
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
M/ 12 anos

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL E NO VOX

TÍTULO — «Sweet Charity, a Rapariga Que Queria Ser Amada» («Sweet Charity»).

REALIZAÇAO — Bob Fosse, 1969 (E. U. A.).

INTÉRPRETES — Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr., Ricardo Montalban, John McMartin, Clinta Rivera, Paula Kelly, etc.

Bob Fosse, actualmente um dos coreógrafos de maior renome da Broadway e de Hollywood, viu «As noites de Cabíria», de Federico Fellini, e deixou-se inteiramente cativar pelo mundo poético e ultrajantemente puro e incorruptível da protagonista felliniana. Cabíria, passeando a sua pequena mala de mão pelas noites de Roma, em busca de um amor que sempre se lhe esgueira por entre os dedos, passou á conquista da América, transformada em *taxi-girl* e rapariga de *cabaret*. Na adaptação do argumento trabalharam Neil Simon (para o teatro) e Peter Stone (para o cinema). Bob Fosse, que dirigiu o espectáculo na Broadway, foi, depois, convidado a reeditar o êxito, agora em película de 70 mm, e com todos os recursos técnicos postos á sua disposição. Infelizmente, em Portugal a cópia que corre fica-se pelos 35 mm, o que não permite o aproveitamento integral do belo espectáculo criado pelo talento de Fosse.

Dir-se-á que Bob Fosse não manteve algumas das características dominantes (mesmo essenciais) da obra de Fellini. Dir-se-á que esta «Sweet Charity» permite um retrato bem mais «rosa» do que aquele que «Cabíria» oferecia. Dir-se-á que Fellini possui um outro fôlego e uma carga poética que Bob Fosse não atinge. Poder-se-á dizer muita coisa, mas a verdade é que «Sweet Charity» mais não pretende ser do que um *musical*, um *musical* que reencontra a tradição americana, revivificando-a por caminhos novos. Para além disto, haverá que referir a inteligência da adaptação. Cabíria numca poderia manter-se na tradição felliniana, em terra da coca-cola. E a Sweet Charity que nos mostram em troca possui uma densidade humana certamente valiosa. Mulher de um outro mundo, habitante de uma sociedade da abundância de cujas contradições morais e sociais é eterna vítima, «Sweet Charity» fornece numerosas pistas novas para uma análise crítica da estrutura social norte-americana. Muito significativa é, neste aspecto, a visita de Sweet Charity a uma agência de empregos, onde se vai oferecer, procurando, assim, «mudar de vida», ser uma «pessoa normal», integrando-se na engrenagem dos «empregos bancários», das «secretárias», do «full time». Evidentemente que se perde aquele olhar de enorme ternura que Fellini soube (como poucos) fazer escapar do miserabilismo de um certo neo-realismo. Mas a emoção mantém-se, americanizada, talvez um pouco mais agressiva, certamente menos optimista (pese embora o pseudo *happy end* final, ele próprio extremamente contraditório e elaborado).

Mas «Sweet Charity» é, sobretudo, espectáculo. Treze números musicais, alguns de antologia. «Hey, Big Spender», «Rich Man's Frug» e «The Rhythom of Life» ficarão, seguramente, entre os melhores exemplos coreográficos do moderno *musical*. A descrição de um *cabaret*, a caricatura estilizada de um clube de milionários ou a espantosa liturgia de Sammy Davis Jr., são três momentos inesquecíveis, que marcam bem a espantosa imaginação de um director, bem assim como o seu sentido plástico da composição e do ritmo.

Acrescente-se a tudo isto a figura de Sweet Charity, criada no melhor estilo da alta comédia por uma Shirley MacLaine, que recorda o majestoso «Deus sabe quanto amei» ou «Irma, la Douce». Acrescente-se um conjunto de actores de excelente presença e talento inequívoco: Ricardo Montalban (que se parodia como *latim lover* da *Cinecittà*; John MacMartin, esplêndido num papel de composição (inesquecível é, também, a sua cena num elevador avariado); Sammy Davis Jr., que tem dez minutos para mostrar o que vale (e consegue); Chita Rivera, Paula Kelly, etc.

Notável é, ainda, a música, assinada por Cy Coleman e dirigida por Joseph Gershenson, bem assim como os *décors* da autoria de Jack D. Moore (de um bom-gosto inexcedível).

LAURO ANTÓNIO

Swet Charity ou Cabíria na terra da Coca-Cola

• NO EDEN

TÍTULO — «Meias Pretas» («All Neat in Black Stockings»).

REALIZAÇAO — Christopher Morahan (Inglaterra).

INTÉRPRETES — Victor Henry, Susan George, Jack Shepherd, Clare Kelly, Anna Cropper, Harry Towb, etc.

Não vi o primeiro filme de Christopher Morahan, «Diamantes ao pequeno almoço». Ou, se vi, não me lembro. Mas a julgar por este «Meias pretas», talvez o jovem realizador que trocou a Televisão pelo Cinema (parabens!) seja um caso a considerar (a merecer, pelo menos, alguma atenção) na mais recente cinematografia britanica — bem necessitada, aliás, de valores em caixa alta, após a eclosão dos «angry» e seu posterior amolecimento.

Baseada numa novela (e disso se ressentindo, pela trama enrodilhada que lhe impede um tratamento mais denso de certas personagens e situações), a fita de Morahan vai buscar ao trivial quotidiano os elementos para uma crónica faceta sobre o modo de amar á inglesa-curta, isto é, sobre o amor tal qual é entendido e praticado por uma pequena burguesia urbana de horizontes limitados entre a ocupação profissional e o prazer (nocturno) do género não-te-rales.

Ginger, o protagonista, é o típico conquistador de bairro: perfume barato, Pepsi-Cola, Brigitte na parede, «venha daí ouvir um disco» (em «pick-up» de plástico) — e já está! — caminha na maior das calmas, chatices nenhumas, jogo de lençois tão descontraído, tão mecanizado, tão assim jogado pela outra parte (as garotas, as curvas delas) que é possível (e ás vezes estratégicamente desejável) o cambio amoroso com o amigo e companheiro de lide — «toma lá a minha, dá cá a tua». Marialva? — Sim, mas á inglesa: sem tabus de nenhuma espécie, sem outro código (proposto e aceite) que o da ligação de circunstancia, modo de passar a noite, alegria breve. Nas andanças do trabalho diário (Ginger limpa vidros por conta própria; tem carrinha, tem bicicleta, tem carro desportivo, consoante as disponibilidades económicas ou as conveniências amorosas), no «pub», nos restaurantes onde rápido mastiga o almoço, encontra o material feminino á sua escala — empregaditas modestas, muito dadas (e emprestadas), muito pronto-a-vestir (e a despir), muito «estás-aqui-estás-no-papo».

É claro que nesta «dolce vita», nesta mera ginástica sexual, vai surgir o acidente — e com ele a primeira (e ultima) noção de uma responsabilidade (de uma gravidade) ligada á prática amorosa: uma garota «diferente», «com classe», de exigir regras de comportamento. Aí temos o nosso conquistador submetido a ponto de arre-

(Continua na pág. seguinte)

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS Telefone 28 09 19

Com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol o Teatro Experimental de Cascais apresenta hoje e todas as noites às 22 HORAS

ANTEPASSADOS VENDEM-SE
de JOAQUIM PAÇO D'ARCOS
M/17

«*Um acontecimento teatral. Peça moderna, plena de claridades... Variedade, riqueza de intenções, de idcias, de factos, de juízos. Em vez duma ironia feita de palavras, uma ironia feita de situações. «Antepassados, Vendem-se» não deixa um só espectador indiferente. Está acima, muito acima de se gostar ou não se gostar dela.*»

da crítica do «Diário de Notícias»

«*Um autor que não se deixa envelhecer, antes deseja sempre acertar o passo com as correntes estéticas actuais, num escalão de modernidade que envolve tanto a análise psicológica como a visão social dos comportamentos humanos, dentro de uma rigorosa e equilibrada expressão dramática.*»

da crítica de «O Século»

«*A obra constroi-se numa toada que nunca esquece a reprodução da realidade; ergue-se num ritmo espectacular vivo e interessante; descreve, em termos de boa literatura teatral, um conjunto psicológico rico e profundo. Peça difícil, sem duvida, pelo desencanto que não esconde e pelo virtuosismo técnico que implica.*»

da crítica de «A Voz»

Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro e pela Fundação Calouste Gulbenkian

• Hoje, às 20,45 e 23 horas
MARIA VITÓRIA
EM SENSACIONAL 4.º MÊS, A REVISTA DE ENORME ÊXITO:
• ESPERTEZA SALOIA
ADULTOS

VÍTOR MENDES no «Salva-vidas»

O triunfo de um óptimo elenco, com:
• SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA • BARROSO
LOPES • DORA LEAL
A atracção nacional
• HELENA TAVARES
A atracção filipina
• «THE MELODIES»
À frente de uma grande companhia

• DOMINGO: «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

COLISEU
HOJE, às 21.30
(Maiores 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970
Números de sensação
AMANHÃ: À tarde, entrada gratuita ás crianças até 10 anos. À noite, podem assistir crianças a partir dos 6 anos.
O Grande Carnaval de Lisboa é o CARNAVAL DO COLISEU

CAPITÓLIO
HOJE, ÀS 21.45 HORAS
«O CRAVO ESPANHOL»
de Romeu Correia
AMANHÃ, ás 16 horas:
Tarde a preços reduzidos
M. 17 anos Tel. 32 03 79

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ÊXITOS AUSTIN 1969 CAMPEONATO NACIONAL DE RALLIES

50 ANOS AUSTIN

1.º LUÍS NETTO **3.º** CÉSAR TORRES **4.º** FERNANDO BAPTISTA

CLASSIFICAÇÕES SUJEITAS A HOMOLOGAÇÕES OFICIAIS

RALLY DAS CAMÉLIAS: 1.º DO GRUPO
2.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL CONDUZIDO POR LUÍS NETTO

RALLY DAS ANTAS: 1.º DO GRUPO
CONDUZIDO POR FERNANDO BAPTISTA

GRANDE RALLY DO BENFICA VENCEDOR ABSOLUTO
CONDUZIDO POR LUÍS NETTO

VOLTA AO MINHO VENCEDOR ABSOLUTO
CONDUZIDO POR CÉSAR TORRES

RALLY DA MONTANHA VENCEDOR ABSOLUTO
CONDUZIDO POR LUÍS NETTO

RALLY DO FIM DO ANO (PROVA EXTRA CAMPEONATO)
1.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL CONDUZIDO POR FERNANDO BAPTISTA
2.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL CONDUZIDO POR CÉSAR TORRES

TAÇA DAS SENHORAS VENCEDOR ABSOLUTO
CONDUZIDO POR MARIA TERESA TORRES

DIST. GERAIS: **J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L.** LISBOA·PORTO·EVORA
BRAGA·SANTARÉM·MATOSINHOS · AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

VASCO MORGADO apresenta
SÓ PARA ADULTOS

HOJE, às 21 h. e às 23 horas

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

A ALEGRE E PICANTE COMÉDIA

O VISON VOADOR

COM

RAUL SOLNADO

Io Apoloni ● Artur Semedo ● Fernanda Borsatti ● Vasco de Lima Couto ● Yola ● David Silva ● Georgina Cordeiro ● Rolando Alves ● Maria e a colaboração de Maria Paula

IO APOLONI, ARTUR e RAUL no momento da peça em que o vison voa e deixa IO nesta «alegre figura»

UMAGARGALHADAPEGADA!

PRÉDIO A 7%
ALTO SÃO JOÃO

Construção moderna em cimento armado, composto de 5 pisos hab. de 3 e 5 div. soalhadas, cozinha, 1 e 2 casas de banho, despensa, marquise e hall.
Rendimento — 233.400$00
Preço — 3.300.000$00.

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telf. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

DISCOS Estab. MELODIA
LISBOA – R. DO CARMO, 88
PORTO – R. DE S.TA CATARINA, 880
R. DE S.TO ANTÓNIO, 35

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

cadar economias «para o futuro» e, concomitantemente, a idealizar a amada segundo o seu agora nascente código de honra — ou de «respeito».

Está o leitor a pensar na «Cartilha do Mariafilva»? — Pois terá razão, mas só até certo ponto: é que depois de um quiproquó, em que a virginal amada perde a condição de virgem e ganha a de futura mãe graças ao sempre pronto companheirismo do amigo de Ginger, este (bem diferentemente do clássico machista lusitano) não repudia a «leviana», antes se prontifica ao matrimónio, acedendo mesmo ao ridículo cerimonial imposto por uma sogra á-maneira-antiga. «Happy End»? Não senhor: o nosso homem acabará por desprezar a rapariga (isto não sem antes ter seduzido a senhora sua sogra), voltando ao modo inicial da aventura fácil.

Diz-me como amas, dir-te-ei quem és. Neste dizer «quem é» o protagonista, Morahan não se limita ao esboço psicológico, não se confia na nº caso particular. Feitas as contas, estamos perante uma análise sociológica de evidente penetração crítica: veja-se a agudeza descritiva dos ambientes, o modo de olhar uma cidade invadida por gigantescos «placards» publicitários, a ironia com que é destruída a funcionalidade dos objectos — tudo servido por uma camara límpida, ágil e reveladora.

Descontado o que lhe vem da urdidura literária (seu defeito maior, até por cair numa extravagancia prefabricada e em absoluto marginal) «Mãos pretas» tem desde já aquele mínimo de propriedade narrativa e de intervencionalidade temática que justifica uma abordagem atenta. É que Gingers não nos faltam!

V. S. T.

SMITHEE: UM «WESTERN» INTELIGENTE

inteligente e de uma factura técnica verdadeiramente impecável. «A Morte de um Pistoleiro» coloca-se na linha de alguns dos mais recentes *westerns* que pretendem regressar á mitologia própria do género, ao mesmo tempo que conseguem modernizar-lhe as estruturas externas, enriquecendo-as com prolongamentos diversos.

«A Morte de um Pistoleiro» não é propriamente um *western* de acção, mas sim um filme que cria (e vive de) um ambiente de rara densidade emotiva que se gera em redor do *sheriff* de uma cidade americana no limiar do século XX. Vinte anos de serviço fizeram dele um profissional imbatível, um *gunfighter* acostumado á morte, ao mesmo tempo que o integravam no seio de uma sociedade sustentada por meia duzia de poderosos que assim se viam ilibados de suspeitas e culpas. O *sheriff* Frank Patch não é mais um incorruptível ao serviço da lei, mas um bom profissional servindo uma estrutura. Mas no limiar do século XX. Mesmo esse profissional cumpridor e violento se torna perigoso e ameaçador para os que detêm o poder. Torna-se então necessário afastar do caminho este empecilho inesperado. Reune-se o conselho municipal, que resolve destituir o *sheriff* do seu cargo, mas este não aceita a demissão que lhe oferecem e irá até *hara-kiri* filmal, baqueando crivado de balas dos fiéis condidadãos na praça publica de uma qualquer cidade americana. O progresso (ou a civilização), entendido como meta de maior lucro, assim o exige. Um «progresso» e uma «civilização» estigmatizadas no decorrer da hora e meia de cinema que Allen Smithee assina, sobre argumento de invulgar contextura devido a Joseph Calwell, que o extraiu de um romance de Lewis B. Patten.

O filme de Allen Smithee distingue-se, porém, não só pelo inteligente argumento de que parte e que desenvolve, mas também pela riqueza plástica dos *décors*, pela magnífica fotografia de Andrew Jackson (jogando sàbiamente com as sombras e as luzes) e pela excelência de toda a equipa de intérpretes, comandada pelo sempre vibrátil e nervoso Richard Widmark, e onde se podem assinalar alguns dos mais famosos secundários do cinema americano (entre eles Lena Horne, David Opatoshu, Ken Smith, John Gavin, Jacqueline Scott, etc.).

«A Morte de um Pistoleiro», repetimo-lo para que o leitor não o esqueça, não é um filme de mera acção, gratuita e exterior. Muito pelo contrário o dinamismo da sua história é todo ele feito de pequenos silêncios, de gestos, de olhares, de interioridade, de emoção. Não espere, portanto, duelos sangrentos ou mortes sádicas. Se prefere isso espere por «Adeus, Texas», *western* italiano que se anuncia para dias próximos na mesma sala. Alli sim, terá de tudo isso e falso e mau e pulha. Em «A Morte de um Pistoleiro» vai reencontrar unicamente a respiração do velho Oeste, dos seus homens desesperados, passado que foi o tempo da sua existência. O herói cansado, eis Richard Widmark. «A Morte de um Pistoleiro» vem, afinal, na linha de um «Will Penny» ou de um «Chuka». Quem gostar, não perca. — *L. A.*

● NO POLITEAMA

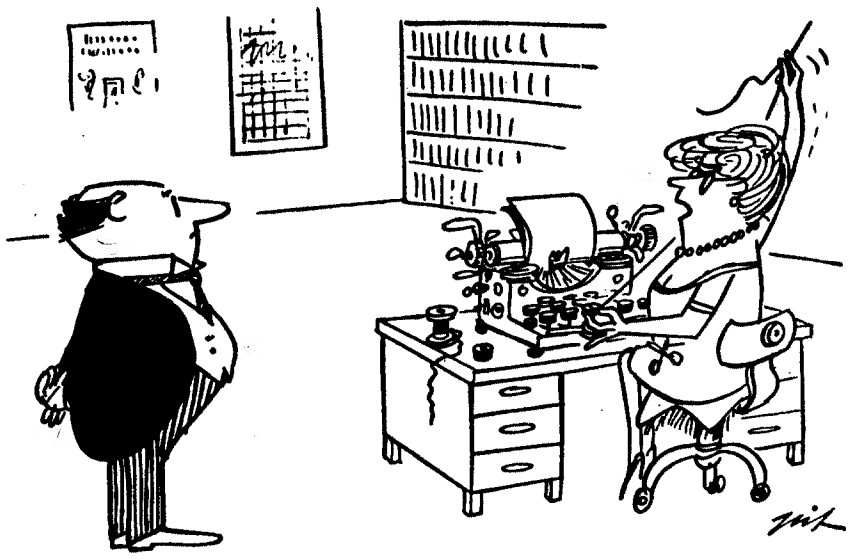
TÍTULO — «A Morte de um Pistoleiro» («Death of a Gunfighter»).

REALIZAÇÃO — Allen Smithee, 1969 (E. U. A.).

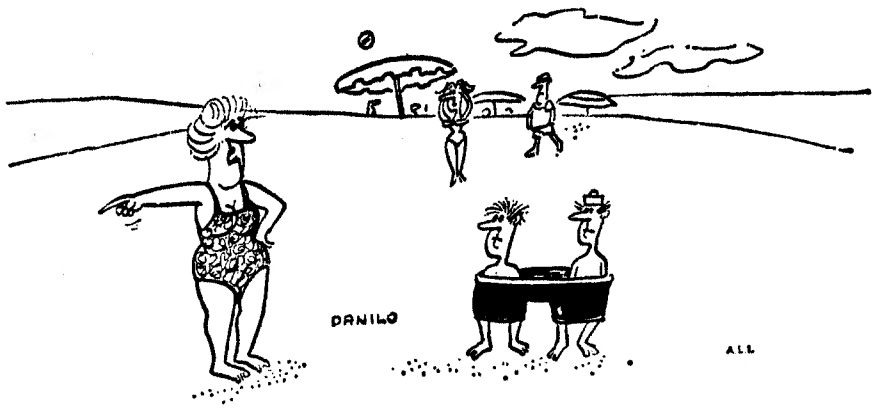
INTÉRPRETES — Richard Widmark, Lena Horne, Carrol O'Connor, David Opatoshu, Kent Smith, Jacqueline Scott, John Gavin, etc.

Agradável surpresa a que ontem o Politeama nos proporcionou com a estreia de um *western* invulgarmente

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO



— É urgente comprar uma máquina de escrever, patrão!



— Devolvam imediatamente o calção de banho a vosso pai!

COMEÇA ESTA NOITE A TEMPORADA LÍRICA NO TEATRO S. CARLOS

O Teatro Nacional de S. Carlos inaugura hoje, às 21 e 15, a temporada de ópera de 1970, cantando-se a «Ariana em Naxos», de Richard Strauss, uma das mais representativas obras do teatro lírico do nosso século. Dirigida pelo maestro Friedrich Pleyer, que conduz a Orquestra da Emissora Nacional, e encenada pelo regista Karlheinz Haberland, «Ariana em Naxos» será cantada por um grandioso elenco de artistas internacionais e portugueses: Theresa Stich-Randall, Bella Jasper, Irmgard Stadler, Eugene Tobin, Heribert Steinbach, Andreas Angrelli, Karl Krollmmann, Heinz Günther Zimmermmann, Walter Hagner, Wolfgong Anheiser, Álvaro Malta, Doris Lorenz, Rita Maria Lill, Marie Therese Freymann, Siegfried Köhler, Ernesto Cardoso e João Pessanha. Cenários de mestre Alfredo Furtiga.

O espectáculo repete-se no domingo, às 16 e 30, em tarde cultural.

Artes plásticas

A exposição de João Reis na S. N. B. A.

Todos os anos João Reis comparece na Sociedade Nacional de Belas-Artes. O profissional que é, herdeiro de um dos nomes altos da pintura portuguesa na transição do século passado para o actual, mantém-se fiel ás salas do organismo onde há mais de meio século se apresenta. E igual fidelidade conserva pela gramática em que aprendeu a pintar, embora a largueza de muitas das obras que ali vemos nos diga que ninguém é indiferente ás tendências do seu tempo.

Igual fidelidade conserva João Reis pela tradição de evocar a presença de seu pai em todas as suas exposições. E lá figura este ano um retratinho da «filha Leonor», entrelaçando o pintor de ontem, o de hoje e seus familiares.

João Reis apresenta-nos 37 obras, sobretudo paisagem desde recantos de Lisboa, á sua tão querida Aldeia das Lapas, a Ribeira Branca e a beira-rio. De Lisboa sobrelevam duas telas grandes, uma pochade em claro-cinza e o casario largo e denso da Sé, com suas tonalidades fulvas de poente.

Em «Acampamento de Ciganos» o movimento e a cor sobrelevam. «Mata do Guincho» (16), o casario do Casal Ventoso, as marinhas, e aqueles brancos do «Largo da Igreja» e do «Largo do Borralho», os fundos da Serra de Aire, merecem relevo especial na obra deste artista e na exposição com que continua as suas tradições de presença nas salas da Rua Barata Salgueiro.

O Duo Ouro Negro prossegue a sua digressão pelos palcos dos Estados Unidos. Desde o dia 7 do corrente já actuou em Deep River, Coburg, Barrie, Oakville, Chicago, La Porte, Milwaukee, Belvedere, Evansville, Grands Rapids, Irons Mountains, Green Bay, Minneapolis e Fargo. Até ao fim de Janeiro a dupla portuguesa ainda se apresenta em Willinston, Laramie, Sterling, Colorado Springs, Rawlins, Salt Lake City e Twinn Falls, na maioria destas localidades em espectáculos destinados a publico universitário

Pràticamente esgotada a lotação do Maria Matos para a estreia de «A Relíquia»

Prossguem actívamente os trabalhos de reparação do palco giratório do Teatro Maria Matos, onde se registou uma grave avaria. Essa reparação, após concluída, permitirá proceder aos trabalhos finais de apuramento da encenação da sgunda peça da temporada a apresentar pelo Teatro Maria Matos, trabalho entregue a Artur Ramos que é co-autor, com Luís Sttau Monteiro, da teatralização da obra de Eça de Queirós, «A Relíquia».

O segundo espectáculo apresentado por Igrejas Caeiro no Teatro Maria Matos conta, ainda, com a colaboração de João Abel Manta, autor dos cenários e figurinos, e de um valioso elenco do qual fazem parte muitos dos melhores actores da cena portuguesa.

Entretanto, continuam á venda os bilhetes para os primeiros dias, estando praticamente esgotada a lotação

VIDA MUSICAL

Concerto inaugural no grande órgão da Fundação Gulbenkian

Inaugura-se amanhã, ás 16 e 30, o grande órgão do Auditório da Fundação Gulbenkian, com a realização de um concerto pelo organista Pierre Cochereau e pelo trompetista Roger Delmotte.

Com este concerto inaugura-se, também, o ciclo de musica de órgão que a Fundação Gulbenkian promove todos os anos, iniciativa artístico-cultural que se insere no seu plano de ressurgimento da cultura organística em Portugal.

Aqueles artistas apresentarão ao publico um programa com as seguintes obras: quatro sonatas de Carlos Seixas; duas sonatas para trombeta e órgão, respectivamente, de Corelli e de H. Purcell; «Natal», de N. Séjan; «Versos», de M. Rodrigues Coelho; «Ofertório», de Fr. Couperin; Preludio e tripla fuga, em mi bemol, de J. S. Bach, e Preludio do «Te Deum», para trombeta e órgão, de M. A. Charpantier.

No domingo, ás 16 e 30, estes dois artistas apresentarão ao publico da Sé Catedral um programa totalmente diferente. Os bilhetes para estes dois concertos encontram-se á venda na Fundação Gulbenkian.

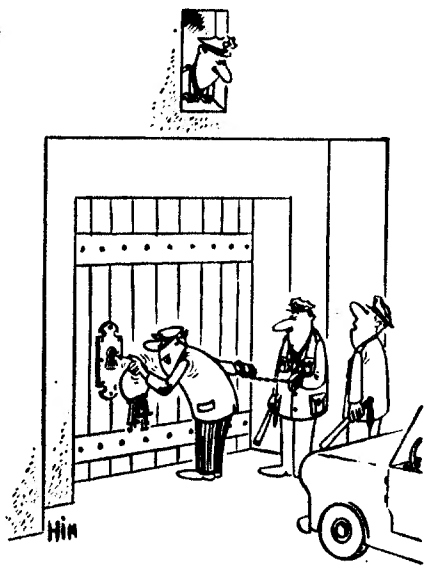
Concerto pela Banda da G. N. R.

No domingo, ás 11 horas, a Banda de Musica da G. N. R. dá mais um concerto no Teatro da Trindade, sob a direcção do maestro capitão Silva Dionisio.

Saudade dos Santos no «M. I. D. E. M.-70»

Saudade dos Santos, que se deslocou a Cannes com os responsáveis pela etiqueta discográfica «Estúdio» (Emílio Mateus e dr. Carlos Ribeirinho actuou ontem perante diversos editores presentes no «M. I. D. E. M.-70», após o que firmou contrato para cantar na Radiotelevisão italiana e estar, também, no cartaz da próxima «Olimpíada da Canção», a efectuar em Atenas.

— Todas as saídas estavam vigiadas, chefe, mas o Torcato escapou-se por algum lado...



— Perdemos a chave...

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

NO TEATRO VARIEDADES T 32 60 37
HOJE e todas as noites, às 20.45 e 23 h.
DOMINGO: «matinée» às 16 horas
ADULTOS
A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO
2.º MÊS
PEÇO A PALAVRA!
RIA COM
AIDA BATISTA ● CARLOS COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA GUERREIRO
V. ESPADINHA ● M. FRANCO
e a atracção nacional
ANTÓNIO CALVÁRIO
á frente de um grande elenco
Um sensacional «BALLET» internacional
ELOÍNA em «Telefone de luxo»
Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

ITAU
INSTITUTO TÉCNICO DE ALIMENTAÇÃO HUMANA
GABINETE DE INVESTIGAÇÃO E PEDAGOGIA
Direcção de JÚLIO ROBERTO
CURSOS DE ALIMENTAÇÃO RACIONAL
ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES
INFORMAÇÕES: Na Av. da Republica, 46-A, r/c.-Esq.
LISBOA — Telefs.: 763307 - 763201 - 763283

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO

Actualidade internacional

O TENENTE WILLIAM CALLEY (á direita) foi alvo de nova acusação: a de ter assassinado, no Vietnam do Sul, um civil, seis semanas antes da acção em que participou, na aldeia de My Lai, cujos habitantes, segundo se afirma, foram chacinados

OS «QUATRO GRANDES» ESTUDAM PROPOSTAS FRANCESAS SOBRE O MÉDIO ORIENTE

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 23 — (R.) — Representantes das quatro grandes potências junto da O. N. U. reunem-se hoje para discutir novas propostas francesas para uma solução pacífica no Médio Oriente.

Os embaixadores estudarão, também, um relatório preparado pelos seus adjuntos durante a semana passada, destinado a estabelecer pontos de acordo entre si.

Os deputados avistaram-se por duas vezes recentemente a pedido da França e, no princípio desta semana, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Michel Debré, afirmou que o seu país tencionava apresentar novas propostas.

Os representantes da França, Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética conferenciarão, às 15 horas T.M.G., na residência do enviado americano, Charles Yost.

Fontes diplomáticas avisaram, porém, para não se esperar que um comunicado conjunto fosse emitido no fim da conferência. Afirmaram que, embora se registasse «certo movimento» nos ultimos meses, as posições da U.R.S.S. e dos Estados Unidos se encontravam ainda separadas por um profundo abismo em muitas questões importantes.

Segundo fontes fidedignas, o Governo americano contactou nas ultimas semanas com vários Governos árabes, numa tentativa para lhes «vender» dois planos de paz preparados por Washington no fim do ano passado.

Embora os planos tivessem sido violentamente criticados tanto em Israel como no mundo árabe, diplomatas americanos afirmaram julgar que a atitude dos Estados árabes não é de rejeição total.

As mesmas fontes previram pouco progresso nas conversações entre os quatro grandes até os resultados dos contactos dos Estados Unidos serem conhecidos em Washington.

Três árabes condenados a prisão perpétua em Israel

LYDDA (ISRAEL), 23 — (R) — Um tribunal militar israelita condenou ontem a prisão perpétua duas mulheres e um homem árabes por colocarem uma carga explosiva em Fevereiro último num supermercado de Jerusalém, que matou dois estudantes e feriu dezenas de pessoas.

Foram também considerados culpados de colocarem explosivos no ano passado junto do consulado britânico em Jerusalém.

As mulheres são Rassmiya Ouda, uma estudante de 22 anos, e Ayissa Ouda, de 27, professora e prima da primeira. Foram condenadas juntamente com Yaakub Ouda, de 27, de Jerusalém, que não é seu parente.

Mahmud El Obeida, um carpinteiro de 24 anos, foi sentenciado a 15 anos de cadeia o membro mais jovem do grupo, Samiya El Tuwil, uma estudante de 17 anos, foi condenada a cinco anos de prisão.

Após ser pronunciada a sentença, Yaakub Ouda voltou-se para os jornalistas e declarou: «Escrevei nos vossos jornais que os nossos camaradas continuarão até ao fim.

PAPEL MUNDIAL MAIS TRANQUILO PARA OS EUA

WASHINGTON, 23 — (R.) — O presidente Nixon planeava, de acordo com a sua mensagem sobre o «Estado da União», que comunicou ontem ao Congresso, um papel mundial mais tranquilo para os Estados Unidos, evitando envolvimentos no estrangeiro e dedicando mais energia para solucionar prementes problemas internos.

«Seremos fiéis aos nossos compromissos por tratados, mas reduziremos o nosso envolvimento e a nossa presença nas questões de outros países», declarou o presidente.

Esta nova orientação política — uma extensão abrangendo todo o mundo da doutrina asiática que Nixon esboçou, pela primeira vez, em Guam, em Julho passado, assim como a referência de progresso para se conseguir a paz no Vietnam — parecia corresponder ao que o presidente considera como o actual modo de sentir dos Estados Unidos.

Observadores diplomáticos disseram que ela representava um corte final com a doutrina de retaliação maciça dos anos 50 e da era de confrontação que persistiu nos anos 60.

Apenas os traços largos da nova atitude de Nixon quanto a negócios estrangeiros estavam contidos no seu discurso de 35 minutos, que tratou, principalmente, da luta contra a inflação na frente interna e meios de combater o crime e a poluição. Contudo, o presidente prometeu revelar detalhes dessa atitude numa mensagem especial sobre política externa, a proferir no próximo mês.

Recontros em Itália entre a polícia e manifestantes

REGGIO DI CALABRIA, 23 — (R.) — Vários manifestantes e polícias ficaram feridos em recontros que se registaram ontem durante protestos organizados por trabalhadores contra demoras na concessão de subsídios á industria produtora de azeite.

Ocorreram desordens e janelas foram estilhaçadas quando a Polícia fez recuar mais de mil manifestantes que tentavam invadir o edifício da prefeitura nesta cidade do Sul da Itália.

Foram presos vários manifestantes.

EM QUESTÕES DE DINHEIRO...

o nosso objectivo é

DINAMISMO
EFICIÊNCIA
SEGURANÇA

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

AVIÕES EGÍPCIOS ATACAM A ILHA OCUPADA

TEL-AVIV, 23 — (A. N. I.) — Aviões egípcios bombardearam hoje a sua ilha-fortaleza de Shadwan, no Mar Vermelho, conquistada ontem por forças pára-quedistas israelitas, anunciou um informador militar em Tel-Aviv, acrescentando que não houve baixas entre a guarnição israelita da ilha.

Às 21 e 45 (T.M.G.) de ontem, as forças israelitas na ilha de Shadwan anunciavam que dois pequenos barcos egípcios tentaram aproximar-se da ilha, mas foram recebidos com intenso fogo de artilharia e armas automáticas e retiraram, acrescentou o informador.

O bombardeamento aéreo foi efectuado aos 15 minutos de hoje (T.M.G.), tendo um ou dois aviões egípcios deixado cair «um numero de bombas». Estas atingiram a parte Sul da ilha, disse ainda o informador, segundo o qual, ás 8 e 15, a ilha ainda continuava em poder dos pára-quedistas de Israel.

Na operação — recordou — os egípcios sofreram 19 mortos e 41 capturados e os israelitas três mortos e seis feridos.

VERSÃO EGÍPCIA

CAIRO, 23 — (R.) — Segundo anunciou hoje um informador militar, nos combates travados na ilha de Shadwan, onde desembarcou ontem uma força aerotransportada israelita, o numero de mortos e feridos foi de 55 israelitas e 50 egípcios.

O informador acrescentou que na madrugada de hoje a aviação egípcia atacou a parte da ilha onde os israelitas conseguiram desembarcar.

A noticia dada hoje pelo informador militar é a primeira confirmação do Cairo de que as tropas israelitas tinham desembarcado realmente na ilha.

Durante a luta travada ontem a defesa antiaérea egípcia abateu um caça Mirage e um Skyhawk israelitas.

Tropas egípcias lutavam ainda a noite passada com uma força aerotransportada israelita na pequena ilha de coral de Shadwan.

MANIFESTAÇÃO EM PARIS a favor das vítimas da guerra nigero-biafrense. A manifestação, organizada pela comissão de paz para a Nigéria e presidida pelo antigo ministro Roberto Buron, teve lugar, em frente do Palácio Chaillot

NÃO HAVIA EM SHADWAN CONSELHEIROS RUSSOS — INFORMAM OS ISRAELITAS

TEL-AVIV, 23 — (F. P.) — «Não sei dizer quanto tempo ficaremos na ilha de Shadwan. Em todo o caso, quanto mais tempo decidirmos lá ficar, maior será a pressão sobre o Egipto, como nós pretendemos», declarou ontem á noite em Tel-Aviv um oficial superior do estado-maior israelita, acrescentando: «A nossa presença naquela ilha deve ser bem incómoda para os egípcios, que têm a 30 km de distância a sua maior base naval do Mar Vermelho».

«Os egípcios não sabem se a nossa operação constitui um acto isolado ou é a preparação de um movimento ainda maior. A sua unica tentativa de intervenção, até agora, consistiu no envio de duas vedetas lança-torpedos, que a nossa aviação meteu a pique a 15 km da ilha», disse ainda o oficial superior, que fez mais as seguintes afirmações:

1 — Não houve em momento algum intervenção da aviação egípcia, apesar de haver uma base aérea a 30 km.

2 — Não havia conselheiros russos na ilha, cuja guarnição variava entre 60 e 70 homens.

3 — O oficial de mais alta patente era um capitão, que foi morto. Foi também capturado, e ferido, um tenente.

4 — O numero das baixas egípcias (19 mortos e 41 feridos) não inclui as tripulações das vedetas afundadas. Essas tripulações são de cerca de 20 homens.

5 — O radar capturado na ilha é de fabrico britânico recente. Através dele, os egípcios controlavam todos os movimentos de navios que passavam do golfo de Suez para o Mar Vermelho.

Heykal pede mais veracidade nos comunicados egípcios

CAIRO, 23 — (R.) — Um confidente íntimo do presidente Nasser revela hoje, pela primeira vez no Egipto, pormenores do roubo de equipamento de radar feito no mês passado por Israel e afirma que tais perdas não deveriam ser mantidas secretas para o povo.

Mohammed Hassanein Heykal, editor do autorizado jornal «Al Ahram», declara na sua coluna regular de sexta-feira: «O mínimo que podíamos ter feito era admitir o que acontecera e afirmar que fora um grande disparate ou um grande crime e que os responsáveis tinham sido punidos com a pena máxima nos termos das leis militares.»

Heykal critica, também, os lacónicos comunicados militares emitidos após ataques israelitas em território egípcio por acentuarem que não se registaram perdas, o que era menos importante do que os efeitos psicológicos dos ataques.

Travar uma guerra psicológica, prossegue o jornalista egípcio, não era da responsabilidade da máquina bélica, mas da máquina política. «Não devemos falar de canhões, tanques, aviões e submarinos quando a guerra começou nos campos das mentes e dos nervos».

Heykal diz ainda que a melhor maneira de enfrentar uma guerra psicológica é efectuar uma conciliação com a verdade. Isso significa que o Egipto deve empregar linguagem que respeite a verdade, mas que não revele segredos.

O equipamento de radar apreendido, asseverou o jornalista, não era uma arma secreta e valia menos do que 1092 contos. Equipamento semelhante fora obtido por Israel no Sinai em 1967.

GOWON AUTORIZOU VOOS DE ABASTECIMENTO PARA BIAFRA

LAGOS, 23 — (R.) — O major-general Yakubu Gowon, chefe do Estado da Nigéria, autorizou a noite passada que os abastecimentos de socorro fossem aerotransportados para três pistas de aterragem na Nigéria Oriental.

Contudo, pôs de parte a utilização de Uli, anteriormente a unica ligação de Biafra com o mundo exterior, para aumentar o movimento de auxílio aos infelizes ibos no antigo enclave rebelde.

«Não pensemos em Uli» — declarou o general Gowon numa conferência de Imprensa nesta cidade. «Já foi demasiado utilizado na politica internacional».

Os três aeroportos indicados a noite passada como centro dos abastecimentos de socorro foram os de Port Harcourt, Enugu e Calabar, que formam um triângulo rodeando a maior parte da área do antigo Estado separatista.

Tropas indonesias de prevenção

DJACARTA, 23 — (R.) — Tropas indonésias foram colocadas hoje de guarda aos edificios do Governo em Djacarta ao mesmo tempo que o Exército preveniu que quaisquer manifestações serão reprimidas enérgicamente.

Estas medidas seguem-se a recentes manifestações de protesto contra o aumento do custo de vida, a ultima das quais se registou ontem quando mais de seis mil jovens desfilaram pelas ruas manifestando-se contra o aumento do preço dos combustiveis.

Os manifestantes bloquearam o trânsito e causaram engarrafamentos, ao mesmo tempo que agitavam cartazes exigindo a formação de novo Gabinete e o abaixamento dos preços.

O petróleo caseiro, que na Indonésia é o principal combustivel usado para cozinhar e para a iluminação, sofreu um aumento de cem por cento destinado a financiar o desenvolvimento económico do Irião Ocidental.

O Congresso Judaico Americano contra a política de Pompidou

NOVA YORK, 23 — (R.) — O Congresso Judaico Americano condenou a noite passada a projectada venda de 100 aviões de combate á Líbia como «uma desprezível procura de influência e de direitos petrolíferos entre os xecados e as ditaduras do mundo árabe».

O Congresso previu uma comunicação que durante a visita do presidente Georges Pompidou no próximo mês aos Estados Unidos poderiam ocorrer manifestações de desaprovação pela atitude francesa.

O Congresso Judaico Americano pediu ao dirigente francês para «repudiar a sua política no Médio Oriente, levantar o embargo de armas contra Israel e reafirmar o compromisso tradicional da França com os valores democráticos e humanos».

O «ESQUADRÃO DA MORTE» PROJECTA 12 EXECUÇÕES?

SANTOS, 23 — (R.) — O «Esquadrão da Morte» de Santos (Balas de Prata) tenciona «executar» 12 «criminosos», anunciou um indivíduo que se intitula «O Lírio Branco de Santos» e que afirma ser o porta-voz da secção de relações publicas do esquadrão «Lírio Branco» telefonou para a Polícia anunciando que os 12 criminosos, a maior parte traficantes de drogas e ladrões de automóveis, seriam mortos para abrir caminho para um Carnaval decente no próximo mês.

BEDFORD KGL

CARGA ÚTIL 8 000 KGS
COMPRIMENTO MÁXIMO DE CAIXA 6 *METROS*
NOVO MOTOR "BEDFORD" DE INJECÇÃO DIRECTA COM 124 BHP.

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a
SOREL
Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 58111
Rua D. Luiz I, 28 - Telef. 662755 - LISBOA
CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

TUTTI MUNDI DRUGSTORE

APRESENTA ALGO DE NOVO EM PORTUGAL
MÚSICA NA SUA MESA
A magia e o fascínio da autêntica música zíngara
PELO CONJUNTO DE
MAURICE TOUBAS
CHÁ DAS 16.30 AS 18.30 HORAS
E NO JANTAR DAS 21 H. EM DIANTE
A ACTUAÇÃO DESTA ORQUESTRA É POR TEMPO LIMITADO
Aceitam-se marcações de mesa pelo Telef. 71 40 21
GARAGEM PRIVATIVA
ENTRADA LIVRE E SELECCIONADA

«De quem me havia de queixar, se não sei quem foi?» — diz, triste, um ardina com mais de 30 anos de «venda»

Queixam-se os ardinas:

DESAPARECEM OS JORNAIS E LÁ SE VAI O GANHO

É ingrata a vida dos ardinas. Afirmação que não traz qualquer novidade, merece, no entanto, ser repetida agora, a propósito do que vamos dizer.

Como se sabe, eles ganham á percentagem. Quantos mais jornais venderem, mais ganham, é claro. Uns têm sorte — dispõem de um local «rentável», isto é, com grande número de «consumidores», e daí o auferirem salário (como se lhe há-de chamar?) mias ou menos compensador. Outros são mais infelizes — têm de correr de eléctrico para eléctrico, gritar, percorrer quilómetros na sua faina.

Cada jornal que o ardina vende, portanto, representa certo lucro. No entanto, um exemplar extraviado, perdido, não cobrado por distracção, etc., corresponde a um prejuízo só compensável com a venda de muitos outros exemplares.

Ora, acontece que certos vendedores têm vindo a verificar que, ùltimamente, estão a desaparecer-lhes jornais — tantos hoje, tantos amanhã, ao fim do mês é um dinheirão de prejuízo.

O sr. João Gonçalves — por exemplo — que, há mais de 30 anos, vende na Avenida Fontes Pereira de Melo, junto ao café «Casa Mourisca», tem sido das maiores vítimas dos «amigos dos jornais á borla». Disse-nos:

— Olhe, em dois dias seguidos, desapareceram-me nada menos de 182 jornais da tarde: 122 no primeiro e 60 no segundo. Um «record»...

— E queixou-se a alguém?

— Se eu não sei quem foi, de quem me havia de queixar?

— Bem, mas devia...

— Sim, comuniquei ás empresas dos jornais. Mas que culpa têm elas disto?

Como se rouba um jornal? Claro que o leitor comprou (ou pediu emprestado a um amigo, caso não esteja a espreitar por cima do ombro, no eléctrico) o jornal que está a ler. Não está, pois, certamente, interessado em saber. Mas sempre diremos como é, pela boca do sr. Gonçalves:

— A gente chega, põe os jornais no lugar, e depois anda a vender por aqui. Quando a gente se afasta do lugar é que eles atacam, é claro.

Quem rouba os jornais? Tarefa para detective, que não para jornalista. Este dirá, simplesmente, que o surpreende tanto *amor pela leitura...*

Outras vítimas dos larápios dos jornais têm sido, nomeadamente, os srs. Manuel Bastos (á porta do Tivoli) e Agostinho (no Marquês de Pombal).

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Os bancários do Porto pretendem a suspensão ou redução das horas extraordinárias

PORTO, 23 — Revestiu-se de extraordinário interesse para a classe a nova reunião, em sessão extraordinária, da assembleia geral do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários, que decorreu, sob a presidência do sr. Joaquim Coelho dos Santos, no salão da F. N. A. T. Duraram cerca de três horas os trabalhos, nos quais tomaram parte centenas de funcionários bancários, interessados na discussão do importante problema das horas extraordinárias na tarefa profissional.

Para definir o trabalho suplementar, detendo-se na apreciação do sistema de trabalho extraordinário, que, presentemente, é utilizado pela grande maioria dos bancos, usou da palavra o sr. Francisco Portela Gonçalves. Disse que ás empresas bancárias interessa manter as horas extraordinárias, sistema que — disse — representa para as mesmas grande economia, pois, assim, evitam aumentar os quadros do pessoal. Acrescentou que o receio de verem, no fim do ano, reduzida a sua gratificação ou de terem uma má informação se torna no motivo que leva os funcionários a fazerem horas extraordinárias, denunciando, deste modo, o orador a coacção exercida sobre aqueles. Disse, também, que, na maioria, as empresas estão a utilizar, diàriamente, o regime de horas extraordinárias, as quais, por lei — acentuou — só devem ser feitas a título excepcional.

Usando, em seguida, da palavra, o sr. Arlindo Ferreira Coelho apontou os inconvenientes das horas extraordinárias. Sobre o que se pronunciou, ainda, o sr. Ramiro Mourão.

Depois, o sr. Joaquim Marques, presidente da direcção do Sindicato, ocupou-se, também, do problema das horas extraordinárias, regime no qual — disse — a maioria dos bancos mantém o seu pessoal permanentemente. E citou os nomes de algumas dessas empresas e números estatísticos, pelos quais se verifica que, num banco da cidade, se fizeram, no curto espaço de cinco meses, 18 416 horas extraordinárias, e que, dos 339 empregados que essa casa tem ao seu serviço, 213 prestaram trabalho suplementar, chegando alguns a fazer, no período referido, mais de 200 horas. Com este sistema — acentuou — o banco em questão evitou contratar vinte e três empregados!

A resolução da assembleia

Foram, a seguir, enviadas para a mesa uma proposta e uma moção sobre o problema debatido. A primeira, por estar contida na moção, foi retirada pelo proponente. E, após novas intervenções, foi aprovada, por aclamação, a referida moção, cujas conclusões são as seguintes:

1) O trabalho suplementar considerado pela regulamentação como regime de excepção é seguido em regime normal, devendo, por isso, ser suspenso ou reduzido a quatro semanas em cada ano na altura do fecho do balanço;

2) A direcção do Sindicato, depois de ouvir as direcções dos Sindicatos de Coimbra e Lisboa em tal sentido, deverá dar conhecimento á classe dos resultados obtidos;

3) Se, em vez da eliminação total, vierem a ser consideradas as quatro semanas, deverão ser tomadas providências sobre o que a lei determina sobre trabalho, e que deverá ser integralmente cumprido.

AS AMENDOEIRAS FLORIRAM TODAS AO MESMO TEMPO

FARO, 23 — Após o prolongado temporal que varreu toda a costa algarvia e que durou quase três semanas em que a chuva se fez por vezes sentir torrencialmente, voltou o bom tempo desejado pelos algarvios.

Sol brilhante e amendoeiras em flor por toda a parte e os panoramas são encantadores uma vez que as amendoeiras, pela força ds chuvas, floresceram todas e em todo o Algarve, ao mesmo tempo, o que é raro.

A temperatura, desde que o vento rodou para sueste há três dias é agradável e convida a passear.

Prevê-se para o próximo domingo a chegada das primeiras excursões a esta província, vindas dos pontos mais distantes do País.

«HIPOPÓTAMO»

a «boite» elegante para o tempo livre

Foi inaugurada uma nova *boite*, na Avenida António Augusto de Aguiar, 3-A. «Hipopótamo» — assim se chama — sucede à «Discoteca», que fez furor há alguns anos. Mas «Hipopótamo» é mais uma *boite*? Não. Será, talvez, a *boite* que faltava na noite lisboeta, centro elegante das horas do tempo livre, de ambiente requintado mas acolhedor e extremamente confortável.

Ontem, á tarde, houve ali uma recepção aos representantes dos órgãos da Informação, e hoje realiza-se um jantar oferecido a entidades oficiais. Noite elegante, decerto, a que precede a da inauguração oficial de «Hipopótamo», que terá entrada rigorosamente seleccionada.

A decoração da nova *boite*, ao nível das mais elegantes salas da Europa, fica a dever-se ao arquitecto Rogério Cayatte, que afirmou, exuberantemente, sentido moderno e requintado bom-gosto, criando, com iluminação harmoniosa, um ambiente de grande conforto, que virá a ser, sem dúvida, um dos pontos de encontro da sociedade elegante de Lisboa — na *boite* que a cidade merecia.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Computadores Hewlett-Packard

EXPOSIÇÃO

Demonstrações às 16 e 19 horas, de 27 a 30 de Janeiro, no Hotel Tivoli, em Lisboa

TELECTRA — Empresa Técnica de Equipamentos Eléctricos, S. A. R. L.
Rua Rodrigo da Fonseca, 103 — Tel. 686072

O ... bei...

A pressã... marítim...

acentuada na ce... de comando da F...

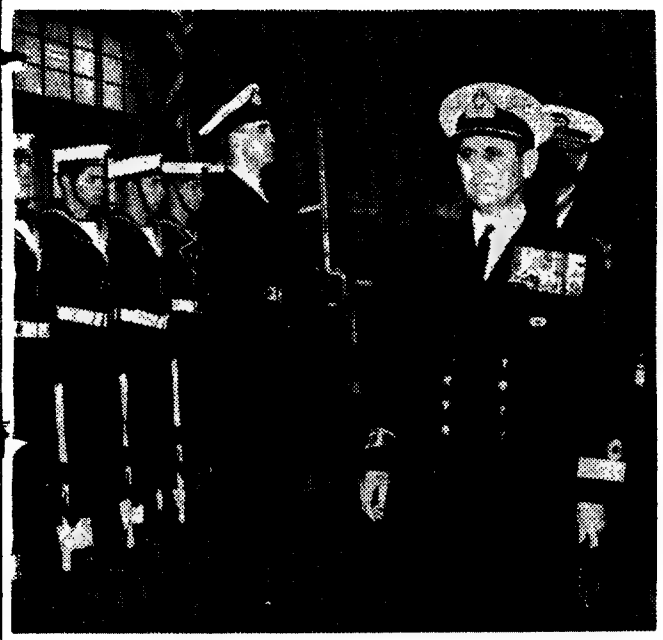
«Vedes aqui um exemplo de igualdade a participação de todas as nações num objectivo comum, sejam elas grandes ou pequenas» — declarou o comodoro Feldkamp num passo do seu curto discurso de despedida do comando da Força Naval da N. A. T. O.

A cerimónia da entrega de poderes decorreu na antiga sala da Alfandega do Cais de Alcantara. Frente á tribuna formavam as guardas de honra do Canadá, E. U. A., Noruega, Grã-Bretanha e Holanda, hasteando as respectivas bandeiras. Ao centro, levado por marinheiros holandeses, erguia-se o estandarte da N. A. T. O.

O comandante cessante acentuou a certa altura que a grande responsabilidade do comando consistia em transformar os barcos individuais numa unidade estreitamente coesa e apresentar-se assim onde quer que haja oportunidade para isso.

No final, declarou entregue o coma... gões S... nadian... Segu... cal á N... canadia... «É u... as boa... dante... rica, a... maiore... assim... o com... sentan... ta cer... «Mui... bo rus... rente á... centou... Força... represe... nossa... mos... álerta... bora a... ca ten... bar» m... O., a... que p... a com... N. A... meios»

Decorre hoje em Paris a conferência europeia de Imprensa promovida sob a égide da Univas, rede internacional de agências de publicidade é a associada em Portugal. Para este encontro foram convidados repr órgãos de informação portugueses entre os quais o nosso director Ruella Ramos. O grupo seguiu, ontem para a capital francesa, ac Orlando da Costa, director técnico da Marca



O comodoro Boyle no termo da cerimónia em que recebeu a chefia do comando da Força Naval da N.A.T.O.

...são do poderio ...no soviético

...cerimónia de transmissão ...a Força Naval da N. A. T. O.

...o comando ao comodoro Dou...glas S. Boyle, das Forças ca...nadianas.

Seguiu-se a saudação musi...cal á N. A. T. O. pelas bandas canadiana e holandesa.

«É um privilégio dar hoje as boas-vindas, como comandante da Área Atlantica Ibérica, a um dos mais belos e maiores postos do mundo» — assim iniciou o seu discurso o comodoro Fluckey, representante da Comiberlind, nesta cerimónia.

«Muitos esquecem-se do lobo russo que passeia mesmo frente á nossa porta» — acrescentou. — «Militarmente, a Força Naval da N. A. T. O. representa um símbolo da nossa unidade Todavia, devemos estar continuamente alerta ao facto de que, embora a União Soviética nunca tenha ousado «experimentar» militarmente a N. A. T. O., a maior vitória política que poderia conseguir seria a completa desagregação da N. A. T. O por outros meios».

Mais adiante, lendo uma mensagem do Comando Supremo do Atlantico, enumerou alguns contributos daquela Força Naval: demonstração da possibilidade das Armadas da N. A. T. O operarem conjuntamente num largo período de tempo; revitalização da imagem marítima da N. A. T. O.; demonstração da solidariedade e vitalidade da N. A. T. O. durante um período crítico da história da N. A. T. O.; contribuição para um aumento de entendimento entre as Armadas participantes.

Após a «transferência da bandeira da N. A. T. I.» para a guarda do «Restigouche» — navio do novo comandante — este proferiu no discurso em que acentuou a existência de um poderoso desafio feito a cada nação individualmente, o qual tinha que ser aceite e respondido por todos, em união.

No final chamou para junto de si o comodoro cessante e fez-lhe a entrega de uma lembrança das várias Armadas que serviram sob o seu comando, durante um ano.

...movida pela Havas Conseil, ...idade da qual a MARCA ...s representantes de alguns ...rector, dr. António Pedro ...sa, acompanhado pelo dr. ...rca

A isenção de impostos para os estabelecimentos de ensino particular

proposta hoje na Assembleia Nacional

Continuando na ordem do dia a discussão, na generalidade, da proposta de lei sobre o desenvolvimento turístico da região da serra da Estrela, prosseguiram, esta tarde, os trabalhos da Assembleia Nacional. Sobre o tema, registaram-se intervenções dos deputados João Paulo Castelo Branco, Joaquim Correia e Gaspar de Carvalho.

Antes da ordem do dia, inscreveram-se para usar da palavra os deputados Raquel Ribeiro («O ano internacional da Educação»); Nunes de Oliveira («Quadros das secretarias universitárias»); Linhares de Andrade («Problemas do distrito da Horta»); Castro Salazar («fugidos do Biafra»); Moura Ramos («Burocracia e turismo»); Pinto Machado («Jubileu do prof. Amandio Tavares»); Artur Pimentel («Problemas do distrito de Bragança»); Duarte de Oliveira («Ensino»); Costa Oliveira («Problemas económicos do distrito de Braga»), e Oliveira Ramos («Educação»).

Haviam ficado com a palavra reservada, de ontem, o deputado Teófilo Lopes Frazão («As estradas do distrito de Beja») e os acima mencionados Duarte de Oliveira, Artur Pimentel e Oliveira Ramos.

A intervenção do deputado João Duarte de Almeida

Começando por dizer que «não há ninguém, neste País, com responsabilidades no sector, que não tenha afirmado já que o melhor capital da Nação é a inteligência dos seus filhos», o deputado João Duarte de Almeida acrescentou, mais adiante: «O direito á educação constitui um dos direitos fundamentais do cidadão; é um direito natural».

Esclarecendo que as suas considerações vêm a propósito do Orçamento Geral do Estado para 1970, em que se inscrevem 4 200 000 contos no sector da educação e investigação, o deputado prosseguiu: — «*Faço aqui três apelos. O primeiro é dirigido aos agentes da Administração que têm a seu cargo a realização dos programas no capítulo da educação e investigação e é o seguinte: Gastem esse dinheiro. Que não haja saldos para 1971. Realizem toda a obra orçada, nomeadamente construam todos os estabelecimentos de ensino previstos para este ano nem que para tal sejam precisos sacrifícios pessoais. É a hora deles.*»

A propósito da necessidade da construção de escolas secundárias nos meios rurais, disse: — «*Seria a melhor maneira de dar instrução aos alunos que não seguem os estudos por falta de recursos dos seus pais.*» E, referindo-se aos estabelecimentos de ensino particular:

— *Os estabelecimentos de ensino particular têm aliviado as finanças publicas, que se têm dispensado de construir escolas secundárias e de pagar a professores, onde aquelas funcionam. Pois, apesar disso, o ensino particular é tributado como uma casa comercial, quando tudo reclama que deveria ser considerado uma empresa social de interesse publico. Impostos e contribuições, quotizações corporativas e da previdência social oneram os externatos, que se vêem obrigados, para fazer face aos encargos fiscais, a aumentar as propinas, com prejuízo dos pais dos alunos, que fazem enormes sacrifícios para as pagar, e da instrução que é ministrada, nos meios onde ela é unica, apenas a uma minoria, pois as maiorias não podem pagá-la.*

Pediu assim (segundo apelo) que se isentem os externatos de contribuições, impostos e quotas. Terminou por pedir a criação de edifícios escolares novos do ensino primário, dizendo:

— *Sei que há edifícios escolares novos, construídos pelo Estado, fechados, e 20, 25, 30 crianças entregues ao analfabetismo, porque há uma lei que não deixa criar uma escola com menos de 35 alunos. Não há nada, nem a falta de professores, que possa explicar uma lei assim.*

A abolição do livro único pedida pelo deputado Oliveira Ramos

O deputado Oliveira Ramos (que saudou os jornalistas) tratou da «necessidade de travar e vencer a batalha pela democratização e melhoria do ensino, sem o que é inviável atenuar atrasos conhecidos». Após afirmar as esperanças depositadas pelo País no novo ministro da Educação, prof. Veiga Simão, o deputado disse, focando, em especial, problemas do ensino secundário:

— *Em primeiro lugar, há que proceder a uma ampla reforma do estatuto da reitoria e da inspecção dos liceus, absorvida aquela por numerosas obrigações burocráticas e muito votada a segunda a tarefas inquisitivas, com prejuízo de actividades de orientação e coordenação pedagógica. Por outro lado, impõe-se o alargamento dos quadros do ensino liceal, que não estão em correlação com o aumento da população escolar, antes datam duma época em que o numero de alunos era limitado.*

E prosseguiu:

— *A exiguidade dos quadros, a modéstia dos ordenados e, bem assim, a dificuldade de acesso ao estágio que durante anos dominou na carreira dos liceus, quando somadas á explosão escolar, explicam o esmagador predomínio dos professores eventuais no ensino secundário. Muito embora, careçam de preparação pedagógica completa, são os eventuais que asseguram o regular funcionamento dos liceus. Dai faltarem razões objectivas para se lhes negar, tal como aos professores do ciclo de categoria semelhante, remuneração durante as férias grandes. Os estabelecimentos de instrução particular são compelidos a pagar aos docentes nesse período do ano; o Estado, porém, escusa-se. Há aqui diversidade de critério para justificar uma flagrante injustiça.*

Defendeu, depois, além da criação de novos liceus (um dos quais em Braga) a actualização das gratificações atribuídas aos responsáveis pelos diversos serviços dentro dos liceus. Igualmente fez a defesa do critério segundo o qual o ano de estágio dos professores deverá ser contado como tempo de serviço para a reforma. Pronunciou-se, também, pela abolição do livro único e pela organização de turmas com o máximo de 25 alunos.

O «sonho do auto-estrada do Sul» lembrado pelo deputado Lopes Frazão

Começando por agradecer ao Governo o facto de a ponte sobre o Guadiana, no troço Beja-Serpa da estrada internacional n.º 52 estar incluída na planificação deste ano, o deputado Teófilo Lopes Frazão lançou o apelo para que seja considerada a construção de uma estrada (de cerca de 10 quilómetros) entre a estação de Ourique e Messejana, na estrada nacional 264, cuja falta isola no Inverno, a freguesia de Conceição (Ourique) e a aldeia de Alcarias, bem como dezenas de lugares dispersos e «montes».

Disse a certa altura

— *Mais outro rogo dirigimos ao senhor ministro, que é, para logo que possível, a outra ponte no Guadiana, em Pedrógão do Alentejo, igualmente por nós já anunciada em intervenção transacta, e que tanta falta faz ao serviço da ubertosa região de Moura e da tão castiça Barrancos, pelo extremo encurtamento das distancias que as separam do centro do País, e ainda pelo tráfego da mineração da Orada; e o seu interesse será maior quando a fronteira por Barrancos for aberta, o que é aspiração velha deste povo, e, tendo-se por muito conveniente e necessária, já se pediu.*

Terminou, referindo-se ao sonho da auto-estrada do Sul, «*que temos a esperança de ainda vermos realizado*» e á falta de sinalização, responsável pela «*intensa sangria de homens e de bens que macula com tanto dolo as nossas estradas*».

FIM DE TARDE EM S. BENTO

✱ *Na presente legislatura, uma coisa é visível na chamada «Assembleia Nova»: média alta de presenças e ansiedade dos parlamentares em usarem da palavra. Ontem havia treze oradores inscritos para o período antes e cinco para o período relativo á ordem do dia. Dezoito ao todo! A média de meia hora cada discurso, seriam nem mais nem menos do que nove horas de oratória...*

✱ O presidente, eng.º Amaral Netto, tal como procedera já no dia anterior, deu a palavra apenas a metade dos deputados inscritos. Não se limitou a isso, porém. Advertiu os parlamentares de que, de futuro, se teriam de inscrever de véspera e pediu-lhes concisão, de molde a não empatar tempo.

✱ *É certo e sabido ser mais fácil escrever muito do que pouco. E deputados há que não primam pelo poder de síntese. Acontece perder-se muito tempo para ouvir pouca coisa.*

✱ Não foi o caso, por exemplo, do deputado dr. (Pinto) Machado, que falou da Universidade Nova, «para a qual se tem de caminhar experimentalmente», reconhecendo-lhe «como inalienáveis os atributos da autonomia e da participação». E considerou indispensável, em relação ao corpo docente, «a profissionalização da sua actividade».

✱ *Discurso lúcido, oportuno e importante, que fez parar as conversas habituais e reuniu á volta do orador grande número de deputados, atentos. O orador, no final, foi muito cumprimentado, por elementos de todos os sectores da Câmara. É certo que o cumprimento é tradição sem grande significado, pois sempre se verifica, qualquer que seja o valor do discurso. Desta vez, porém, foi um pouco mais generalizado e vivo do que o costume. Sempre é bom um bom discurso, de vez em quando.*

✱ Na ordem do dia continua a discutir-se o turismo da serra da Estrela, a necessidade de boas estradas e a oportunidade do projectado teleférico. O deputado por Vila Real, eng.º Humberto Carvalho, por associação de ideias, falou, antes daquele período, do Marão, das necessidades gritantes de Trás-os-Montes. E teve «apoiados» do candidato do «vizinho do lado», o deputado por Bragança, eng.º Camilo de Mendonça. Estes ainda não querem teleféricos para os respectivos distritos, mas apenas acessos, luz e água para centenas de povoações serranas...

CHOCOLATES TAGIDE
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Parecia ser precária a situação económica do comerciante cujo carro foi retirado do Tejo

Parece estar posta de parte a hipótese de ter sido devido ao nevoeiro que caiu ao Tejo o automóvel ontem retirado e cujo condutor se encontrava morto. A situação económica do proprietário do veículo, sócio-gerente de uma conhecida gravataria da Baixa, parecia ser precária e os seus problemas de há muito se vinham arrastando. Assim, talvez seja de admitir tratar-se de um acto desesperado.

O malogrado ocupante e proprietário do veículo era o sr. Armando Alves Lobo, de 61 anos, casado com a sr.ª D. Maria Emília da Silva Salgueiro Lobo, de 59 anos, residente em S. Pedro do Estoril. O casal não tinha filhos.

Soube-se que o sr. Armando Lobo, proprietário da Gravataria Paris, na Rua do Ouro, desde domingo que era procurado pelos familiares e amigos, que já tinham contactado com as várias polícias, hospitais e até tinham posto a hipótese de se ter ausentado para o estrangeiro, conforme nos disse o sr. António Barros, casado com uma irmã da sr.ª D. Emília Lobo, e com quem falámos esta manhã.

— Tive com o meu cunhado e com mais uns amigos uma reunião, no domingo, para conversarmos sobre os problemas que o afligiam.

Dizíamos-lhe que problemas todos os têm e que os dele se resolveriam. Para isso é que serviam os amigos.

— Portanto, sr. Barros, os problemas do seu cunhado seriam unicamente problemas económicos?

— Sim. Relacionados com a gravataria. Mas olhe, nunca pensei que pudesse cometer um acto desesperado. Era uma pessoa dinamica, colaborador do Grémio, cheio de actividades. Nós soubemos que tinha dificuldades e até disse a um amigo: «O Lobo anda doente. Temos que levantar aquele homem».

— Sabe se deixou alguma comunicação em casa?

— Não. Era muito reservado. Em casa não falava de negócios.

— E consigo?

— Às vezes. E olhe que tínhamos até marcado um novo encontro para tentarmos resolver os seus assuntos. Penso que hoje tudo se teria composto.

— Quando começou a ficar preocupado com o desaparecimento do seu cunhado?

— A partir de segunda-feira. Até pensei: terá endoidecido? Andará por aí á deriva? Eu mesmo, ás vezes, saio daqui e ponho-me a andar, a andar, a pensar nos meus problemas. Não seria puro acidente? Sim, bem sei que há uma carta que foi encontrada. Mas não sei o que dizia. Será legível?

Dirigimo-nos á gravataria da Rua do Ouro, que, como é natural, estava encerrada. Encontrámos á porta o sr. Alfredo dos Santos, empregado da fábrica de malhas «Imperial» que nos disse:

— Vinha aqui ver se estava alguém. Sabe, o sr. Lobo já há anos que tinha uma situação precária. Penso que a loja era só dele. Falta de dinheiro, letras, problemas que a qualquer um podem acontecer. Teria sido um acto desesperado? Ele não parecia ser pessoa para isso. Mas, ás vezes...

O director do Instituto de Medicina Legal, prof. Arsénio Nunes, informou-nos que a autópsia ao cadáver, já tinha sido feita, mas que não podia fornecer novos dados.

— Embora não lhe possa dar qualquer informação — o relatório seguiu para a Polícia — nada há que contrarie o que li ontem e esta manhã nos jornais.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Margarida Teles dos Santos

No Hospital de Santa Maria faleceu, esta madrugada, a sr.ª D. Margarida Teles dos Santos, de 68 anos de idade, casada com o sr. José dos Santos, mãe do sr. Rui Teles dos Santos e sogra da sr.ª D. Noémia Alves dos Santos. A extinta era irmã do sr. José da Silva Teles e do nosso camarada de trabalho Manuel Marques Teles, a quem apresentamos sentidas condolências.

O funeral realiza-se amanhã, ás 13 horas, da Basílica da Estrela para o cemitério do Lumiar.

Artur Lourenço Fernandes

Com 93 anos, faleceu o sr. Artur Lourenço Fernandes, presidente do conselho de administração da Papelaria Fernandes e um dos mais antigos comerciantes da capital e decerto o mais antigo da zona do Rato, onde está localizada a sede da sua firma, de que foi fundador com seu tio, o major Joaquim Lourenço e onde trabalhou desde os 13 anos. De grande tenacidade e muito bondoso, dedicava grande estima aos seus colaboradores e foi figura notável e respeitabilíssima do comércio lisboeta, tendo sido há anos, condecorado com o grau de comendador da Ordem de Mérito Industrial e Agrícola e com a medalha concedida pela União dos Lojistas de Lisboa aos comerciantes da cidade com mais de 50 anos de actividade.

Era pai do falecido professor universitário dr. Artur Viana Fernandes e deixa, além de numerosos sobrinhos e primos, dois netos, o eng.º Ruben Fernandes e o sr. Artur José Viana Fernandes, aluno do Instituto Superior Técnico.

Após missa de corpo presente, o funeral realiza-se amanhã, ás 10 horas, da igreja de S. Mamede para jazigo de família em Santo André das Tojeiras.

Acordo entre o I. N. I. I. e o Gabinete de Investigações Sociais

O Instituto Nacional de Investigação Industrial (I. N. I. I.) e o Gabinete de Investigações Sociais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras celebraram entre si um acordo de cooperação permanente em actividades científicas referentes ao estudo de problemas socio-económicos da industria no nosso País. Este acordo foi homologado pelo secretário de Estado da Industria, eng.º Rogério Martins.

Nos termos do convénio estabelecido, o Gabinete reconhece o interesse de que os seus trabalhos de investigação directamente relacionados com aqueles problemas obedeçam aos planos coordenados com os do Instituto. Por seu lado, o I. N. I. I., reconhecendo que a actividade de investigação do Gabinete é relevante para a consecução dos seus próprios objectivos, propõe-se auxiliar o seu desenvolvimento. Uma comissão mista, composta por representantes dos dois organismos, servirá de órgão de ligação, cabendo-lhe propor o que houver por conveniente para a melhor conjugação e o incremento das respectivas actividades.

Assinalando a entrada em vigor deste acordo, cujo período inicial de vigência será de três anos susceptíveis de renovação, efectuou-se, na sede do Instituto Nacional de Investigação Industrial, uma breve cerimónia, em que estiveram presentes, por parte do I. N. I. I., o seu director, eng.º José de Mello Torres Campos, o subdirector, dr. Jaime Loureiro, e o chefe de Serviço de Produtividade, eng.º Mário Cardoso dos Santos, e, por parte do G. I. S., os profs. drs. José Pires Cardoso e Adérito Sedas Nunes, respectivamente, director e subdirector. Durante a cerimónia, que se revestiu de grande simplicidade, foi salientada a inovação que representa, em matéria de relações entre organismos de investigação, a celebração de um acordo desta natureza no nosso País.

O camionista que danificou quatro automóveis

Não foi ainda identificado, nem encontrado, o motorista de uma camioneta de carga que, no arruamento sem nome situado junto da Rua Coronel Ferreira do Amaral, na junção com a Calçada da Picheleira, danificou grandemente quatro automóveis ali estacionados e prosseguiu como se nada de anormal tivesse acontecido.

Entretanto, a P.S.P. da 2.ª Divisão continua a procurar aquele motorista que, pela fuga, tentou furtar-se á responsabilidade dos danos causados.

Quanto á camioneta que aquele conduzia, a P.S.P. encontrou-a, exibindo nítidas marcas do acidente, escondida num pátio na Rua Alexandre Ferreira, 2. Tem a matrícula LE-61-36 e o seu proprietário foi intimado a comparecer na P.S.P., o que ainda não se verificou, a fim de indicar quem guiava o veículo na altura do embate.

Os automóveis danificados são: FG-20-68, pertencente ao sr. Mauro Augusto de Sales; FC-52-93, propriedade do sr. Domingos Manuel Figueira Melo Cabrita; e LA-59-30, pertencente ao sr. Teodoro Antunes Mendes, todos residentes na Rua Barão de Sabrosa, 147-1.º esq., 157-1.º e 168-1.º esq., respectivamente; e LB-83-62, propriedade do sr. Celso Campino Ferreira, morador na Avenida Conde Valbom, 18-6.º.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compro	Vendo
Consolidado 3 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	530$	—
Consolidado 3 1/4%	—	—	620$
Centenários 4%	—	—	495$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	000$	002$
Externo Série	—	600$	680$
Externo Série C	—	820$	830$
Externo 3 Série	—	730$	—
Externo 3 Série C	—	780$	820$
Caixa Série	—	50$	60$
OBRIGAÇÕES			
Agua Lisboa 3%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	930$
C P 4 1/2% 65	—	900$	—
C P 5 1/2% 67	—	1.006$	—
C U F 6%	—	998$	—
C U F 6% 68	990$	990$	992$
Gás Elect 4% 48	800$	790$	—
Gás Elect 4 1/4% 51	—	820$	—
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	900$
Gás Elect 5% 59	—	890$	—
Gás Elect 5% 62	—	910$	—
Gás Elect 5% 63	—	910$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	1.010$	1.005$	—
H E A Alentejo 5%	—	815$	—
H E Cávado 5%	—	—	810$
H E Cávado 6%	1.001$	1.000$	—
H E Douro 5%	—	—	805$
H E Douro 6%	1.001$	1.001$	003$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	995$	990$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	830$	830$	—
Lisnave 6%	—	1.000$	—
Metropolitano 4%	880$	—	880$
Metropolitano 3 3/4%	997$	995$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	850$	850$	—
Nitratos 5%	—	790$	—
Nitratos 5% 60	—	790$	820$
Petroquímica 5%	855$	850$	860$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	920$	940$
Sacor 5% 60	—	880$	900$
Siderurgia 5% 2.º	—	805$	—
Siderurgia 5% 3.º	—	815$	—
Siderurgia 5% 4.º	—	815$	—
Sonete 5%	—	800$	825$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	86$
U E P 4%	—	84$	86$
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	82$	86$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	2.235$	2.230$	2.285$
Alentejo	1.181$	1.130$	1.135$
Angola	—	—	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.500$	5.500$	5.600$
E Santo	—	1.900$	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	20.000$	21.000$
Fomento Nacional	—	2.410$	2.450$
L G Açores p	7.250$	7.250$	7.300$
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	5.950$	5.900$	5.950$
Portugal n	2.270$	3.260$	3.300$
Portugal p	4.300$	4.300$	4.400$
Totta Alliança	6.550$	6.560$	6.600$
Ultramarino n	3.570$	3.560$	3.580$
Ultramarino p	3.870$	3.860$	3.880$
Seguros			
Alentejo	120$	—	120$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	870$	860$	870$
Sagres	—	1.100$	2.600$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	830$	850$
Ag Cassequel	—	800$	810$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	350$
Boror	—	210$	—
Buzi	91$	91$	92$
Cabinda	—	242$	245$

Ultramarinos	Efec	Compro	Vendo
Diamantes Angola	2.625$	2.620$	2.650$
H E Revué	—	675$	680$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	197$5	197$	198$
Sonete n	—	—	—
Sonete p	460$	461$	464$
Zambézia	92$	91$	92$5
Angolana	—	—	—
Diversos			
Cidla	—	1.750$	1.850$
Cim Leiria	5.500$	5.500$	—
Cim Tejo	—	7.200$	7.250$
Col Navegação	1.480$	1.475$	1.490$
C U F	1.570$	1.560$	1.580$
Inc Alliança	—	620$	800$
Nac Navegação	4.150$	4.100$	4.200$
Petroquímica	—	—	2.150$
Port e Colónias	1.490$	1.480$	1.500$
Port Celulose	4.500$	4.500$	4.600$
Port Pesca	—	1.110$	1.200$
Port Tabacos	786$	786$	787$
Sacor	—	4.730$	4.780$
Siderurgia Nac	—	—	1.950$
Socel	3.730$	3.720$	3.750$
Tabacos de Portugal	1.910$	1.900$	2.000$
Tabaqueira	—	—	8.500$
U F Azoto	875$	875$	880$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	420$	—
Aguas Lisboa 36	—	385$	390$
Eléct Beiras	1.740$	1.730$	1.790$
Gás Electr	445$	444$5	446$
H E Alto Alentejo	165$5	165$5	166$
H E Cávado	1.255$	1.253$	1.255$
H E Douro	1.255$	1.253$	1.255$
H E Norte Portugal	320$	315$	325$
H E S Estrela	—	1.600$	—
H E Zêzere	—	1.255$	—
Nac Electricidade	—	1.270$	1.300$
Termoeléctr Port	1.255$	1.253$	1.255$
U E P	197$	197$	198$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	209$2	215$5
D E	—	127$8	131$6

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 = 100)

	16/1/70	22/1/70	23/1/70
GERAL	153,9	755,7	156,4
METRÓPOL.	145,5	146,7	146,9
ULTRAM.	215,5	222,0	225,8

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$00	28$50
— Dollars de 5 a 1000	28$30	28$70
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Austria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$70	5$10
Suíça — Franco	6$50	6$70
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$00	36$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Criada a Inspecção Geral de Minas no Ministério do Ultramar

No Ministério do Ultramar foi criada a Inspecção-Geral de Minas, separando os serviços da Direcção-Geral de Economia a que até agora têm estado afectos.

A Inspecão-Geral de Minas terá um inspector-geral, cinco inspectores superiores, 5 técnicos especialistas, 5 técnicos de 1.ª classe, 5 técnicos de 2.ª classe, além do pessoal administrativo e auxiliar.

PARTIU PARA ESTRASBURGO O DR. XAVIER PINTADO

Partiu esta manhã, por via aérea, para Estrasburgo, via Genebra, o secretário de Estado do Comércio, sr. dr. Xavier Pintado (acompanhado pelo seu secretário sr. dr. Quartin Graça), que representará Portugal na 18.ª reunião dos Parlamentares dos Países Membros da EFTA, organismo do qual o nosso País, actualmente preside.

Entretanto, em Genebra o sr. dr. Xavier Pintado terá a sua primeira reunião de trabalho, avistando-se com os chefes das delegações permanentes junto da E.F.T.A., e conferenciando com o seu secretário-geral, sr. John Loulson.

No sábado, acompanhado pelo embaixador Siqueira Freire, o secretário de Estado do Comércio seguirá para Estrasburgo, onde além de participar na já referida reunião, terá conversações com o sr. L. Toncic Sorinj, secretário-geral do Conselho da Europa, regressando a Lisboa na madrugada de segunda-feira.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

São estes os três agentes muito especiais da Brigada Especial que lutam contra o crime

A «BRIGADA ESPECIAL»: «A POLÍCIA INVESTIGA»

A terminar a emissão é exibido mais um capítulo da série policial «A Brigada Especial» intitulado «A Polícia Investiga», com Michael Cole, Clarence William III, Peggy Troe e Tige Andrews.

Após a notícia do estrangulamento de três bonitas raparigas, a TV, através de um programa de Lew Dickens, pretende chamar a atenção da Polícia para uma acção mais rápida no sentido de descobrir o autor do crime.

No entanto, para a Polícia e nessa altura, precisamente, surge a melhor pista. Após várias pesquisas vem a descobrir que é no próprio grupo de Lew Dickens que está a chave...

CONCERTO: BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BEETHOVEN

O ano de 1970 assinala o bicentenário do nascimento de um dos maiores génios musicais de todos os tempos — Beethoven (Ludwig von). A Eurovisão organizou espectáculos comemorativos do acontecimento, contribuindo todos os países membros com obras de Beethoven, executadas por artistas de diversas nacionalidades. Assim, a R. T. P. convidou Sequeira Costa, que escolheu e interpretou a «Sonata, opus 81-A», em mi bemol maior — «O Adeus». Este visão, é transmitido esta programa, que foi enviado, em gravação para a Euronoite, pelas 22 horas, com realização de Luís Andrade e apresentação do dr. Manuel Ivo Cruz.

Sequeira Costa executando «O Adeus» de Beethoven

CARTAZ TV

Imagens de nova série filmada francesa «Cavaleiros do Céu», de programas musicais, entre eles um Estudio C com Julia Baba; das séries de aventuras e, a terminar, dos desenhos animados que o telespectador poderá ver na próxima semana, são apresentadas, pelas 20 e 5, por Jorge Alves em nova edição de «Cartaz TV».

Sem o cigarro, mas sempre com o sorriso optimista, Jorge Alves apresenta «Cartaz TV»

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 5: Cartaz TV; 20 e 25: Estoleiros Navais; 21: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Concerto; 22 e 30: A Brigada Especial; 23 e 25: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema; 23 e 35: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 55: Abertura; 14 e 56: Eurovisão — Encontro de Rugby entre as selecções da França e da Irlanda para o torneio das Cinco Nações; 16 e 30: Nós, as mulheres; 17 e 10: TV Infantil; 17 e 40: TV Educativa (Educação musical — crianças); 16 e 05: Estudio sem marcação (programa juvenil); 18 e 50: Teledesporto; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série juvenil; 20 e 10: . E a vida continua... — pelo rev. Teodoro Marques da Silva; 20 e 25: TV Mundo — «O Diário de Lewis and Clarck»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Reportagem do exterior; 23 e 40: Estudio C — com Julia Baba; 0 e 05: Marcha do Mundo; 0 e 15: Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Tele-Ritmo; 23 e 30: Fecho.

TUDOR
pilhas para força motriz

canal da crítica

TER OU NÃO TER ALCATRÃO; TER OU NÃO TER RAZÃO

J. Filipe Nogueira estava bem disposto — e tamanha boa disposição conduziu-o por muitos e diversos caminhos. O telespectador admira-se de ver a Câmara Municipal manter o mais completo silêncio — ela sempre tão pronta a ofrnecer esclarecimentos à Imprensa a propósito das questães mais insignificantes. Os problemas levantados muito justamente por Filipe Nogueira exigem solução, decerto, mas para já a Câmara Municipal deve esclarecer, através dos serviços convenientes, alguns pontos. Sob pena de se conservar na desagradável posição de réu sem defesa e — o que é mais grave — sem desculpa.

a) Poderá acontecer, como alvitra Filipe Nogueira, que os buracos das ruas citadinas sejam tapados com argamassa preta e um cheirinho de alcatrão que não protege nada quando a chuva cai?

b) É verdade que em determinados locais da cidade as inundações são provocadas por falta de esgoto?

c) Poderá ou não acontecer que as «zebras», cuja existência a lei não reconhece, são fontes de possíveis desastres e danos em tran-

(Continua na pág. seguinte)

VENDEM-SE

APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS
(JUNTO DAS PRAIAS E ESTAÇÃO DE C. DE FERRO)

Óptimos acabamentos
e grandes facilidades de pagamento.
Com extraordinária vista de mar.

PROP. JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.º C

Telefs.: 282345 - 282388 CASCAIS

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Orfeão dos C. T. T., do Porto; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção, 18 e 20: Portugal nos trópicos, por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, Só Musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestridas; 20 e 37; 20.º episódio do folhetim «Roça»; 21 e 05: Três nocturnos, de Fauré, pela pianista Evelyn Crochet; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera em um prólogo e um acto «Ariana em Naxos», de Ricardo Strauss. No intervalo, cerca das 22 e 10: Temas sociológicos, pelo dr. Carlos Cunha — Musica de arco; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 ks/s — Às 16: Folclore no Mundo; 16 e 18: A Orquestra Sinfónica da N. S. C., dirigida pelo maestro Toscanini — Abertura da ópera «Luisa Miller» (Verdi); 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: O «Quarteto Loewenguta» — Quarteto em ré maior (César Franck), 18: Musica portuguesa; 18 e 47: Musica a dois pianos; 19: Horizonte itenário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro, 20 e 20: Variações sobre o tema de «Silvana» (Weber), clarinete, Jacques Loncelot, piano, Annie d'Arco; 20 e 30: Musica de camara; 21: De tudo um pouco; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 20 e 05: O nome e a sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Ariana Franco e Nuno de Aguiar; 22 e 50: Musica ligeira Melodias pela Orquestria Caravelli, 23: Desdobramento; 23 e 05: Programa da noite; 24: Noticiário — Programa da noite; 1: Fecho

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 112: 1.º disco; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — Às 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco... 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15 Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dois; Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos socios 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora, 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora, 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 12 e das 19 e 30 ás 22: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 ás 12 e das 14 e 30 ás 22: **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30

II Programa
NOITE DE CINEMA
«AS AVENTURAS DO CAPITÃO WYATT»

Toda a emissão é preenchida pela rubrica «Noite de Cinema» que recorda o grande actor Gary Cooper na película «As Aventuras do Capitão Wyatt». Com ele contracenam Mari Aldon e Richard Webb. Realização de Raoul Walch.

COMPRE A MELHOR VISTA DE MAR!

comprando propriedades J. PIMENTA, S. A. R. L.

Em Paço d'Arcos (Espargal), a 100 metros da praia e dos caminhos-de-ferro, com Centro Comercial e Pavilhão Gimnodesportivo previstos, encontra magníficos andares e apartamentos mobilados.

RENDIMENTO DE 6 A 10% GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE.

190 contos rendem-lhe 1187$50 mensais

Visite o apartamento em exposição em Paço d'Arcos — Espargal

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 - 95 20 22
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

seguintes que se julguem por eles defendidos?

d) Quem assume a responsabilidade dos desastres provocados pela linha contínua que existe na curva da Avenida Gulbenkian?

Outro assunto levantado: o da prioridade á direita, imposta desde o ano passado. Aqui entende-se menos a teimosia de Fillipe Nogueira e note-se que a palavra *teimosia* não vai como pejorativa: o responsável de «Sangue na Estrada» está no seu direito de lutar pelo que julga ser a verdade. E a sua verdade seria a prioridade á esquerda.

Com modéstia (e com intenção...) costuma Fillipe Nogueira dizer que não é «técnico», é apenas um «curioso». Nem uma coisa nem outra sou. Mas a reflexão também conta — mesmo quando não se é nem curioso nem técnico. Aqui chegados, verifica-se que a prioridade á esquerda não melhorava a situação nem mesmo pelo único argumento apresentado por Fillipe Nogueira; um mais vasto campo de visão dos condutores. Na realidade o campo de visão deve favorecer quem estiver em melhores condições de resolver um problema delicado — e é o que se verifica na prioridade á direita. Aqui, quem não for prioritário nada tem a temer se conduzir cuidadosamente mas, se o não fizer, o prioritário terá maior campo de visão para evitar a catástrofe. Na prioridade á direita dá-se ao mais forte a maior responsabilidade moral. Está certo, não?

«O JOGO DA VIDA»

A história era clara como água do Tejo: o prestamista incendeia a casa onde mora e deita as culpas para cima de um tal Joe H., chefe de uma facção negra («Back Battery», mais conhecida por «BB») oposto ao Poder Negro (o «Black Power» lá do sítio) cujo membro destacado, o Henderson, morrera no incêndio.

Como digo, a coisa aparece clara logo a partir das primeiras imagens, a quem não seja tonto de nascença, ou pouco mais. Mas os rodeios, as complicações, o engenho burocrático para encher as três bobinas! Era o Biafra; era o Ghana; era a Bechuanelândia; era a rapariga negra nascida na Geórgia; era a Rowena, coitadinha, que ninguém convidava para sair; era o «Blak Power» que deseja a integração, enquanto a «Black Battery» deseja constituir uma nação negra, porque «a integração era a dissolução»; era o Joe H., chefe desta última organização, que habitava em plena cidade um armazém tão secreto, tão secreto, que toda a gente sabia onde ficava; era aquele negro incendiário, apanhado na mentira pelo Franciosa porque disse á Polícia que tinha ido buscar umas orquestrações quando o conjunto musical dele tocava só por música...; era o Franciosa a chamar «irmão» ao chefe negro, a chamar-lhe «irmão» com tremidos e torcidos na garganta, mais um bocadinho de fita e até lhe chamava «mano», que é muito mais carinhoso e convincente; era o Joe H. e os seus homens fardados, presos como pintainhos no armazém n.º 4; era o colar feito pelo povo Ibo, do Biafra, pelas mulheres que o *colaram* á mão» (era assim que dizia a legenda).

Tudo por causa do prestamista. Está a ver, Raul Solnado? Depois ainda por cima dizem coisas...

MÁRIO CASTRIM

Séries novas e renovadas na RTP

Nos primeiros dias do próximo mês começa a ser transmitida uma nova série filmada na R. T. P.: «Dr. Marcus Welby»

Por outro lado, a partir de 1 de Março volta á TV nacional a «Missão Impossível», que aparecerá, agora no 2.º Programa, em nova série de episódios.

Entretanto, continuam, no 1.º Programa, até 30 de Junho, as séries «Daktari», «Casei com uma Feiticeira», «Get Smart», «Jogo da Vida», «A caminho do Oeste», «Os Invasores» e «Cow-Boy em África», além de outras

No 2.º Programa, também até 30 de Junho, continua a série «O Maioral».

Além disso, vai reaparecer em breve a série britanica «Os Vingadores», agora com uma nova intérprete, substituindo a Diana Rig, bela e famosa, criadora da figura de «Miss Peall», e agora virada para o cinema, tendo já aparecido, com papel de relevo, no primeiro filme do novo intérprete da figura de James Bond.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

CASA SENHORIAL

DENOMINADA CASA DA GARRIDA

SÉCULO XVIII

PONTE DE LIMA

Verdadeiro Monumento arquitectural.
Vende-se e/ grande quintal — Vila de Ponte de Lima — Capela com azulejos do séc. XVIII. Motivo: Partilhas Judiciais. Muito Urgente.

Carta com proposta ao n.º 117 da Delegação deste Jornal (prazo máximo 20 DIAS) Rua do Almada, 30, 2.º — Porto.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

SECRETARIA

BRAGANÇA

Concurso para admissão de auxiliares de enfermagem (Masculino-e-feminino) Hospital Regional de Bragança

A Mesa Administrativa faz publico de que, pelo prazo de 30 dias, a contar da 1.ª publicação deste anuncio, está aberto concurso para preenchimento de vagas existentes no quadro de Auxiliares de Enfermagem do Hospital Regional de Bragança.

O vencimento é o constante do quadro já actualizado, acrescido das percentagens para pessoal.

As condições estão patentes na Secretaria dos Serviços Administrativos da Santa Casa.

Santa Casa da Misericórdia de Bragança, 20 de Janeiro de 1970.

O Provedor,
Manuel Maria Sampaio

A GESTETNER, LDA.

CASA PAPPÁMIKAIL, LDA.

ANAPAL

INFORMA OS EX.mos CLIENTES QUE OS SEUS TELEFONES FORAM ALTERADOS PARA 725082/3.

RODRIGUES

RUA AUGUSTA, 76-80

CORTES CASACO SENHORA 100$

CORTES FATO HOMEM 150$

TRUTAS

Pescadas no rio Minho, as mais saborosas de todos os rios de Portugal, recebidas diàriamente de Lamhelas, Valença e Monção. Não compre trutas ao acaso com a promessa de serem deste rio. Compre-as na nossa casa que lhe garante a procedência. Brevemente lampreia e sável do mesmo rio. Desconto especial á industria hoteleira.

MIMO DAS AVENIDAS
AVENIDA ELIAS GARCIA, 140 — LISBOA — TEL. 77 34 40

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

FRANCISCO FERNANDES

(FEITOR DA CASA SOBRAL)

FALECEU

Maria Cecília Rodrigues Fernandes, Francisco Rodrigues Fernandes, sua mulher e filhas, Joaquim Simplício Rodrigues, sua mulher e filhas, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido, pai, sogro e avô, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, da Igreja Matriz no Sobral de Monte Agraço, para o cemitério local.

As 14.30 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA JOSÉ DUARTE
Telef. 98 — Sobral de Monte Agraço

Luís Ferreira de Carvalho

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua Família, Colegas e Amigos participam que amanhã, dia 24, pelas 12,15 horas, na Igreja de N.ª Sr.ª da Victória, na Rua da Victória, será celebrada Missa do 1.º Aniversário pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este tão piedoso acto.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Quando o limite psíquico excede o limite físico

«DOPING» — ULTRAPASSAGEM PERIGOSA

O «Diário de Lisboa» pode hoje apresentar um importante estudo sobre o tão falado «doping», da autoria de um médico altamente qualificado: o dr. A. Ferreira de Almeida, médico dos Hospitais Civis de Lisboa, membro da Comissão Técnica dos Novos Medicamentos, da Direcção Geral de Saúde, e vogal de uma comissão que está actualmente a estudar a legislação sobre drogas tóxicas e abortivas. O dr. Ferreira de Almeida, que é membro do departamento clínico do Benfica, foi assistente de farmacologia e terapêutica da Faculdade de Medicina, e ocupa ainda vários outros cargos, pelo seu alto prestígio no campo dos medicamentos e drogas.

Pela sua categoria profissional e pelo seu entusiasmo por tudo quanto se relacione com o desporto, reveste-se de grande interesse este seu estudo que temos hoje o prazer de publicar.

Um artigo do DR. A. FERREIRA DE ALMEIDA

A intensidade da rivalidade desportiva ao nível nacional e internacional, ao mesmo tempo que as desmesuradas vantagens, tanto económicas como sociais, que o sucesso desportivo actualmente proporciona, são factores importantes na degradação do ideal desportivo e estão na base do recurso a meios, que não são os meios «naturais» à disposição de todos, para obter «artificialmente» a desejada supremacia. O interesse que um público cada vez mais exigente dedica às proezas desportivas e o relevo que os meios de informação lhes conferem contribuem para criar um estado de espírito que não é de molde a enconajar os aspectos morais da prática desportiva. É-se cada vez mais tentado a valorizar o resultado e a subestimar a maneira como ele é obtido.

Acresce que a Humanidade tem uma crença inabalável no poder das drogas — já se afirmou que o desejo de tomar medicamentos se está tornando um dos grandes caracteres diferenciais entre o Homem e os animais inferiores — e no íntimo de quase cada indivíduo mora a esperança numa droga mágica que corrija as suas insuficiências físicas ou anímicas. E como a droga mágica não existe... inventa-se.

Nestes alicerces se estruturou o «doping» de que hoje tantos falam e acerca do qual tão poucos parecem ter ideias claras.

O «doping» tem de ser considerado a meu ver sob os pontos de vista ético, médico e jurídico

Conceito de «doping» no plano ético

O Desporto significa treino, «performance», competição, luta contra o adversário, o cronómetro, a distância, num apelo à capacidade física e a qualidades anímicas nobres de carácter, vontade, tenacidade e coragem. O atleta sente na prática desportiva um prazer «sui generis» que catalisa o esforço que lhe é pedido e aceita tàcitamente um conjunto de regras morais e legais.

O Desporto deve ser escola de virtudes. A lealdade, a sinceridade, o espírito de «fair-play» são pedras básicas da ética desportiva e devem animar, naturalmente, não apenas os praticantes mas toda a pirâmide do edifício desportivo, dirigentes, treinadores, público.

Neste contexto é evidente que a moral e a ética desportiva condenam o recurso a todo e qualquer meio artificial de auto-superação na medida em que tal constitui deslealdade ou «batota», não só para com os adversários como para com a própria pessoa do prevaricador

Não há total acordo quanto ao que se deve entender por um meio artificial de auto-superação. Alguns, mais puritanos, mais extremistas, vão ao ponto de considerar como tal o uso de vitaminas e minerais, a adopção de certos regimes alimentares (dietas alcalinizantes), as inalações de oxigénio, a massagem. Isto parece um exagero, como exagero poderá ser, também, o não admitir o uso pelas atletas de preparados hormonais com o objectivo de adiar as regras quando estas coincidam com a data de competições.

De qualquer modo, este aspecto do problema é de interesse secundário quando se pretenda delinear o conceito moral, ético, de «doping». De facto neste plano o que conta é fundamentalmente a *intenção* do atleta se superar artificialmente recorrendo a determinado meio e a *convicção* de que através dele consegue o seu objectivo. E isto independentemente de esse meio ser ou não prejudicial para a sua saúde, ser ou não eficaz no ponto de vista da sua acção farmacológica. Se um atleta, antes de uma prova, com a intenção de aumentar artificialmente a sua capacidade, toma uma cápsula de uma substância totalmente inerte («placebo») no convencimento de que se trata de um produto eficaz está de facto a praticar «doping». É evidente que a intenção e a convicção não são normalmente detectáveis, nem mensuráveis. O «doping» ético não é acessível a um «contrôle», a uma fiscalização. É uma questão de formação desportiva, uma questão de carácter, uma questão de consciência.

Conceito de «doping» no plano médico

A capacidade física de um indivíduo e o grau de esforço físico («performance») que pode produzir são, naturalmente, condicionados e limitados por factores de natureza por assim dizer mecânica, como seja o poder muscular, o estado das suas articulações, a eficácia dos seus sistemas respiratório e circulatório, a aptidão dos seus processos metabólicos. O limite superior desta capacidade e logo a possibilidade inerente de «performances» máximas pode ser lentamente alargado, elevado, pelo treino adequado e, talvez, por medidas ditas de preparação biológica. Em todo o caso, o *limite físico* é um valor relativamente estável

Acontece, porém, e esta noção é fundamental, que poucas vezes o indivíduo atinge o limite da sua capacidade somática, corporal, e realiza por consequência uma «performance» máxima e isto porque antes que esse limite físico seja alcançado entra em jogo um outro factor limitante, este de natureza psíquica. Este *limite psíquico* actua como um mecanismo protector. Traduz-se pela sensação de fadiga e está normalmente ajustado a um certo nível, pelo menos em parte predeterminado constitucional e hereditàriamente. O limite psíquico é muito menos estável que o limite físico, podendo deslocar-se, por vezes bruscamente, para baixo ou para cima do nível considerado como normal. Pode descer por exemplo numa fase de descrença nas possibilidades ou em resultado de inibições resultantes do receio de traumatismos ou da influência do ambiente desfavorável (público). Ao contrário, a preparação psicológica do atleta, a chamada «mentalização», a existência de motivações poderosas (prémios monetários, aquisição de prestígio internacional, apoio do público, etc.) podem elevar o limiar psíquico até ao ponto de se confundir com o limite físico das possibilidades do atleta que nessa circunstância estará em condições de realizar «performances» máximas. Mais ainda — e este ponto é crucial para a compreensão da problemática do «doping» — motivações extraordinárias, de natureza endógena ou exógena, ou uma influência por sugestão invulgarmente poderosa, poderão fazer com que o limite psíquico, que é um limite relativo, se eleve acima do limite físico, que é uma limitação absoluta. Entra-se então numa zona crítica em que o colapso por exaustão constitui um risco eminente, podendo mesmo sobrevir a morte. Quase todos teremos estado, uma vez ou outra, na situação de descobrir em nós energias insuspeitadas, em todo o caso a motivação excessiva de origem endógena não constitui na prática um grande risco pois raramente o homem se verá solicitado a ultrapassar as suas possibilidades físicas (como quando se vê perante uma ameaça à sua vida). O caso clássico do correio Pheidippides, pioneiro das corridas de longa distância, que morreu ao chegar a Atenas com a notícia da vitória na batalha da Maratona, tem carácter seguramente excepcional.

Também a influência por sugestão só raramente será capaz de induzir motivações realmente perigosas. A hipnose propriamente dita, essa poderá comportar aspectos perigosos, mas devido á sua técnica subtil, complicada e difícil o seu papel na prática deve ser insignificante ou nulo.

Chegamos finalmente ao problema das drogas Têm sido usadas ou recomendadas pelas pessoas que desconhecem a sua farmacologia com a intenção fundamental de aumentar a capacidade física do atleta e logo o seu limite físico de «performance». Ora a verdade é que não dispomos actualmente de nenhuma droga cuja eficácia neste sentido se tenha podido comprovar. O emprego de cardiotónicos será em absoluto um contra-senso; a acção dos chamados analépticos do tipo da Coramina, é nestas condições nula; o recurso a preparados vitamínicos e minerais, hormonas e substâncias hormonoides, «tónicos musculares», num indivíduo são com um regime alimentar adequado, é de um interesse mais do que discutível.

Em contrapartida, é possível actuar farmacològicamente no sentido de modificar o limiar de percepção da fadiga, elevando substancialmente, até entrar na zona dos grandes riscos, o chamado limite psíquico da «performance». Dispõe-se para isso de uma série de drogas de eficácia segura conhecidas por *drogas psicotónicas*. O seu paradigma é a anfetamina. Quando usadas cuidadosamente, numa posologia adequada e num indivíduo cujo limite psíquico seja subnormal, o seu efeito será normalizar este limite, na zona de segurança, e permitir a utilização do excedente de energia física. Utilizadas em altas doses, como muitas vezes tem acontecido no historial trágico do desporto, particularmente se em conjunção com solicitações consideráveis em esforço físico (ciclismo, pedestrianismo de fundo) sobrevêm os desastres. Pelo menos dez casos de morte pelo uso de anfetamina tinham sido publicados na literatura médica até 1963

Como se poderia esperar e foi confirmado por investigações experimentais, também um simples «placebo» (substância inerte) ou uma droga farmacològicamente activa mas inadequada ao fim em vista podem, como meios de sugestão ou de auto-sugestão, deslocar muito sensìvelmente o limite psíquico da «performance». O atleta, quando se avizinha a hora de entrar em competição encontra-se numa fase em que é altamente sugestionável. Seja o que for que então lhe seja administrado com um cerimonial suficiente e por quem mereça a sua confiança e tenha a personalidade adequada pode mostrar uma «eficácia» notável.

Sob o ponto de vista médico creio não haver quaisquer objecções à utilização pelo atleta de meios inócuos com o objectivo de melhorar a sua capacidade física. As possibilidades de deste modo conseguir uma elevação do limite físico da capacidade parecem actualmente muito limitadas, senão nulas. Então, o emprego de preparados medicamentosos tem mais o ca-

(Continua na pág. seguinte)

O F. C. PORTO NO BRASIL

Depois de amanhã, no Estádio Morumbi, o jogo com o São Paulo F. C.

Encontra-se já no Brasil a equipa principal de futebol do F. C. Porto que, em São Paulo, participará no festival comemorativo da conclusão das obras do Estádio Morumbi, pertença do São Paulo F. C., defrontando a equipa deste prestigioso clube brasileiro.

O F. C. Porto fez deslocar 16 jogadores: Vaz, Aníbal, Sucena, Valdemar, Vieira Nunes, Rolando, Gomes, Pavão, Chico, Pinto, Nóbrega, Acácio, Ronaldo, Sérinho, Salim e Eduardo.

Com os futebolistas seguiram os dirigentes dr. Fernando Cabral (chefe da comitiva), Ivo de Araujo, Hernani Ferreira da Silva, Artur Baeta e dr. Henrique Santana; o treinador Manuel Vieira, o médico dr. José Santana, o massagista Vítor Hugo e o funcionário José Ferreira

Os futebolistas do F. C. Porto á partida para o Brasil, ás primeiras horas da madrugada de hoje

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL — Campeonato regional da III Divisão, 12.ª jornada: Algés-Palmense (20 e 30), R. Janeiro-Mirantense (21 e 45) e Santa Catarina-A. Ateneu (23 h.), no pavilhão de Campo de Ourique.

— Campeonato de juniores da I Divisão, 6.ª jornada: P. Manuel (B)-Almada (17 h.) e C. Ourique-Benfica (18 h.), no pavilhão de Campo de Ourique.

— Campeonato de juvenis, 12.ª jornada: C.D.U.L.-P. Manuel (A), ás 17 h.; Encarnação-P. Manuel (B), ás 17 e 55; Belenenses (A)-P. Manuel (C), ás 18 e 50; e C. Ourique-Benfica, ás 19 e 45, no pavilhão da Ajuda.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da I Divisão, 3.ª jornada: V. Gama-Académica, F. C. Porto-Gin. Figueirense, Belenenses Barreirense, Benfica - Académico, C.U.F.-B.P.M. e Marinhense-Sporting.

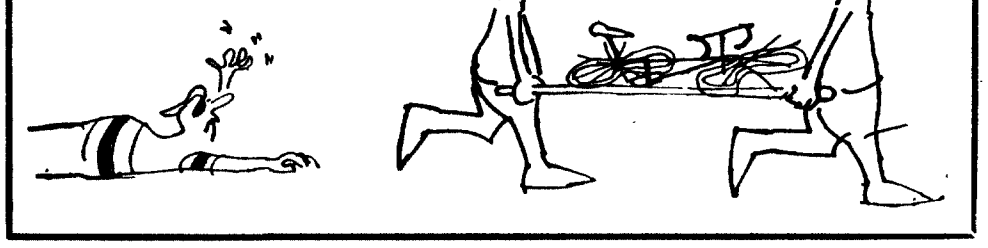
ESGRIMA — Taça «Rui Santa Bárbara» (espada para atiradores com menos de 20 anos), no Centro Espanhol, e Taça «Álvaro Pinto», no Grémio Literário — ambas ás 15 horas.

FUTEBOL — Campeonato de Reservas da A.F.L., 17.ª jornada: Oriental - Casa Pia, Torriense - Sintrense, Estoril-U. Algés e Atlético-Sacavenense, nos campos dos prémeiros, ás 16 horas.

TÉNIS DE MESA — Torneio da Taça «Barna», 3.ª jornada, no Centro Católico, ás 21 e 30.

HUMOR NO DESPORTO

O ACIDENTE



O dirigente Sequeira Nunes quando votava, para eleição dos novos dirigentes do Belenenses

Os belenenses estão a eleger os novos dirigentes do clube

O Clube de Futebol «Os Belenenses» efectuou ontem, no Pavilhão dos Desportos Náuticos, a assembleia geral ordinária destinada a eleger o presidente da direcção para o biénio 1970-71.

Os trabalhos foram dirigidos pelo dr. Gouveia da Veiga, secretariado pelos srs. Pompeu Rocha e José Morais.

Antes de se entrar no assunto fulcral da reunião, o presidente da Mesa fez alusão a dois pontos que iriam debater-se.

O primeiro focava a atitude assumida pelo treinador Varzim, assim como as suas declarações anteriores ao jogo de domingo, com o Belenenses e a recepção de uma carta do mesmo clube, acerca do ocorrido depois desse encontro, no estádio dos «azuis».

O dirigente José Agostinho Carrola explicou a posição do clube perante o incidente, bem como a acção dos seus dirigentes.

A seguir, Acácio Rosa leu o ofício da colectividade da Póvoa, historiou as relações amistosas sempre mantidas entre as duas agremiações, fazendo referência á exigência de 20 contos por parte do Varziam para antecipar de uma hora o desafio com o Belenenses.

E passou-se ao segundo ponto, provocado pelas manifestações de discordância do dr. Salviano Cruz, sócio do Belenenses.

Acácio Rosa esclareceu a assembleia, lamentando a ausência daquele consócio, cujas intervenções infelizes podem prejudicar o Belenenses. Esclareceu a assembleia das razões que levaram Rudolfo da Silva Abrantes — um homem honesto e consciente — a renunciar ao cargo de presidente da direcção e apelou para a unidade e bom senso de todos os belenenses. Informou os consócios do «curriculum» do dr. Salviano Cruz, referiu-se em pormenor, á acção da Junta Directiva, que diminuira de dois milhares de contos as dívidas da colectividade e confessou sentir mágoa e revolta por aquele associado empregar o termo «delapidar» em relação á acção de dirigentes anteriores.

Acabou por dizer que os sócios podem convocar a assembleias extraordinárias que julguem necessárias para debater os problemas do clube, de preferência a tratá-los noutros locais.

Também o dr. Coelho da Fonseca disse do seu desgosto pelos termos da entrevista, anunciando que por todo o mês de Março serão apresentadas as contas da Junta Directiva até 31 de Dezembro ultimo.

Os sócios Ferreira de Matos, Orlando Melo, Manuel Cruz e Carlos Sousa, intervieram também no debate, que o dr. Gouveia da Veiga encerrou.

Este dirigente usou então da palavra, pela ultima vez como presidente da Junta Directiva. Num improviso brilhante, o dr. Gouveia da Veiga narrou, em traços largos, a acção difícil da Junta Directiva ao longo do seu mandato e afirmou ter sido dela, com o dr Coelho da Fonseca, a escolha do eng.º Ubach Chaves Rosa como indigitado presidente da direcção.

Afirmou ainda que os clubes têm de alcançar novas dimensões e adaptarem-se aos tempos que correm para poderem subsistir.

Pediu o apoio da Imprensa, á gente nova do clube e terminou com um viva ao Belenenses vibrantemente correspondido.

Um provável reajustamento do numero de sócio do dr. Salviano Cruz ocupou depois a assembleia por uns minutos.

Em seguida, o dr. Gouveia da Veiga transmitiu aos sócios a notícia de que Francisco Mega nome prestigioso dos «azuis», fiscalizaram o Relatório, funcionando como conselho fiscal.

Finalmente, procedeu-se á distribuição das listas com o nome do eng.º José Álvaro Ubach Chaves Rosa, como presidente da direcção a eleger.

A votação continua hoje, das 10 ás 22 horas.

Quando o limite psíquico excede o limite físico

(Continuação da pág. anterior)

rácter de um reforço da alimentação (vitaminas, minerais, oligo-elementos) e uma intenção profilática ou terapêutica no sentido de manter a aptidão física do desportista para os esforços a que é solicitado.

O ponto verdadeiramente delicado da questão é, porém, o que respeita os meios que se mostraram capazes de influenciar a psique nesta ou naquela direcção e de deslocar, elevando-o, o limite psíquico da «performance», sem que paralelamente exerçam uma influência notável sobre o seu limite físico. Neste ponto se concentra o interesse médico pois dele emanam os problemas mais graves e os acidentes mais temidos.

Todavia, o médico pode, em princípio, considerar como perfeitamente legítima a prescrição de medicamentos psicoactivos ou psicotónicos O conceito médico de «doping» traduz-se em poucas palavras: *o «doping» começa onde a terapêutica acaba*. Sendo assim, se um atleta num determinado momento apresenta um limite psíquico em nível inferior ao seu normal poderá ser lícito tentar normalizar esse nível mediante a administração duma dose necessária e suficiente de anfetamina. Será uma medida terapêutica. Mas se o limite psíquico do atleta é normal então a droga não vai normalizar nenhum parâmetro fisiológico Será «doping».

Saliente-se que em última análise, o médico tem perfeita consciência do melindre da questão, está mais do que ninguém interessado na repressão de práticas duvidosas e perinosas e compreende que admitir as anfetaminas como agentes terapêuticos possíveis no meio desportivo seria abrir as portas a todos os abusos É preferível pois dispensá-las e recorrer apenas aos métodos psicológicos de recuperação e à psicoterapia, de efeitos embora mais lentos.

«Doping» no plano jurídico

A necessidade de colocar um travão à difusão crescente do uso de drogas psicotécnicas nos meios desportivos, que não só pode falsear o resultado das competições como, sobretudo, pode ser extremamente pernicioso para o organismo do próprio atleta, obrigou à elaboração de um conjunto de normas legais repressivas. Mais do que um problema simplesmente desportivo trata-se aqui de um problema médico-sanitário, de um problema toxicológico, de Saúde Pública.

No plano jurídico o conceito de «doping» ignora deliberadamente a intenção, fundamental no conceito ético, mas que só por excepção poderia ser afirmada, como ignora a distinção, subtil e difícil de aferir, com a indicação terapêutica (conceito médico).

No plano jurídico, muito pura e simplesmente, *existe «doping» quando a análise do sangue, da saliva ou da urina do atleta revela a presença de drogas psicotónicas*. Se a intenção ou a necessidade terapêutica se pudessem pesquisar na urina, também o legislador se teria naturalmente preocupado com esses factores... A droga pode até ter sido administrada ao atleta ,sem seu conhecimento mas esse é um problema dele, atleta. O «doping» no plano jurídico não deixa por isso de existir.

O «doping» tem mostrado tendência a alastrar e não sòmente no âmbito do desporto profissional. Aliás, sabe-se a completa confusão existente quanto à distribuição entre desporto amador e desporto profissional.

A legislação repressiva e punitiva além de ignorar necessàriamente os importantes aspectos médicos e sobretudo éticos do «doping» não pode deixar de ser uma medida de recurso, uma terapêutica sintomática que se preocupa com um determinado sintoma sem debelar as causas profundas da doença. No fundo trata-se de um problema de edução, de formação, cujas raízes mais profundas radicam na própria escola.

E grande parte, o «doping» resulta da falta de um conhecimento mínimo dos seus efeitos reais e dos seus riscos potenciais. Muitos aletas e eus «preparadores» mostram mesmo uma ignorância a tal ponto completa do assunto que é frequente, nas competições ciclistas, detectar casos importantes de «doping» mesmo quando os atletas são prèviamente advertidos da realização de análises de «contrôle».

Seria necessário, então, desenvolver toda uma campanha educativa, através da Imprensa, da Rádio, da Televisão, sob a forma de colóquios, conferências, mesas-redondas, em intenção dos atletas, massagistas, treinadores, dos dirigentes e do próprio público. Numa perspectiva mais ambiciosa, haveria que repensar toda a problemática do desporto em ordem a criar uma nova mentalidade desportiva.

Isto por agora. Se me é permitida, contudo, uma previsão a longo prazo, poucas dúvidas tenho de que no futuro, como resultado de uma tendência inelutável, surgirão novas drogas suficientemente inócuas para o Homem, sobretudo na medida em que serão capazes ou de aumentar apenas a capacidade física ou de elevar paralelamente as possibilidades físicas e químicas. acessíveis a todos os atletas que assim competirão em pé de igualdade, que obrigarão a rever os actuais conceitos ético, médico e jurídico do «doping».

A. FERREIRA DE ALMEIDA

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: C. Quebradense-Técnico e Ateneu-Internacional, no pavilhão da Ajuda, ás 21 e ás 22 e 30.

— Campeonato regional da 2.ª Divisão (jogos atrasados): Maria Pia-Queluz (21 e 30) e Spt. Torres-Sacavenense (21 h.), nos campos dos primeiros.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos individuais de Lisboa, da 4.ª série de senhores, nas mesas do Intendente, Andorinha e Benfica, e de senhoras, nas mesas do Ferroviário e do Avila.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação – 9.ª Época

Diário de Lisboa — 211 111 X11 12X1; Açores (Desportivo) — 212 111 X11 1XX1; O Alcoa — 211 111 2X1 12X1; Brados do Alentejo — 212 111 X22 2X11; Comércio de Portimão — 211 111 111 X221; Correio dos Açores — X11 11X 211 1X21; Defesa de Espinho — 211 11X X11 2111; Diário da Manhã — 212 X11 X11 1111; O Distrito de Portalegre — 211 1X1 X21 11X1; O Distrito de Setubal — 211 111 X11 12X1; Ecos de Cacia — 211 111 X11 X211; Estrela da Manhã — 211 111 111 XX11; Gazeta do Sul — 211 111 21X 121X; A Ilha (Desportiva) — 211 11X X11 11XX; O Jornal de Felgueiras — 211 121 111 1X11; Jornal do Fundão — 212 11X 211 1111; Jornal da Lixa — 211 111 1X1 1X12; Jornal do Sul (AD) — 211 111 XX1 121X; Jornal do Sul (TL) — 21X 111 XX1 1X1X; Linhas de Elvas — 211 111 111 1X11; Mundo Desportivo — 211 111 211 1X11; Notícias da Amadora — 211 1X1 111 X211; Notícias de Beja — 211 11X 2X1 1X11; Notícias de Chaves — 211 111 221 1XX1; Notícias de Felgueiras (SD) — X11 1X1 111 1211; Notícias de Felgueiras (Tot) — 211 111 X11 2X11; Notícias de Guimarães — 211 11X 111 1211; Notícias de Penacova (Totof) — 211 111 211 X111; Notícias de Penacova (Totop) — 2X1 111 XX1 X111; Folha de Domingo — 211 1X1 X11 1211; Peça Que Não Maça — 211 11X X11 11X1; Povo Algarvio — 211 111 X11 1XX1; Rádio Altitude — 211 111 211 1X11; Rádio Sports — 211 111 111 1111; Reconquista — 211 111 111 1111; Renovação — 21X 111 211 11X1; República — 211 111 211 1121; Sporting — 211 11X 111 12X1; O Telégrafo — X1X 111 211 1X21; O Templário — 211 111 111 1111; A Voz de Palmela — 212 1X2 111 X211; Diário de Moçambique — 212 111 211 1211; Diário (L. Marques) — 21X X11 X2X 1XX1; Brado Africano — 211 111 21X 1111; Domingo Alegre — 21X 111 X11 1XX2; Roteiro Sonoro—21X 11X X11 22X1; Terceiro Programa — 212 11X 211 1111; Passatempo — 212 21X X11 1X11; Cidade 70 — 2X1 1X1 XX1 1211; Bondiazinho — 21X 111 221 2211; Vamos Jogar no Totobola — 21X 1X1 X22 211X; Cantinho Ricardo Lemos — 211 11X X11 1XX1; Ecos do Desporto—21X 111 X11 1111; Ideal Rádio — 211 11X 211 1211; Jornal de Notícias — 212 111 2X1 1211; A Lição do Menino Quim — 211 112 11X 1211; Momento do Totobola — 22X 111 X11 1111; Notícias do Douro — 211 11X 21X 1211; A Ordem — X11 111 X11 1211; Penalti — 211 111 211 12X1; Prog. Electro Mecanico — 2XX 111 X11 1111; Rádio Placard (R CP) — 2X1 111 X11 12X1; Rádio Placard (RCP de Lx.ª) — 2X1 111 211 1211; Rádio Placard (ENR) — 211 111 X11 12X1; A Voz — 211 111 X11 12X1; Auto Rádio — 211 11X XX1 2X11; Boletim Desportivo do RP — 212 111 X11 11X1; Cavalgada do Ritmo — 211 11X 1X1 X111; O Comércio de Leixões (DT UP) — 211 111 X11 11X1; O Comércio de Leixões (Desp.) — 211 1X1 111 1X11; O Comércio do Porto — 211 111 X11 12X1; Correio de Coimbra — 211 111 X11 1X11; Correio do Vouga — 211 111 211 1111; De Tudo Um Pouco — 211 111 XX2 1X11; As 10 Espere Por Nós — 2X2 XX2 2XX 1221; A Defesa — 211 111 X11 1X11; Diário de Coimbra—21X 111 111 11X1; Diário do Alentejo — 211 11X X11 1X21; Diário do Sul — 211 111 X11 1111; Dos Fracos Não Reza a História — 2X2 121 X11 X211; Imagens Piedenses — X11 111 X11 2111; Jornal da Beira — 211 X11 XX1 X2X1; Jornal de Sintra — 211 1X1 211 11X1; Jornal de Viseu—X11 111 21X 2XXX; Litoral — 2X2 X22 122 X211; Maria da Fonte (Desp.) — 211 11X 111 21X1; Maria da Fonte (VP) — 211 111 X11 1211; Notícias de Gouveia — 211 111 2X1 X111; Passatempo — 211 11X 211 1111; Póvoa de Lanhoso (CA) — 21X 111 2X1 12X1; Póvoa de Lanhoso (Desp) — 212 111 2X1 11X1; A Rabeca — 211 111 211 2XX1; Rádio Ribatejo — 211 11X 11X 1221; Repórter do Dia — 211 111 211 X211; Repórter do Dia (Angola) — 211 111 X11 X211; O Setubalense—211 11X 111 X112; O Sorriso da Hora do Almoço — 22X 1XX 211 1XXX; A Voz Desportiva — 212 111 21X 1X11; A Voz do Domingo — 21X 111 211 1211; Voz de Lamego — 211 111 211 1X11; Angola Norte — 21X 1X1 X11 1XX1; Diário — 211 111 X11 11X1; A Nossa Chave — 21X 111 X11 1111; Notícias do Totobola — 111 111 XX1 12X1; Apostolado — 1X2 11X X11 1221; Comércio — 211 111 111 1X21; Prog. da Manhã — 111 111 111 1111; Musica e Desporto — 211 111 X11 X21X; Só-Rádio — XX2 111 X11 12XX; Almanaque — 21X 111 211 X11X; Boletim Desportivo — 211 111 X11 1X12; Norte Desportivo — 211 11X 211 12X1; Vamos á Bruxa (Adesivo) — 21X 111 211 X211; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — 211 11X 211 1211; Colina Sagrada — 211 111 1X1 11X2; Correio do Douro — 211 111 211 211X; Resenha Desportiva — 221 X12 211 121X; Prog. Sem Nome — 21X 111 X11 1X11; Rádio Clube do Norte — 2X1 22X 211 X1X1; Notícias d'Évora (VJT) — 211 111 X11 1XX1; Notícias d'Évora (VD) — 21X 111 2X1 X12X; A Voz dos Ridículos — 211 111 X11 12X1; A Voz do Casa Pia — 211 111 X11 1X11.

RESUMO
CONCURSO N.º 21

N.º	JOGOS	1	X	2	1	X	2 (a)
1.	U. Tomar-Sporting	3	8	112	1	1	10
2.	Barreirense-Boavista	109	10	4	10	1	1
3.	Varzim-Académica	85	22	16	9	2	1
4.	Benfica-Belenenses	115	6	2	10	1	1
5.	Guimarães-Leixões	107	12	4	10	1	1
6.	Gouveia-Vizela	92	26	5	9	2	1
7.	Espinho-Salgueiros	24	56	43	2	6	4
8.	Leça-Lamas	97	19	7	9	2	1
9.	Famalicão-Penafiel	110	9	4	10	1	1
10.	Farense-Torriense	91	20	12	9	2	1
11.	Santarem-Montijo	40	36	47	4	3	5
12.	Seixal-Sesimbra	72	41	10	7	4	1
13.	Peniche-Oriental	105	13	5	10	1	1

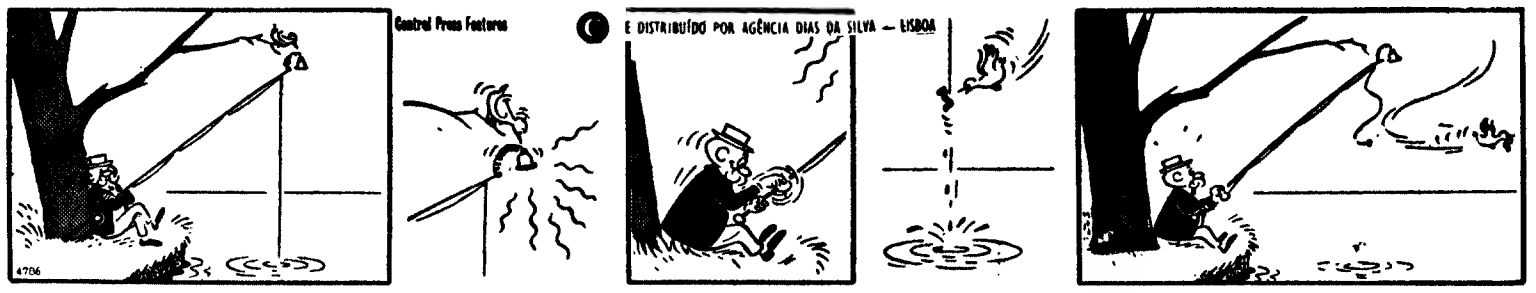
E o prognóstico lógico será: 211 111 X11 1211.

(a) Nos termos do Art.º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados, na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 23 de Janeiro de 1940 publicava:

«Merece assinalar-se nesta página o procedimento do oficial que desistiu de torpedear o «Bremen», por não ter possibilidade de recolher, a bordo do submarino que comandava, todos os náufragos que demandariam socorro, depois da ruína irreparável do imponente transatlântico.

«Trata-se do capitão-tenente Pickford e do seu barco, o «Salmon».

«O capitão-tenente Pickford foi um herói no seu género, salvando da morte certa inimigos que ele preferiu considerar homens, amparados por uma vaga disposição do direito internacional marítimo que lhes era favorável.

«Quantos usariam da mesma clemência, poupando quem nem sequer avaliou da grandeza de tal gesto?

«O «Bremen» continuou a sua marcha em direcção a um porto germânico, o «Salmon» desceu ás profundezas do mar, com o orgulho de haver vencido a tentação do mal.

«Que pensou a Inglaterra da vitória moral do capitão-tenente Pickford?

«Dado que a sua consciência de nação livre ama as decisões em que se sacrifica o sucesso imediato á justiça mediata, a Inglaterra aplaudiu o honrado escrúpulo do oficial que, num segundo, colocou a sua pátria acima da sua própria glória.»

Palavras cruzadas

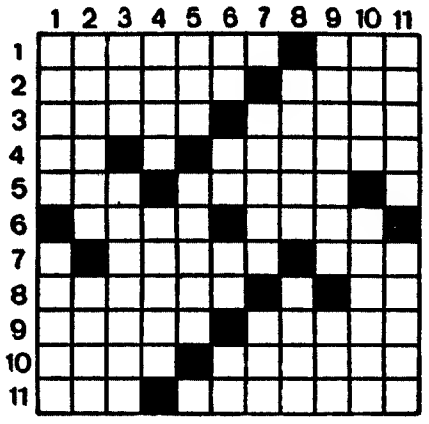
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5425

HORIZONTAIS: 1 — Acalmar. Cabelos brancos. 2 — Pronome indefinido (pl.) Curo. 3 — Tempo forte, entre os Latinos. Nome de peixe. 4 — Fútil. Respertar. 5 — Nome de mulher. Marcai o peso da tara em 6 — Gostar muito de. Vigor. 7 — O mesmo que ventarola. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 8 — Acerto casualmente. Érbio s. q.) 9 — Nome de flor. Animal da classe dos aracnídeos 10 — Origens. Veiras. 11 — Empunhei. Partiro em toros.

VERTICAIS: 1 — Estimava Sossego. 2 — Muralhada. Apelido. 3 — Suspiros Liguei 4 — Filho de Tereu, rei da Trácia Formais as abas a. 5 — Pronome pessoal. Gole. 6 — Compeão Tempo do verbo naver Laço. Átomo (abrev.). 7 — Ilha do arquipélago dos Açores Espaço de doze meses. 8 — Remediai. Ave de rapina. 9 — Passarinho dentirrostro. Pega. 10 — Espeta o arpéu em Realizar. 11 — Ecoara. Freguesiia do concelho de Guimarães

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5424

HORIZONTAIS: 1 — Trova. Acato 2 — Enriz. Topar. 3 — Moracanai. 4 — Raladas. 5 — If. Ela. Co. 6 — Sacra. Sacar. 7 — Rau. O. MAR. 8 — Atrai. Casar. 9 — QUEM. Roça. 10 — Una Cor Dom. 11 — Isaras. Anoso.

VERTICAIS: 1 — TE. Vis. Aqui. 2 — Rim. Fartura. 3 — Orar. Carear. 4 — VIRA. Ruam. 5 — Azálea. Cs. 6 — Cal Bo. 7 — Atadas. Rã. 8 — Cana. Amar. 9 — Apas. CASADO. 10 — Tai. Caraças. 11 — Or For. Rama.

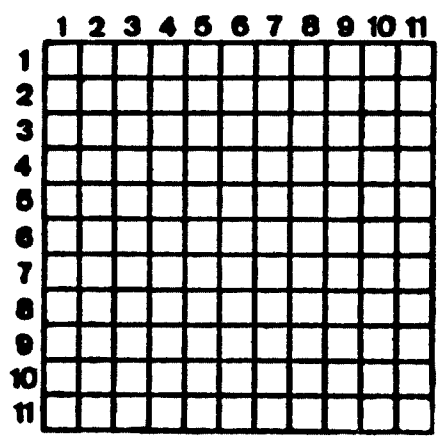
Provérbio: Ò MAR QUEM TE VIRA CASADO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9268

HORIZONTIS: 1 — Cidade da Suíça Nome pelo qual os alquimistas designavam o chumbo. 2 — Dar pios. Mana. 3 — Soltara. 4 — Unidade das nossas medidas de peso. Lavoura. 5 — Entontece Esteiros 6 — Apelido. Tempo do verbo ir. Campeão. 7 — Abreviatura que se usa em música. Estado da África do Norte que compreende o Tripolitânia, a Cirenaica e a Fezânia Basta 8 — Tempo do verbo dizer. Cures 9 — Passadas Dura 10 — Preposição e artigo definido (pl.) Colocar. Igual. 11 — Separo. Avarenta

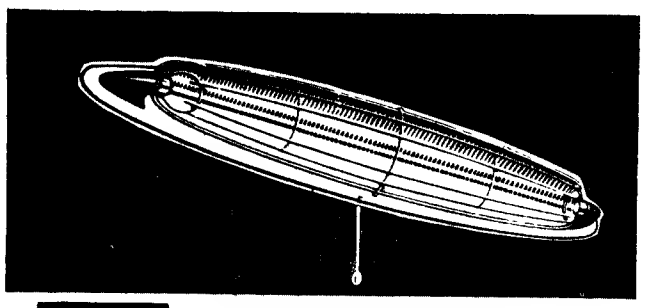
VERTICAIS: 1 — Acabo Detestai. 2 — Nesse lugar Intratáveis 3 — Amofinara. Cabo da costa de Portugal. 4 — Fio de latão. Lírio 5 — Batráquio. Vende a crédito. Rio de Itália. 6 — Prata (s. q.). Por baixo de. Cobalto (s. q.) 7 — O mais. Troças Rádio (s. q.). 8 — Encolerizar. Rio da Suíça 9 — Assanhada. Sarrafo 10 — Amónio (s q.). Andar de rastos. 11 — Caixa de madeira revestida de coiro ou lona (pl.) Guarnecera de asas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9267

HORIZONTAIS: 1 — Falar. Ataca. 2 — Anão. Aram. 3 — Rui. Ama. Aru. 4 — Dá. Lidai. Pã. 5 — Alcançareis. 6 — Oc. Mi. 7 — Remodelasse. 8 — Al. Solas. És. 9 — São. Mas. Mat. 10 — Pita. Fora. 11 — Asara. Morar.

VERTICAIS: 1 — Farda. Raspa. 2 — Anual. Elais. 3 — Loi. Com. Ota. 4 — Ao. Laços. Ar. 5 — Ain. Dom. 6 — MMDC. Elas. 7 — AAiA. Lãs. 8 — Ta. Irmãs. Fó. 9 — Ana. Eis. Mor. 10 — Carpi. Seara. 11 — Amuas. Estar.



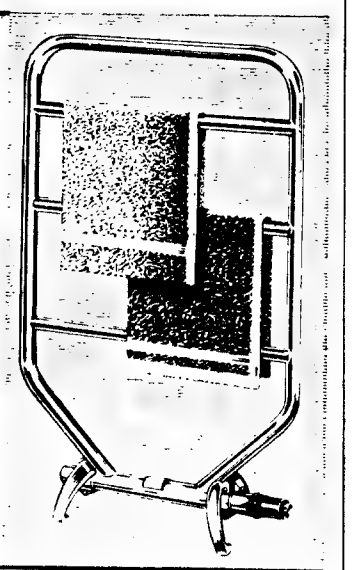
Dimplex

A maior fábrica britânica da especialidade apresenta-lhe o mais aperfeiçoado aquecedor a infra-vermelhos do nosso tempo

*

Junte-lhe o toalheiro eléctrico DIMPLEX e terá um novo conforto, prático e económico.

peça catálogo grátis



À VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

Representantes Exclusivos:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
R. ANTÓNIO ENES, 20-1º-TEL. 53 50 57 - LISBOA
R. DR. ALFREDO DE MAGALHÃES, 99 - PORTO

um gesto preciso...
...uma tinta adequada

Fabricado por uma das mais importantes e conceituadas fábricas do Mundo, o Esmalte Celulósico DUCO® oferece-lhe a garantia de qualidade da

DUPONT

Agentes Gerais
Bethencourt Bros, Ltd.
R. Sapateiros, 128-1.º
LISBOA
Sória Limitada
R. Sá da Bandeira, 214-216
PORTO

® MARCA REGISTADA

Propriedades

— VENDAS —

MORADIA

Vende-se entre Oeiras e Carcavelos, muito bem situada, a estrear, composta de r/chão e 1.º andar, com lindas vistas e todos os requisitos modernos, totalmente independente, com uma área de 1500 m2, pronta a fazer escritura. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104 - 2.º, telefs. 53 61 11-2-3 — Lisboa.

PREDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS, não compre sem consultar a PREDIAL

ROBREL

R Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

H. NUNES

PUBLICIDADE

Telef. 847260

PRÉDIO

POR 2800 CONTOS: À Praça do Chile grande volume de construção, excelente estado de conservação, 6 pisos, hab. c/ 6 c. associalh., e. banho e marquise. Rendas muito baixas. Rende 174 000$. TRATA: A LUZÁFRICA Calç. Carmo, 6-2.º Telf. 368080

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.ª ou 2.ª hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º Dt.º — Telef. 325487, 470618 (Junto á P da Figueira).

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos quaisquer importância a título de comissão aos inquilinos. Trata: SOC. CONSTINVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º, — Telefs.: 30259-34755.

ANDARES AO LUMIAR

Para habitação ou rendimento, compostos de 2, 3 e 4 div. ass., coz., c. banho, marquise, desp. e hall. Preços: 210 / 260 e 280 contos.

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45-3.º, E. LISBOA

Telefs. 323172 - 367444

AUTOMOTORA DE «FIM DE SEMANA»

A C.P. informa que as estações do Ramal de Lagos passam a vender bilhetes para a automotora especial que circula aos sábados e domingos de Vila Real de Santo António - Guadiana a Barreiro, e volta, com ligação em Tunes e no Barreiro, respectivamente, ás circulações e carreiras normais.

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs 832391 e 820666

A C. P. E O CARNAVAL

Informa-nos a C. P. de que por motivo da quadra do Carnaval do ano corrente os bilhetes de «fim-de-semana» são válidos para início da viagem de ida desde as 17 horas do dia 6 de Fevereiro (sexta - feira), até ás 12 horas de domingo, dia 8, e para início da viagem de regresso desde as 12 horas do mesmo domingo até ás 24 horas de terça-feira, dia 10

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

Capitais

TEM PREDIO? TEM CARRO? ENTÃO TEM DINHEIRO CONSULTE JÁ A ORCOSI

Telefs. 367444/323172

Rua 1.º de Dezembro, 45

PRÉDIO 7%

CACÉM

Construção em cimento armado, composto de 4 pisos, 8 inq. de 4 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall.

Rendimento — 105 600$00

Preço — 1 350 000$00

MOSTRA E TRATA «A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telf 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

DINHEIRO

SOBRE AUTOMOVEIS E PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

Telefs 44602 536569

SE TEM ALGUM DESTES PROBLEMAS...

— Contabilidade complicada e atrasada
— Dificuldade de espaço para ampliar escritório
— Dificuldade em obter pessoal especializado
— Falta de tempo para desenvolver seu negócio
— Dificuldade em preencher lugares no Conselho Fiscal, conforme disposições legais em vigor desde 1/1/970.

ENTÃO, contacte com BELCONTA

Apartado n.º 4008 — Telef. 785840

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ leras, s/ fiador até 40 meses. SIMPLES, EFICIENTE, ECONÓMICO

T. 560713

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CAPITAIS

COLOCAM-SE COM INTEIRA GARANTIA, AO MELHOR JURO, SOBRE HIPOTECA:

CONSULTEM A

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Pr.ª da Alegria, 58, 2.º — Telef. 366731 - 366812

— e escolham a solução mais adequada às v/ pretensões.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 448446.

Contacto

H. NUNES

Telef. 847260

PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987.

Volkswagen 1500 de Luxe, 1968; N. S. U. Prinz 1000 S, 1968; Simca 1000 G. L. S., 1968; Fiat 850, 1966; Taunus 12 M, 1500, de 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Cooper S 1300, 1964; Morris 850 Super, 1964; Saab mod.º 96, de Luxe, 1965.

Fac. troca e pag.

VENDE: MARCELO Av. João Crisóstomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St.º Bárbara, 5 - B. Telef. 53 46 57.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou seguro. Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alteração de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª, — Av. Republica, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

UNIÃO DE TOMAR - SPORTING

DOMINGO, 25 DE JANEIRO

A C. P organiza, em colaboração com o «Sporting Club de Portugal», um comboio especial de Lisboa a Tomar e volta, no dia 25 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «União de Tomar-Sporting», ao preço de 55$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Rego)	7-44
Chegada a Tomar	10-05
Partida de Tomar	18-50
Chegada a Lisboa (Rego)	21-24

Bilhetes à venda na Sede do Sporting Clube de Portugal e nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego).

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria. Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na:

Av. Almirante Reis, 172-A

Telef. 533592

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A

Telef 53 35 92

Na MOITA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Sebastião Araújo Alegria, Rua Machados dos Santos, 8.

EXCURSÃO DA C. P. ALGARVE EM FLOR E CARNAVAL DE LOULÉ

8 e 9 de Fevereiro

Comunica-nos a C. P. de que realiza nos dias 8 e 9 de Fevereiro em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Albufeira, Vilamoura, Praia da Quarteira, Loulé, Alvor-Praia, Torralta, Lagos, Cabo de São Vicente, Sagres, Burgau, Praia da Luz, Praia da Rocha e Portimão, incluindo viagens em 1.ª classe, almoço no comboio, á ida, circuito turístico em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Júpiter da Praia da Rocha.

Preço ..... 560$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

CARTAZ DOS CINEMAS

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.30
Uma aventura no topo do mundo
MISSÃO NO ÁRCTICO
com **Rock Hudson, Ernest Borgnine** e **Patrick McGoohan**
Panavision - Metrocolor (70 mm)

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.º MÊS
10.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO À ITALIANA
com **Marcello Mastroiani**

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE: Às 15.15, 18.15 e 21.30
Êxito incomparável
Um filme de excepcional nível em realismo dramático
A MORTE DE UM PISTOLEIRO
com **Richard Widmark** e **Lena Horne**
TECHNICOLOR
A trágica odisseia de um «sheriff» vítima de uma revolta contra ele...

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
UM VENDAVAL DE PAIXÕES PROVOCADAS PELA CONDENAÇÃO DE UM GRANDE AMOR
MARIA ISABEL
com **Silvia Pinal** e **José Suarez**
A odisseia de uma jovem presa ao segredo de um pecado de uma amiga...
— EASTMANCOLOR —

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Uma história moderna e provocante sobre o amor e o sexo...
MEIAS PRETAS
EASTMANCOLOR
c/ **Susan George** e **Victor Henry**

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 21 e 30, em continuação de estreia (Adultos)
Katharine Hepburn é
A LOUCA DE CHAILLOT

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30 h.
Uma alta comédia cheia de imprevisto e humor
OS LOUCOS DO AMOR
Jack Lemmon
Catherine Deneuve

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Technicolor — 3.ª SEMANA
Ingrid Bergman e **Walter Matthau**
A FLOR DO CACTO
a mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
3.ª SEMANA - Às 15.45 e 21.45
Technicolor
o regresso de **Ingrid Bergman** que com **Walter Matthau** forma
A FLOR DO CACTO
A mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!
o par mais sensacional do momento

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e **Ricardo Montalban** no super-espectáculo de Bob Fosse em cinemascope e technicolor:
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme seleccionado para inaugurar o Festival de Cannes de 1959
Rua Bulhão Pato (à Av. Roma)

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 6.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Lux com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine, Sammy Davis **Jr.** e **Ricardo Montalban** no super-espectáculo de 1970, em cinemascope e technicolor
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
O HOMEM DE KIEV À PROCURA DO AMOR

LIDO
Praça D. João I—AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 horas
Magistrais interpretações de **Katharine Hepburn, Yul Bryner, Danny Kaye** e muitos mais artistas!
A LOUCA DE CHAILLOT
A maior sátira social de todos os tempos!

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Technicolor - Techniscope
MULHERES — LUXO
DINHEIRO — PODER
OS HOMENS DE LAS VEGAS
com **Elke Sommer, Jack Palance, Lee J. Cobb, Jean Servais** e **Roger Hanin**

ESTÚDIO
(M. 17 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 3.ª SEMANA
TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE
com **Annie Girardot**

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Um filme gigante
O OURO DE MACKENNA
Gregory Peck — Omar Sharif
Um gigante de acção numa palpitante aventura!

QUINZENA DO CINEMA INGLÊS
HOJE — Adultos — 18.30 h. **OS INOCENTES**, de Jack Clayton, com Deborah Kerr e Michael Redgrave, etc.
DIA 26: **A Única Ambição** — (Adultos).

CONDES
(M. 12 anos) Tel. 522523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um desafio aos seus nervos...
Uma aventura no topo do mundo
2.ª SEMANA
MISSÃO NO ÁRCTICO
Panavision Metrocolor
com **Rock Hudson, Ernest Borgnine, Jim Brow**
70 mm

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Uma avalanche de emoções
NA PISTA DOS DIAMANTES
com **Richard Johnson** e **Honor Blackman**

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
A RAPARIGA DA PISTOLA ENTRE DUAS LÁGRIMAS

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
O 41.º
O GRANDE INDUSTRIAL

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
David Niven, Cantinflas, etc.

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telefs 54153/4
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Óscar para o melhor realizador)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman** e **Katharine Ross**

No PRÓXIMO DOMINGO
dia 25, ás 11 horas da manhã
CINEMA COM CRITÉRIO
A iniciar as sessões quinzenais aos domingos de manhã
«O SALTO» — M. 17 anos
Bilhetes á venda nas bilheteiras deste cinema
Patrocínio do Cine-Club Cat.

Teatro Maria Matos

BREVEMENTE
Em teatralização de **Sttau Monteiro** e **Artur Ramos**
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
Uma nova produção de **IGREJAS CAEIRO**
(ADULTOS)

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo»

TEATROS
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
VILARETT — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 15 e ás 23: «Esperteza Saloia» (17 anos).
VARIEDADE — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Forja» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 21: «Não matarás» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Barbarela» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Boa noite Sr.ª Campbell» (17 anos).
PARIS — Às 21: Noites de outros tempos» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O grande ídolo» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Os boinas verdes» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Para além das montanhas» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Ao sol com o meu amor» (12 anos).
LUMIAR — Às 21: «Falso culpado» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 21. Sob as bandeiras» (17 anos)

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «Tom Dollar» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21 «Davey» o folgazão» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 7 e ás 21 e 30 «A volta ao Mundo em 80 dias» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «O Golpe de Ouro» (12 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Ataque á muralha do Atlantico» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Minuto a minuto sem resistir» (17 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Quem roubou o cordão» (12 anos).
AMADORA — Recreios Desportivos — Às 21 e 15 «Seduzida e Abandonada» (17 anos).

«ESPERTEZA SALOIA» —quatro meses em cena

A revista que muita gente já viu duas e três vezes — assim se poderia chamar, com justo motivo, à revista «Esperteza saloia!», que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, em 4.º mês de representações, no Teatro Maria Vitória.

Escrita por Aníbal Nazaré, Salvador e José Viana, musicada por João Nobre e Carlos Dias, a revista do Maria Vitória tem montagem dirigida por Hernâni e Rui Martins e um guarda-roupa confeccionado nos «Ateliers» Paiva, sob a direcção da «mestra» Josefina Soares, e com figurinos do jovem artista Juan Soutullo.

A frente do elenco do Maria Vitória estão os artistas Salvador, José Viana, Maruema, Barroso Lopes e Dora Leal, com as atracções Helena Tavares e «The Melodies», e os artistas Vítor Mendes, Dina Maria e Cristina Cassola, além de um grande grupo de jovens actrizes e de um escultural e alegre «ballet» internacional.

O público ri, durante todo o espectáculo, como poucas vezes o fez numa revista. E isto, sem dúvida, o segredo do êxito de «Esperteza saloia» que, ao cabo de quatro meses de representações, mantém a presença e a graça da primeira noite.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno H
AJUDA — **Lopes Ribeiro** Rua do Cruzeiro, 1-1-7 (633288) ✲ **Boa Hora,** Rua dos Quartéis, 25-27 (637777).
ALVALADE — **Alvalade,** Av. da Igreja, 18-A (712070) ✲ **Gasparinho,** R. Dr Gama Barros, 54-A (710465) ✲ **Ideal,** Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ✲ **Paris,** R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água (710131).
ALCÂNTARA — **Lisbonense,** Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020).
ANJOS — **Colonial,** R. Forno do Tijolo, 40 (841122) ✲ **São José,** R. dos Anjos, 41 (50730).
ALTO DO PINA—**Nobel,** R. Actor Vale, 53 (842152)
AREEIRO — **Vera Cuz,** P. Afrânio Peixoto, 2-B (724941) ✲ **Onilda,** Avenida João XXI, 18-A (726848).
ARROIOS — **Oriental de Lisboa** —Rua de Arroios, 215 (45079).
CAMPO DE OURIQUE — **Porfírio,** R. Franc. Metrass, 59 (663849) ✲ **Ivone, Lda,** R. Silva Carvalho, 232-C (650760).
CAMPOLIDE — **Central de Campolide,** R. General Taborda, 17 (680304).
CARNIDE — **Leal de Matos,** Rua Neves Costa, 38-35, (780181).
CONDE DE REDONDO — **Salutar,** R. C. Redondo, 9-A (533411).
ESTRELA e LAPA — **Paivas & Parente,** R. de Santo António á Estrela, 96-98 (665196) ✲ **S. A. E. Silvas, Filhos,** Rua de S. João da Mata, 74 (661010).
GRAÇA — **Arnall,** R. das Escolas Gerais, 88-A (863940).
LUMIAR — **Alameda,** A. dos Ulmas de Torres, 201-B (790942) ✲ **S. Tomé,** Est. do Desvio, lote 112-C (790704)
MARVILA — **Marvila,** R. Direita de Marvila, 25 (881612).
AVENIDAS NOVAS — **Miranda,** C. Pequeno, 36-B-C (770776) ✲ **Sagres,** Av. Luís Bivar, 69-71 (47213) ✲ **Cardeira,** Av. Duque de Ávila, 312-C (48495) ✲ **Cosmos,** Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ✲ **Universal,** Rua Actor Taborda, 5-7 ((44158).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira,** Praça das Casas Novas, Lote 66 (810172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — **Romano,** Rua B-7, à Rua Marquês de Olhão, (883800).
BAIXA — **Centro Farmacêutico,** R. das Portas de St.º Antão, 88 (321211) ✲ **Unifa,** R. da Vitória, 21 (823793).
BELÉM — **Ocidental,** R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (6102256).
BENFICA — **Benfica,** Est. de Benfica, 678-E (702582) ✲ **Sousa,** Est. Benfica, 429-431 (780027).
CAMPO GRANDE — **Neoterapia,** Campo Grande, 188 (774682).
MOURARIA — Tavares, R. da Palma, 194 (863350).
OLIVAIS (Sul) — **Higiene** — Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4 (Lote 48 zona poente (310026) ✲ **São Paulo** — Rua 2 Lote 823 (á Estrada de Moscavide) (Tel 310711).
PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Morais Soares, 56-C (847708).
PICHELEIRA — **Marluz,** Calç. da Picheleira, 140-B-C (726703 e 728395)
REGO — **Prates & Mota,** Rua da Beneficiência, 91 (773728)
RESTELO — **Tanara** — Rua Rodrigo Reimel, 3-A (á encosta do Restelo—próximo dos Moinhos). (611814).
S. BENTO — **S. Mamede,** R. da Esc. Politécnica, 82-B (660280). ✲ **São Bento,** R. dos Poiais de S. Bento, 73 (679673)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Nova Luz,** R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) ✲ **Martins, Lda.,** R. Fernão de Magalhães, 33 (849448).
MOSCAVIDE — **Varela,** Av. Moscavide, 44 (2518520)

● Linha de Cascais
ALGÉS — **Nita** — Av. Lorna à Guerra 64 (Tel 210070)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva** — Av. Patrão Lopes 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS — **Central,** R. João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — **Brandão** — Av. da Republica, 77-C (Tel 2471054)
ESTORIL — **São João** — São João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — **Lopes** — Rua Hangor, 3 (Tel. 260008).
CASCAIS — **Marginal** — Av. Marginal (Tel 280078) **A. Costa** — Rua Freitas Reis, 24-A (Telef 280214)

● Linha de Sintra
AMADORA — **Dias** — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589). **Campos;** — Rua Elias Garcia, 85 (Tel 930072); **Clabel** — R. António Sardinha 23-D (Tel 933551)
DAMAIA — **Damaia** — P. Alexandre Gusmão. 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ — **André** — Av. Elias Garcia, 51 (Tel 950043). **Queluz** — Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel 951841).
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — **Química** — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Marrazes** — L. Rainha D. Amélia (Tel. 980058).
VENDA NOVA — **Nova,** R. Elias Garcia, 0 (Tel. 933920).
COLARES — **Colares** — **Abreio** (Tel. 299088).

● Outra Banda
ALCOCHETE — **Gameiro,** L. António dos Santos Jorge, 5 (Telef (234100)
ALHOS VEDROS — **Portugal** Avenida do Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA — **Nuno Alvares** — Av. D. Nuno Álvares Pereira 39 (Tel 270504
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima** — Est Nacional 221-B (Telf. 224141)
BARREIRO — **Pimenta** — R. Dona Joaquim António Aguiar 259 (Tel. 227301)
COVA DA PIEDADE — **Império** — Rua Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel 274356)
MOITA — **União Moitense** — Av. Dr Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — **Higiene,** Rua José Joaquim Marques, 42 (230370).
SESIMBRA — **Leão** Av. Salazar (Tel 22947)
SETUBAL — **Lisboa** — Rua Dr. Paulo Borba (Te 22248); **Saião** — Av.ª Portela (Tel 22709)
SEIXAL — **Soromenho,** Rua Pavo Coelho 38 (2560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas,** 861353 ✲ **Companhias Reunidas,** 537011 ✲ **Gazcidla,** 538821 ✲ **Gazcidla,** (dem e feriados 382069.
BOMBEIROS — **Sapadores** 322222 **Voluntários,** 538524
POLICIA e G N R — **Serviços de emergência,** 115 ✲ **Segurança Publica,** 866141 ✲ **Judiciária,** 535380 ✲ **Marítima,** 326456 ✲ **Internacional,** 362721 ✲ **Viação e Trânsito,** 42205 ✲ G.N.R. (área rural) 36865
SAÚDE — **Cruz Vermelha,** 865342 ✲ **Enfermagem permanente,** 766161 ✲ **Enfermagem de urgência,** 43738 ✲ **Hospital de Santa Maria,** 775171 ✲ **Hospital de S. José** 860131 ✲ **Sangue, oxigénio e soros,** 771168 e 771169 ✲ **Transfusões, soros e oxigénio,** 538524 ✲ **Centro de Intoxicações (informativo),** 767777 761176 e 763450
TRANSPORTES—**Aeroporto** 720111 ✲ **Caminhos-de-ferro,** (C. P.), 869029 ✲ **Caminhos - de - ferro (Estoril),** 861121 ✲ **Estação fluvial** (T. Paço) 325345 ✲ **Estação marítima de Alcântara,** 663195 ✲ **Estação Marítima da Rocha,** 672445 ✲ **Estação fluvial (Belém)** 638511

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

RESTAURANTE
António
AMANHÃ
DOBRADA À ANTÓNIO
DOMINGO
CABRITO NO FORNO
RUA TOMÁS RIBEIRO, 68

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar ✲ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef 40115
Aos domingos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS E COELHO À CAÇADOR
SERVIEM-SE LANCHES DE CASAMENTO

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

Ojukwu está na Costa do Marfim que lhe concedeu asilo político

ABIDJAN, 23 — (F. P. e R.) — O general Ojukwu, antigo chefe do regime separatista biafrense, encontra-se na Costa do Marfim, onde lhe foi concedido asilo político, anunciou hoje o Governo.

Um comunicado oficial salienta que Ojukwu não poderá ter actividades políticas enquanto permanecer na Costa do Marfim.

No passado dia 12, o presidente Houphouet Boigny já tinha anunciado que não permitiria a formação de um governo no exílio biafrense na Costa do Marfim e prometeu que este país nunca serviria como base de subversão contra a Nigéria.

O comunicado oficial acrescenta: «Esta posição extremamente clara permite-nos receber no nosso país qualquer refugiado político que se comprometa a respeitar esta condição.»

O comunicado pede ainda aos jornalistas que respeitem o sossego do general Ojukwu, o qual a partir de agora abster-se-á de tomar posições. O antigo dirigente biafrense conserva plena liberdade de movimentos na Costa do Marfim.

O comunicado, que não revela a data da chegada de Ojukwu, acrescenta que o maior desejo do Governo era a conciliação geral na Nigéria de modo a permitir o regresso de todos aqueles que tiveram de abandonar o seu país.

Nomeadamente, o Governo pensa na situação das crianças trazidas de Biafra para a Costa do Marfim e que precisam de uma família na sua terra natal.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o céu estava muito nublado ou encoberto; o vento era fraco; e chovia ou caía chuvisco em algumas regiões do centro e sul; havia nevoeiro em algumas regiões do norte

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 6°,2; mínima: Penhas da Saude, 0°,4.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera 12° na água do mar, 13°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 0°; Faro, 12°; Funchal, 16°; Lisboa, 10°; Penhas Douradas, 3°; Portalegre 7°; Porto, 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 14°, na água do mar: 13°,5

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco de noroeste; aguaceiros; agravamento das condições meteorológicas durante a noite, com céu muito nublado ou encoberto, vento moderado de sudoeste e períodos de chuva.

Amanhã:
Nascer às 8 e 50
Ocaso às 18 e 49

Dia 30 Dia 6 Dia 13 Dia 21

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 23 — 4 e 58 (3,9 m); 17 e 20 (3,6 m). Dia 24 — 5 e 30 (3,9 m); 17 e 47 (3,6 m) Dia 25 — 5 e 58 (3,9 m); 18 e 16 (3,6 m).
BAIXA-MAR: Dia 23 — 10 e 37 (1,1 m); 22 e 14 (1,2 m) Dia 24 — 11 e 08 (1,1 m); 23 e 14 (1,1 m). Dia 25 — 11 e 40 (1,0 m); 23 e 47 (1,1 m).

Proposta de Brandt à Alemanha Oriental

BONN, 23 — (R.) — O chanceler Willy Brandt propôs á Alemanha Oriental conversações sobre o estabelecimento de relações em pé de igualdade como parte das negociações sobre um tratado de não-agressão entre as duas Alemanhas — foi hoje oficialmente revelado.

Esta proposta está contida numa carta enviada ontem pelo chanceler ao primeiro-ministro da Alemanha Oriental, Willy Stoph, cujo texto foi hoje divulgado.

NÍVEL ESTACIONÁRIO DA CHEIA NO RIBATEJO

SANTARÉM, 23 — A cheia do Ribatejo permanece em nível estacionário, com diversas estradas intransitáveis e, também, com algumas povoações isoladas.

É o caso de Reguengo do Alviela que cumpre o seu 19.º dia de fadário: qualquer hipótese de ligação (por terra) com outra povoação é tarefa absolutamente impossível de levar a cabo. Mais localidades isoladas: Reguengo de Salada, Porto de Muge e Valada. Os recursos das populações locais estão a extinguir-se mantendo-se dramáticas as perspectivas para os dias mais próximos. A evolução das escalas hidrométricas, segundo indicações recolhidas ás 3, 6 e 9 horas de hoje, é a seguinte: Vila Velha de Ródão, 8 e 38 8 e 38 e 8 e 42; Abrantes, 7 e 32, 7 e 34 e 7 e 40; Vila Nova da Barquinha, 6 e 12, 6 e 8 e 6 e 8; Santarém, 6 e 47, 6 e 48 e 6 e 49.

Continuam intransitáveis as estradas Reguengo-Pombalinho, Valada-Reguengo de Valada, Tapada-Alpiarça e Valada-Santana-Cruz do Campo.

O aspecto geral dos campos em redor é bastante desolador, nada fazendo prever que a situação se normalize nas próximas horas.

Crise agrícola na Golegã

GOLEGÃ, 23. — Muito embora algumas estradas tenham sido reabertas ao transito nos ultimos dias, os campos que vão da Golegã ao Arrepiado e a Benavente permanecem submersos, tornando mais premente a crise agrícola e avolumando o desemprego rural.

Os prejuizos já sofridos pelas culturas são da ordem dos muitos milhares de contos.

Bom tempo no Algarve

FARO, 23 — Muito embora rondando para Norte o vento pouco ou nada se faz sentir no litoral algarvio, motivo porque se mantém bom tempo em toda a região, ainda que o céu esteja por vezes um pouco nublado.

Continuam em fuga de gasolina em Lagos os assaltantes do posto

LAGOS, 23 — Não foram ainda apanhados os dois assaltantes do posto de abastecimento de gasolina sito no lugar do Telheiro, á entrada desta cidade, pertencente ao sr. Eloi Correia de Abreu, donde levaram cerca de 6600$00. Entretanto, a G. N. R. local prossegue activamente as investigações sob a orientação do respectivo comandante, 2.º sargento Custódio Romão, no sentido de capturar os dois meliantes que se sabe serem jovens, aparentando ter vinte e poucos anos.

Anteriormente, tinham-se apoderado de um automóvel pertencente a um subdito inglês.

Após terem arrumado o veículo num sítio escuso, abeiraram-se do posto e disseram ao empregado que ali se encontrava, José Furtado Marreiros, terem perdido o comboio para Portimão e que iriam aguardar ali uma boleia.

Depois, quando aquele empregado saía de uma dependência do referido posto, foi abordado pelas costas pelos dois individuos e, enquanto um lhe apontava um revólver, o outro apoderou-se da importancia já referida, produto da venda de combustíveis desse dia.

Após o assalto, o José Furtado Marreiros gritou por socorro e imediatamente acorreu a população em seu auxílio, mas já os meliantes se tinham posto em fuga e desaparecido na escuridão.

VITÓRIA DA «PORSCHE» EM MONTE CARLO

MONTE CARLO, 23 — (R.) — A Porsche escreveu hoje mais uma página da história do automobilismo ao vencer pela terceira vez consecutiva o «Rallye» de Monte Carlo.

Segundo os resultados provisórios, a coroa de louros foi para o agricultor sueco Bo Waldegaard e para o seu co-piloto Lars Helmer, que cortaram a linha da meta quase dois minutos antes dos franceses Gérard Larrousse e Maurice Gélin. Logo a seguir chegava mais um «Porsche», pilotado pelos suecos Ake Andersson e Bo Thorselius, separado dos dois primeiros pelo «Renault Alpine» de Jean-Pierre Nicolas e Claude Roure. Em quinto lugar ficou o unico par britanico a terminar o «rallye»: Roger Clark e Jim Porter, em «Ford Escort».

Os espectadores, em grande numero, aclamaram vibrantemente os condutores da Porsche logo que os carros pintados de vermelho brilhante apareceram na linha de chegada, pouco depois das 7 horas da manhã.

Waldegaard, vencedor (também pela Porsche) do «Rallye» de 1969, saltou do carro para beijar a mulher, que tinha ficado toda a noite á sua espera. Em seguida saltou para o «capot» do carro e insistiu por que Larrousse se juntasse ao grupo para compartilhar da glória. Waldegaard disse ao francês: «Não esteja preocupado. Para o ano será a sua vez».

Ainda segundo os resultados provisórios, a Taça das Senhoras irá este ano para Marie-Claude Beaumont e Martine de la Grandrive, que completaram a prova em 21.º lugar, num «Opel Commodore».

Os resultados oficiais serão anunciados hoje.

Durante a ultima noite Waldegaard consolidou a sua vitória, enquanto alguns dos mais cotados pilotos iam ficando pelo caminho. Das equipas inglesas apenas uma terminou a competição. O «rallye» não teve no entanto a dureza que os concorrentes esperavam, embora a percentagem de equipas a terminar esteja mais ou menos dentro do normal. Só não era de prever a desistência em série dos grandes favoritos, principalmente as equipas da Lancia e da Renault Alpine.

A classificação oficiosa dos cinco primeiros é a seguinte: 1.º, Waldegaard-Helmer («Porsche»); 2.º, Larrousse-Gélin («Porsche»), a 1 m e 59 s; 3.º, Nicolas-Roure («Alpine-Renault»), a 2 m e 50 s; 4.º, Anderson-Thorselius («Porsche»), a 7 m 8 s; 5.º, Roger Clark-Jim Porter («Ford Escort TC»), a 9 m e 7 s.

MORTE DE BOZON NO MUNDIAL DE ESQUI

MEGEVE (França), 23 — (R.) — O esquiador francês Michel Bozon faleceu hoje no hospital de Sallanches, para onde foi transportado em estado grave, em consequência de uma queda que deu durante o Campeonato Mundial de Descida, que está a ser disputado em Megeve, anunciou um informador daquele hospital.

Bozon, que contava apenas 19 anos, era já uma das grandes esperanças do esqui francês.

O «NIASSA» LARGOU DE CABO VERDE

SÃO VICENTE, 23 — (L.) — Largou hoje deste porto, rumo a outros do Ultramar português, o paquete «Niassa», que veio reembarcar as tropas que seguiam no «Império», o qual sofreu uma avaria na casa das máquinas quando se encontrava a cerca de 400 milhas de Cabo Verde.

A fim de ser reparado, o «Império» deve partir amanhã de São Vicente, rebocado para Lisboa pelo «Monsanto».

FUGIU COM AS CHAVES DO CINTO DE CASTIDADE

SANTA CLARA (Califórnia), 23 — (R.) — Um marido ciumento fugiu com todas as chaves do cinto de castidade de sua mulher, de 26 anos, após ela o expulsar do lar — revelou, a noite passada, a Polícia.

As autoridades disseram que a mulher, metida no cinto, se dirigira ao comando da Polícia, pedindo que a socorressem. Os guardas tiveram de partir três cadeados para a libertar.

O cinto, de fabrico caseiro, foi inventado pelo marido, um filipino, de 40 anos, com quem se casara, há três semanas, no Reno, no Nevada. O casal, cuja identidade não foi revelada, veio viver para a casa dos pais da mulher, nesta cidade.

A jovem mulher declarou á Polícia que expulsara do lar o marido, quando os seus pais descobriram que ele se casara há 15 anos nas Filipinas.

«Foi apenas um caso rotineiro de cinto de castidade», comentou o informador da Polícia.

EX-LIBRIS

Vai realizar-se, este ano (fins do Verão), no Estoril, a 2.ª Exposição de Ex-Líbris. Estes devem ser enviados (com «curriculum vitae») para a Rua Conde de Arnoso, 3, r/c., esq., em Cascais.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo Domingo e nos Sectores e Zonas abaixo indicados, teremos de interromper a corrente eléctrica para efectuar trabalhos de ampliação e reparação das nossas redes, considerados indispensáveis.

O corte de corrente durará apenas algumas horas, a partir do começo da manhã, de modo a causar o menor transtorno possível aos nossos consumidores.

Os Sectores e Zonas atingidos são:

Concelho de Lisboa:
3.º SECTOR — Av. Tenente Valadim, 2 a 12; Av. 24 de Julho, 164 a 168. (Das 8 ás 12 horas).
3.º SECTOR — Praça da Armada e imediações. Das 8 ás 12 horas).
4.º SECTOR — Estrada da Luz (parte). (Das 8 ás 12 horas).
6.º SECTOR — Praça da Figueira (parte). (Das 8 ás 12 horas).
10.º SECTOR — Quinta da Vinha, Galega e Estrada das Amoreiras á Charneca. (Das 8 ás 12 horas).
Concelho de Oeiras:
1.ª ZONA — **ALGÉS:** Rua Luís de Camões e imediações. (Das 8 ás 15 horas).
2.ª ZONA — **QUEIJAS:** (Das 8 ás 15 horas).
3.ª ZONA — **VENDA NOVA:** Rua Eduardo Jorge (parte), incluindo os lotes 9 a 12 e construções antigas adjacentes, Trav. da Quinta do Paju, Rua Vicente Esteves. (Das 8 ás 15 horas).
4.ª ZONA — **AMADORA:** Rua Gonçalves Ramos, Rua Gomes Freire, Rua 5 de Outubro, Rua Alfredo Keil, Rua António Correia, Rua Luís de Camões, Rua Gil Vicente, Rua 7 de Junho, R. da Aviação Portuguesa, Rua 27 de Junho, Rua Diogo Bernardes, Rua Bernardim Ribeiro. (Das 8 ás 15 horas).
Concelho de Sintra:
5.ª ZONA — Fonte das Eiras. (Das 8 ás 15 horas).
Concelho de Cascais:
6.ª ZONA — **ESTORIL:** Rua do Cruzeiro (parte), em Vale do Sol. (Das 8 ás 15 horas).
Concelho de Vila F. de Xira:
7.ª ZONA — Vila Franca de Xira (parte), Vila Franca de Xira-B. do Bom Retiro, ALHANDRA, VERDELHA, ALVERCA, SOBRALINHO e linhas A. T. entre VERDELHA e VILA FRANCA e toda a rede de 10 kV. da margem esquerda do Tejo. (Das 8 ás 14 horas).

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

TRAVE COM Raybestos

Calços para travões
Discos para Embraiagem

O desenvolvimento do turismo e a realização do homem

MESA REDONDA

Dr. António Sebastião Gonçalves

Seguindo um esquema de perguntas feitas ao dr. Licínio Cunha (Mesa-Redonda de 28 de Novembro de 1969) continuamos a debater neste número as dificuldades do turismo interno, desta vez numa entrevista com o dr. Sebastião Gonçalves.

Licenciado em Economia desde 1939 pelo I. S. C. E. F., o dr. António Sebastião Gonçalves tem-se dedicado ao estudo dos problemas de turismo. É director dos Serviços de Crédito da Caixa Geral de Depósitos, consultor económico de diversas empresas ultramarinas e continentais. Membro da Associação Internacional de Economistas Agrários e da União Europeia de Técnicos de Contabilidade. Tem participado em congressos internacionais e apresentado comunicações em algumas associações portuguesas. Entre os muitos livros publicados realçamos: «Quanto custa a guerra?» (Colecção Cosmos); «Caixas Económicas Nacionais»; «O Capital das Sociedades Anónimas» e o «Crédito Agrícola».

É autor de artigos, palestras e separatas sobre temas económicos.

M. R. — *Que pensa da campanha em curso com vista a intensificar o turismo interno?*

S. G. — Quando da apresentação do plano de turismo para 1970, foram indicados 5 pontos, sendo o primeiro deles o das infra-estruturas; e foi dito então que iria haver a colaboração do Ministério das Obras Publicas quanto ás regiões turísticas em vias de desenvolvimento, com particular relevancia para os problemas de saneamento e rede de águas.

E porque se não punha a distinção entre turismo interno e turismo externo, eu devo dizer que a campanha, a que a pergunta se refere, não pode deixar de receber os meus aplausos, na medida em que dela venha a resultar a solução, ainda que limitada, daqueles problemas fundamentais: saneamento e águas. Mas devo dizer que não é o problema de turismo em si que me leva a aplaudir, mas sim o facto de essa modalidade poder vir a activar a reali-

(Cont. na pág. 9)

PODERÃO EVITAR-SE AS CHEIAS DO TEJO?

Os grandes prejudicados

1 — A água caída na superfície do solo, sob a forma de uma qualquer precipitação — chuva, neve, granizo, etc. — caminha, em parte, para o mar ao longo das linhas de água que constituem um sistema hidrográfico de que os rios são os elementos principais. Conforme o regime das precipitações, regulares ao longo do ano ou concentradas em períodos relativamente curtos, os rios apresentam-se com caudais mais ou menos regulares ou com caudais muito diferenciados, e este é o caso dos rios torrenciais, característicos dos climas de aridez ou semiaridez, de que Portugal, na sua maior extensão, tem o triste privilégio (1).

As águas baixas, ou águas de período estival, circulam nos rios pelos seus *leitos menores*, escavados pelo próprio rio, por acção mecânica. Quando o rio está em cheia, as águas altas não são comportadas por aqueles leitos e espraiam-se pelas margens, ao sabor da sua orografia, constituindo então o rio o seu chamado *leito maior*.

No entanto, um rio não transporta apenas água. Em qualquer regime de circulação, mas, especialmente, em regime de cheia, ele carreja as areias e fragmentos de rocha que arranca das suas margens ou que aos seus leitos foram levados pelos fenómenos erosivos das encostas. Há, assim, a par de um caudal líquido, um caudal sólido, que será em parte depositado nos cursos inferiores dos leitos, quando as águas perdem velocidade e poder de arraste, e noutra parte levados para o mar ou para os lagos onde os rios desaguam.

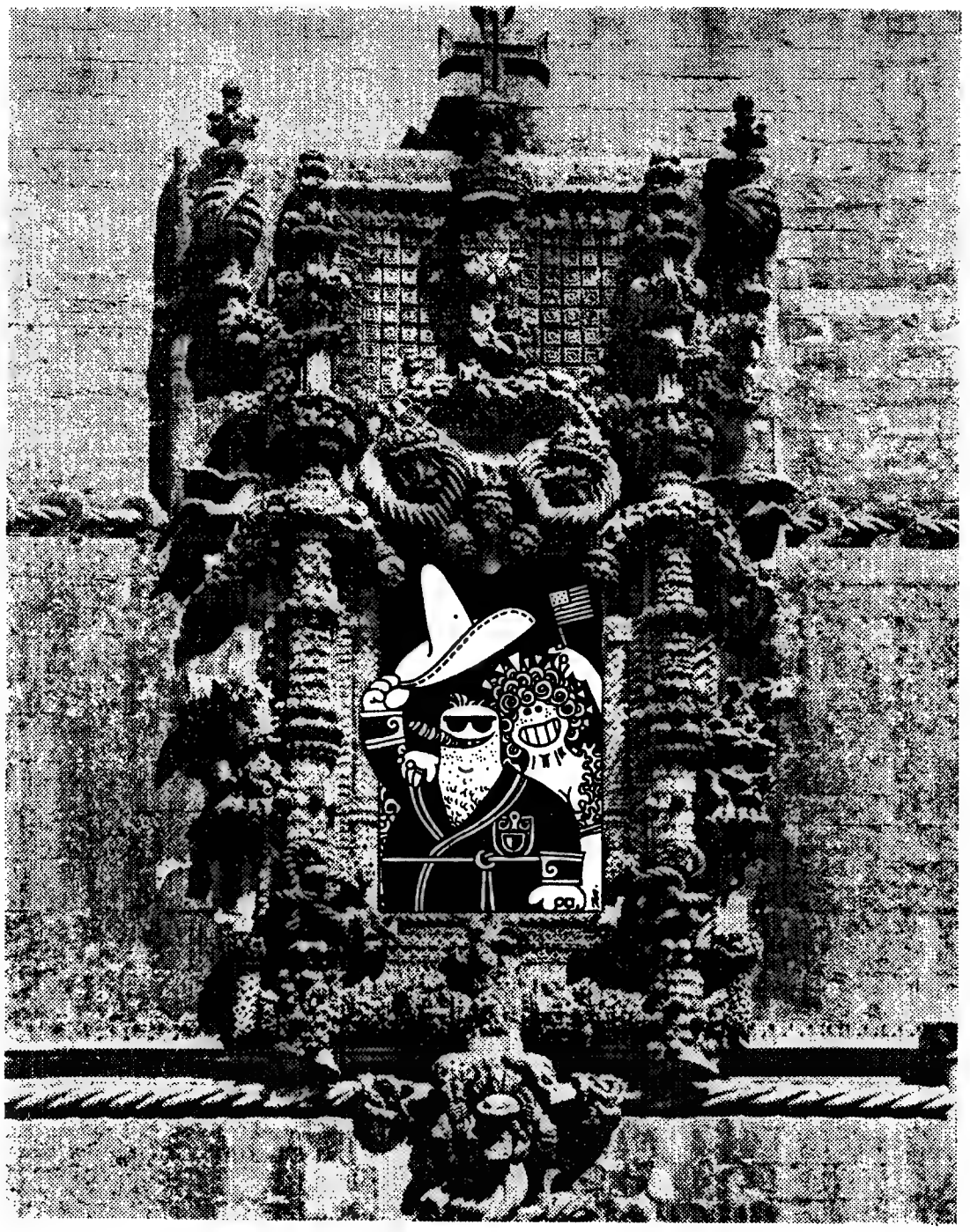
Teóricamente, assim, um rio tenderá a escavar no seu curso superior e a atulhar no seu curso inferior, se deixado ao sabor da Natureza, acabando os depósitos na ultima zona por obstruir o leito principal e forçar as águas a procurar novo ou novos caminhos, formando delta, junto da própria foz se a planura o permite, ou junto de um estuário interior se o relevo não consente o delta marítimo. É o caso do Tejo, por exemplo, com o seu Mar da Palha, estuário que descarrega no mar as suas águas mais pelo efeito das marés do que pela acção própria do rio, práticamente sem curso próprio ao longo do estuário, uma vez que são sensívelmente iguais as suas cotas superficiais desde cerca de Sacavém até S. Julião da Barra, sua foz oficial!

2 — Este jogo das condições naturais agrava-se fortemente, no entanto, devido á acção andrótica, o homem, sob pressão demográfica, altera muito o regime dos rios. Primeiro, pela cultura das encostas do curso principal e dos seus afluentes, retirando-lhes os mantos vegetais que constituem a melhor protecção contra a erosão e provocando assim os afluxos sólidos aos leitos; segundo, pela apropriação de vastas áreas dos seus leitos maiores (quando não do próprio leito menor) edificando diques, motas, marachões, etc., que chama obras de defesa, mas que só o serão das terras apropriadas, mas não do curso dos rios e da sua normal função.

O mal vem de muito longe, de muitos séculos, e tende naturalmente a agra-

(Cont na pág. 8)

Portugal pitoresco (1)



Os turistas ricos — *Desenho de João Abel*

O livro como mercadoria

Mesa redonda na pág. central

ASSIM VAI O MUNDO

A Grécia e o Ocidente

O Governo grego adoptou uma nova política externa com o objectivo de desenvolver e melhorar as relações com os países da Europa Oriental, afirma o vespertino «Apogevmatini», citando círculos bem informados. Segundo o jornal, como primeiro passo, o Governo resolveu nomear uma delegação económica permanente em Berlim Leste para a intensificação das relações comerciais com a Alemanha Oriental.

A nova política destina-se a tornar a Grécia mais independente e menos vulnerável a pressões estrangeiras em momentos de crise. No entanto, a nova atitude do Governo grego não deve ser interpretada como uma vingança relativamente aos países da Europa Ocidental que, em Dezembro do ano passado, apoiaram a suspensão da Grécia do Conselho da Europa. Tão-pouco, segundo o jornal, a nova política implica que a Grécia deixe de cumprir as suas obrigações para com o Ocidente, «do qual faz parte ideològicamente».

Dependência

«Se o dólar se tornar o escalão monetário mundial, os Estados Unidos disporão para financiar os seus investimentos no estrangeiro de um meio de pagamento ainda mais acessível do que o emo-dólar. Bastar-lhes-á fazer funcionar a máquina de fazer dinheiro de Washington...

Por outro lado, a completa sujeição das outras divisas ao dólar criará uma dependência de economia americana muito perigosa. As eventuais dificuldades dos E. U. no plano da conjuntura ou de inflação repercutir-se-ão nos outros países mais depressa ainda do que hoje. O escalão-dólar teria consequências políticas consideráveis colocando a quase totalidade do Globo, de facto, debaixo da tutela financeira dos E. U.» (Jacques Mornand).

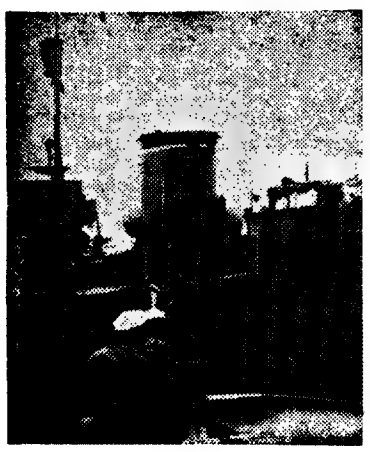
Mediterrâneo

O jornal «Izvestia», órgão do Governo soviético, afirma que a presença naval da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos no Mediterrâneo constitui um perigo para os povos da Europa.

Segundo o jornal, os círculos militaristas da N. A. T. O. estão a transformar a área do Mediterrâneo em objecto de perigosas intrigas, na esperança de ocuparem ali importantes posições para continuarem a impor a sua vontade aos povos da Europa Meridional, do Norte de África e do Médio Oriente.

«A Aliança Atlântica está também a apoiar Israel e o regime militar grego, contribuindo para que ambos intensifiquem o seu potencial de guerra», acrescenta o jornal.

A propósito da concentração de navios britânicos na área, o «Izvestia» escreve: «É perfeitamente claro que a presença de navios de guerra britânicos no Mediterrâneo nada tem a ver com a Grã-Bretanha que, como todos sabem, está situada a um milhar de milhas de distância da região».



Estratégia

Segundo Willy Brandt, o fim estratégico da política alemã da U.R.S.S. é estabilizar a sua zona de influência na Europa Oriental, a fim de poder enfrentar com serenidade o seu diálogo com Washington e, se for caso disso, com Pequim.

O futuro presidente

Luis Echeverria Alvarez foi designado, pelo Partido Revolucionário Institucionalizado, como candidato ás eleições mexicanas de 71. Isto significa que ele será o futuro presidente.

Echeverria é, actualmente, ministro do Interior, e o seu nome está ligado á lembrança dos sangrentos acontecimentos da Praça das Três Culturas e á acção repressiva desencadeada.

Delinquência

O Ministério do Bem-Estar Social de Israel vai estabelecer comissões públicas para tratar do crescente problema da delinquência juvenil feminina nas três principais cidades do país — Jerusalém, Tel-Aviv e Haifo.

Yehuda Cahana, chefe dos serviços contra a delinquência, disse que a ideia de organizar comissões públicas locais fora aprovada em vista do alarmante aumento de delinquência juvenil feminina em Israel, desde a «guerra dos seis dias» de 1967. Não deu razões para esse aumento, mas calcula-se que existem duzentas delinquentes juvenis femininas em Jerusalém.

Os ingleses em Praga

«Os serviços secretos britanicos estiveram bastante activos na Checoslováquia durante o primeiro semestre de 1968, período crucial da era de Dubcek», afirma o jornal «Rude Pravo», órgão do Partido Comunista.

O jornal afirma que Cyril Jonsen, adido da Imprensa á Embaixada britanica em Praga naquela altura, fazia parte dos serviços secretos britanicos e tinha como missão «fazer sair ilegalmente para o estrangeiro, a fim de serem publicados, vários manuscritos atacando o socialismo».

O «Rude Pravo» dá também a entender que o antigo embaixador britanico em Praga, «sir» William Barker, se serviu de contactos secretos, que já tinham trabalhado para os ingleses no tempo da Segunda Guerra Mundial, durante a época de liberalização a que foi chamada a «Primavera de Praga».

As acusações formuladas pelo jornal consistiam no primeiro de uma série de artigos que o «Rude Pravo» tenciona publicar sobre as actividades do pessoal da Embaixada britanica na capital checoslovaca em 1968.

Prometedoras

«A julgar pelas informações recebidas de Helsínquia, as primeiras discussões foram serradas, mas, por isso mesmo, prometedoras, e não é de afastar a eventualidade de uma limitação consertada dos misseis estratégicos, conduzindo, talvez, os dois supergrandes a limitar os seus custosos projectos de misseis antimisseis, ao que seria necessário para protegê-los de um ataque chinês, de resto muito improvável» (André Fontaine).

Semântica

«A linguagem não evoluiu a tempo, os conceitos apodreceram, a semântica sofreu distorsões. A linha de retrocesso Kennedy-Johnson-Nixon deixou desamparados aqueles que confiavam nas fórmulas do «mundo livre» da «defesá das liberdades» do «humanismo da democracia». Na maior parte do mundo chamado ocidental sustentou-se esta concepção da linguagem, simultâneamente corromperam-se os sistemas, conservaram-se as cascas democráticas, que pressupõem uma participação popular na decisão política: eleições, parlamentos, partidos políticos. Imprensa sem censura. Mas todas estas instituições se foram rectificando, deformando, oprimindo de forma a que, na hora de votar, o eleitorado não possa eleger senão entre Humphrey ou Nixon, entre Wilson ou Douglas-Home, entre Pompidou ou Poher, en-Kiesinger ou Willy Brandt. Entre formas clotópicas de um mesmo poder. O cidadão comunista não sabe bem se o estalinismo desapareceu ou não

e o militante comunista perdeu a noção do carácter científico do marxismo. A palavra «revolução» o estudo das «vias ineluctáveis para o socialismo», continua sendo a semântica da U. R. S. S., mas os revolucionários do mundo encontram-se sózinhos. O crente católico perdeu de vista os seus pastores. Não sabe quais são os «bons» e quais são os «maus». (Haro Tegglen).

Venda

Julian Beck, justificando a reestruturação do *Living Theatre*: «O Living, é evidente, tornou-se uma instituição cultural, uma instituição de consumo» (??) «As salas estão cheias, e os empresários procuram-nos porque damos lucro. Hoje, o público vem, senta-se na sua cadeira e espera ser chocado. «Eles» compram o choque. Em certo sentido, tornamo-nos prostitutas da cultura: vendemo-nos, vendemos o nosso tempo, o nosso corpo, o nosso espírito...

ASSIM VAMOS NÓS

Democratização do ensino

Ao tomar posse da pasta da Educação Nacional, o prof. dr. Veiga Simão acentuou: «Uma nação que não valoriza, devidamente, a inteligência está condenada». E isto porque hoje sobrevive, mas amanhã «a ciência avançará ainda mais e não caberá apelo do julgamento proferido sobre um povo constituido por homens sem instrução».

Por isso «estamos perante um desafio, terrível mas aliciante, lançado a toda uma Nação, a qual, hoje mais do que nunca, se mostra sedenta de progresso».

Justificando a necessidade da democratização do ensino, disse o novo ministro da Educação Nacional:

«Decididamente, o futuro da Nação não reside apenas em élites fechadas e diminutas. As reduzidas aristocracias da cultura contrapõe-se a educação das massas, constante preocupação dos governantes de hoje, á qual até teríamos de aderir por imperativo de sobrevivência nacional. Aquela nostalgia do passado e sonhos de grandeza de antanho, contrapõe-se a democratização do ensino em extensão e profundidade, factor primordial do progresso do País.

O desejo incessante de corrigir os nossos próprios erros; a humildade no seu reconhecimento; a permanente libertação de conformismos geradores de protelamentos indefinidos; a procura reflectida de soluções justas, determinadas pelo bom senso e largueza de espírito; a tolerancia, pressuposto de uma informação mutua e esclarecida, são constantes que devem impregnar a nossa conduta. Só elas permitirão o diálogo criador e responsável entre todos os sectores da vida educacional.»

Metropolitano

Depois da última intervenção do vereador (e também deputado) Santos e Castro, na reunião da Câmara, acerca do problema do Metropolitano de Lisboa («Como ele está não serve ninguém» — afirmou, então, o vereador, cujo tom de crítica foi particularmente violento), estão a decorrer conversações entre a administração do Metropolitano e o Município, com vista ao rápido alargamento da rede. Essas conversações mantêm-se num plano reservado.

Institutos médios

No projecto da proposta de lei que cria o Ensino Politécnico recordam-se agora algumas passagens do capítulo consagrado á Educação no III Plano de Fomento, relativas aos institutos médios:

«A situação actual é conhecida: não há estabelecimentos, não há edifícios próprios, não há planos de estudo adequados, não há pessoal docente com preparação especifica. Os resultados deste estado de coisas acusam-se na produtividade do ensino: a percentagem de diplomados é a mais baixa de todos os ramos, situando-se nos últimos anos, na ordem dos 5 por cento; correlativamente, a das reprovações atinge aqui a sua flecha mais alta. 72,3 por cento no ensino médio comercial. O número de alunos (5015 em 1963-1964) é cerca de 25 vezes inferior ao dos que frequentaram, no mesmo ano, o ensino liceal; o número dos diplomados foi 10 vezes inferior ao dos diplomados universitários. Também em 1963-1964 concluiram os seus cursos 261 engenheiros, e apenas 46 agentes técnicos. Estes indices traduzem uma situação que se considera das anomalias mais graves do nosso sistema escolar e sintoma revelador da inadequação das suas estruturas ás condições da vida actual.»

A referida proposta de lei, que será discutida na Assembleia Nacional, pretende precisamente enfrentar os graves problemas existentes dado que, como se acentua, tais considerações mantêm «toda a sua actualidade».

Trânsito

O problema do trânsito em Lisboa agrava-se de dia para dia, como todos sabem. Existe uma Comissão Municipal de Trânsito, com carácter consultivo, destinada a estudar esse problema. Qual é a actividade da comissão? Um dos membros desse órgão, também director do Grémio dos Industriais de Transportes Automóveis, sr. Julio Pinto, fez-nos, recentemente, a seguinte declaração: «Durante o ano de 1968, a comissão pràticamente não funcionou».

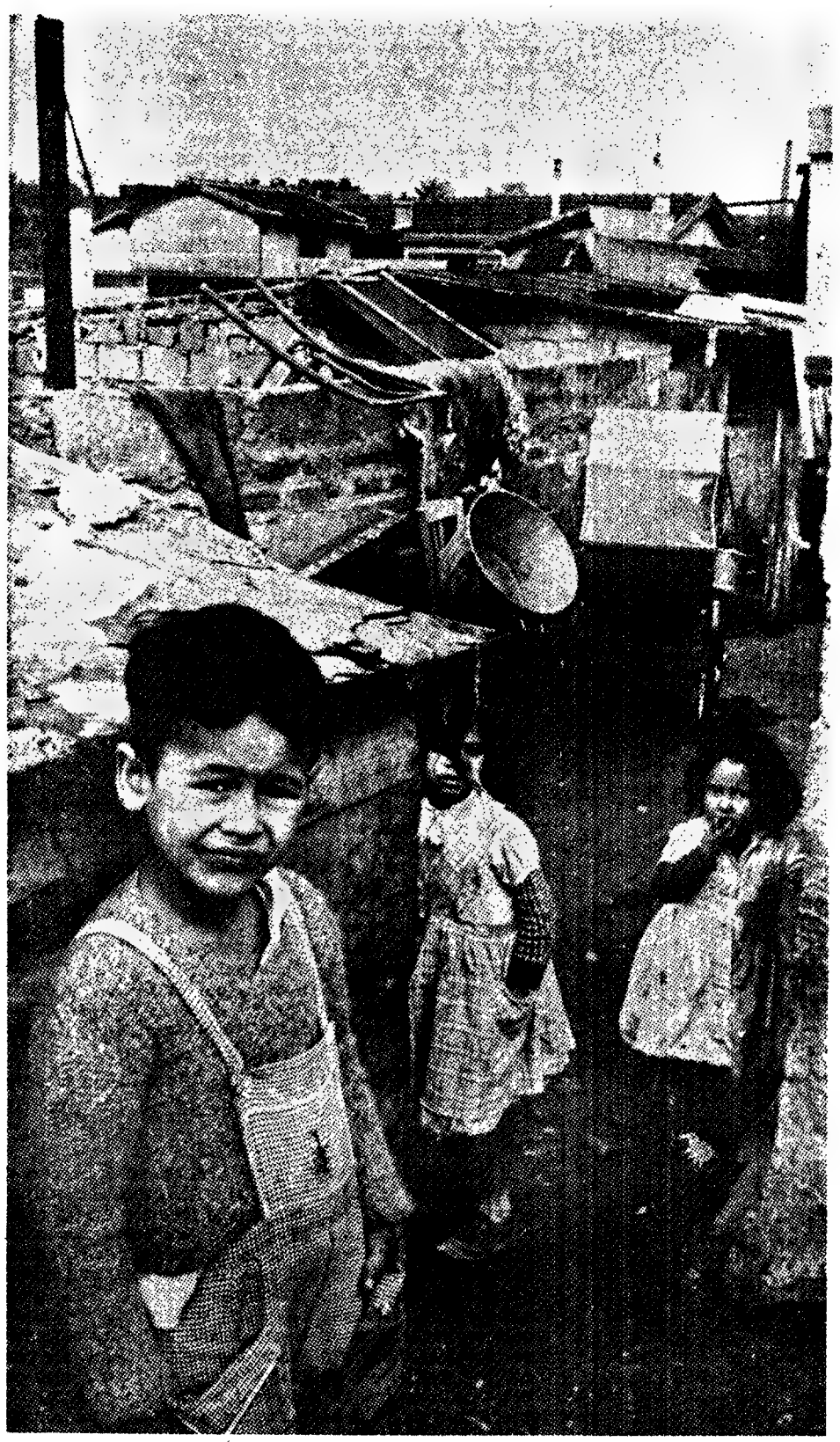
A emigração que continua

CARLOS CASTRO ALMEIDA E ANTÓNIO BARRETO

Mais de um milhão de portugueses partiram para o Brasil; cerca de quatrocentos mil para França; pouco menos para os Estados Unidos; perto de cento e cinquenta mil para a África do Sul; oitenta mil para o Canadá e para a Venezuela; vinte e cinco mil para a Alemanha Ocidental e outros tantos para a Espanha, sem contar a Bélgica, a Holanda, a Suíça, etc., etc.

Eis o sumário da emigração portuguesa no século XX.

Como mostraremos mais adiante, o fenómeno não é só contemporâneo. Procuremos nos séculos XIX ou XVIII e encontraremos sempre activas e constantes correntes emigratórias; do mesmo modo, tomaremos conhecimento dos já tradicionais «problemas da emigração» debatidos pelos mais variados homens políticos, economistas, historiógrafos e escritores.



Champigny — a marca de um drama

Todos, através dos tempos, se encarregaram de buscar as causas, determinar as consequências, calcular as vantagens, contabilizar os custos ou medir os benefícios.

Não é portanto assunto novo nem matéria original aquela que vamos abordar. Até porque, nos últimos tempos muito se tem falado e escrito sobre a emigração. Porquê nos últimos tempos?

Em primeiro lugar porque, mais do que nunca na nossa história, a emigração se transformou num autêntico êxodo nacional.

Depois, porque algo mudou: os emigrados já não partem (ou quase) para o Brasil em «barcos a abarrotar de famílias», mas partem de qualquer maneira, a pé ou de comboio, sobretudo para França.

Em terceiro lugar, facto capital, *falta a mão-de-obra!* Aí é que verdadeiramente começam «os problemas». Quando se procuram os trabalhadores e eles «já não estão cá», quando a força de trabalho rareia e é necessário pagar salários mais altos, então sim, a emigração avoluma-se, transforma-se em grande problema, mistifica-se, toma ares de t e r r í v e l catástrofe. Isto, aliás, também não é totalmente novo. É mesmo cíclico. Já quando na última metade do século passado faltavam os braços na lavoura e na indústria, logo surgiram os complexos e delicados problemas da emigração.

Finalmente, a última razão porque hoje tanto se fala deste assunto, é o «aspecto trágico» que a emigração veio tomando cada vez mais (facto que também não é novo, mas que ressurge). A tal ponto que, de «dolorosa», passou a falar-se do «drama da emigração» A partir dum certo momento era raro ver o segundo t e r m o sem estar acompanhado da c a r g a emotiva do primeiro. Ao mesmo tempo, aliás, essa tonalidade vai sendo integrada aos costumes (1): os perigos e sacrifícios de alguns clandestinos, quando multiplicados por largos milhares, deixam de ser «caso» que dá brados, para ser surda «psicose»

Posto isto, que se sabe actualmente da emigração? Muito pouco. Fora os estudos económicos que evoluem nos herméticos circuitos das repartições e dos especialistas, excluindo alguns bons artigos, mas parcelares, o que conhecemos são os dramas, as tragédias, as desilusões e os sofrimentos da nossa sempre repetida e constantemente renovada «quimera do oiro».

Neste domínio estamos até bem servidos. Do folhetim ao romance, da crónica e da «loça!» à grande reportagem, em todos os estilos foi já abordado o tema. Já jornalistas deram «o salto» para ver como era, e já emigrados se puseram a escrever para dizer como foi. A epopeia começa a tomar corpo. A mitologia não tarda. Festeja-se o «Dia do emigrante», durante o qual «são recordados em todo o País os problemas da emigração» (2). Há mesmo quem proponha que se erga «um monumento ao emigrante» ( ) «a perpetuar o esforço e o patriotismo dos que labutam além fronteiras e têm igualmente ajudado com o seu suor a manter a unidade pluricontinental da Pátria» (3).

Não andávamos longe da verdade quando falávamos de epopeia. A dimensão nacional e patriótica da emigração, devidamente engrandecida, aparece como a continuação lógica, heróica e vibrante duma outra epopeia a dos Descobri-

(Cont. na pág. 10)

ESCORT 4 PORTAS

EM EXPOSIÇÃO

J. MENDES COELHO, LDA.

CONCESSIONÁRIOS Ford

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A

A NOVA ASSEMBLEIA NACIONAL

«Leader» ou «elo de ligação»?

Dadas as características especiais da Assembleia Nacional, com a inexistência de representantes de partidos políticos ou, sequer, de grupos políticos, nunca houve, também, o que noutros parlamentos se designa por «leaders» da maioria e da minoria (ou oposição).

Nas anteriores legislaturas havia, na Câmara, um porta-voz do Governo e nomeado por este, que sempre foi designado por «leader do Governo». Na actual legislatura, estas funções ficaram preenchidas, a partir do dia 20 do corrente, pelo antigo subsecretário da Administração Ultramarina, sr. dr. Almeida Cotta.

Será legítimo, porém, considerar o dr. Almeida Cotta como «leader» do Governo? Toda a Imprensa assim o designou.

Mas... Mas o sr. prof. Marcello Caetano, na carta ao presidente da Câmara em que participava a escolha do porta-voz do Governo na Assembleia Nacional nunca utilizou tal designação e fazia, até, considerações que parecem afastar a possibilidade de poder considerar-se o dr. Almeida Cotta como desempenhando f u n ç õ e s de «leader».

Afirmava, efectivamente, o sr. Presidente do Conselho:

Excelência:

«A prática tem demonstrado em todos os países a necessidade de ser mantida estreita ligação entre a assembleia legislativa e o Governo. Nos sistemas parlamentares essa ligação é assegurada pela possibilidade da presença na assembleia do próprio Governo o qual em geral compreende membros com a função específica de a manter regularmente.

Não sucede assim nos sistemas em que, como entre nós, estão separados os dois órgãos da soberania. Por isso solicitei ao sr. deputado José Coelho de Almeida Cotta que se encarregasse dessa ligação, de maneira a permitir que haja a colaboração indispensável entre ambos os órgãos, trazendo o Governo ao corrente da opinião da Assembleia e esta informada acerca das razões e intenções do Governo.

O sr. deputado teve a amabilidade de anuir ao meu pedido. Apresso-me, pois, a comunicar o facto a V. Ex.ª, solicitando-lhe que o faça chegar ao conhecimento da Assembleia pelo modo que considerar mais conveniente.»

Perante isto, pensamos que só em face do funcionamento futuro da Assembleia se poderá verificar se a esta diferença de nomenclaturas corresponderá uma motivação mais profunda.

Neste caso, viremos a assistir mais tarde ao aparecimento de outro tipo de «leaders»?

Somos cada vez mais

De entre as coisas novas dos nossos tempos novos, avulta uma, de decisiva importância: somos uma sociedade de baixa taxa de mortalidade. Os espantosos progressos registados na higiene, medicina e cirurgia levam-nos hoje a uma invejável situação histórica de aguerridos soldados da vida. A morte, que ainda há poucos anos nos roubava 250 a 300 bebés em cada mil que nasciam, tem que se contentar hoje apenas com 25 ou 30. E amanhã certamente com muito menos.

No entanto, esta vitória tem os seus aspectos trágicos, pois cria um desequilíbrio demográfico, cujas proporções se podem avaliar através dos seguintes números: até ao ano de 1800 a população mundial nunca chegara ao bilião; em 1930, fixava-se em 2 biliões, em 1960, em 3 biliões, e, em 1975 (apenas em 15 anos) aumentará de 1 bilião. Foram precisos 130 anos para o segundo bilião, bastaram 30, para o terceiro, e bastarão 15, para o quarto. Se esse ritmo de crescimento se mantiver igual, bastarão seis casais dos nossos dias para daqui a mil anos terem uma descendência numèricamente igual ao total dos actuais habitantes do planeta. E daqui a 1550 anos, o peso total dos seres humanos será igual ao peso da própria Terra. Calcula-se que, desde a Idade da Pedra até hoje, nasceram 77 biliões de indivíduos: pois bem, a nossa população é igual a 1/28 desse número.

Perante esta realidade indesmentível a estes cálculos matemàticamente certos (colhidos num artigo escrito pelo professor americano Walter E. Howard uma autoridade no assunto) há que concluir que aqui como em todos os domínios não podemos ser novos num aspecto e permanecer antiquados noutro.

É evidente que, apesar de todo o rigor científico de que se revestem os cálculos acima indicados, ninguém decerto se convence de que as coisas irão passar-se assim. As sociedades humanas nunca avançam só num sentido. Neste momento histórico, o que se verifica é um desfasamento entre determinadas conquistas técnicas e científicas e as estruturas sociais e éticas de grande parte do Mundo

ALARME INJUSTIFICADO?

Contra as previsões alarmantes de certos estudiosos da demógrafia, erguem-se as vozes de alguns sociólogos: o mundo tem ainda imensos recursos a explorar, os recursos já plenamente aproveitados não frutificam como podiam frutificar, dada a injusta repartição dos rendimentos. Além disso, é precisamente nos países mais atrasados e nas camadas mais pobres que o aumento da população se processa a ritmo mais elevado. Portanto: logo que se conquiste uma melhoria económica, a fertilidade baixará automàticamente.

Por mais verdadeiro que isto seja, o certo é que estamos hoje a assistir a uma luta contra a natalidade excessiva, em países, cuja superpopulação crónica é um sério entrave a todos os esforços de desenvolvimento económico. É o caso, por exemplo, da Índia.

Parece, pois, que os estudiosos da demografia e sociólogos não se contradizem essencialmente. Devemos completar as afirmações de uns com as dos outros. E devemos também olhar o futuro com confiança: lentamente embora, o Homem sempre tem sido sàvaz de modificar as estruturas económico-sociais e os conceitos éticos consoante as necessidades históricas e, se conseguiu vitórias tão espectaculares sobre a morte, porque havemos de recear que a vida o destrua.

A. N.

espelho da imprensa

«O Governo»

... «O grupo de gente nova que rodeia o prof. Marcello Caetano nos ásperos trabalhos do que é verdadeiramente uma revolução em marcha, são pessoas que já marcaram profissionalmente posições de relevo e, por vezes, mesmo, de brilho excepcional. Vêm trazer para o Governo a sua experiência e as aptidões largamente afirmadas noutros sectores. Costuma haver quem recele, perante as especializações técnicas, o predomínio de concepções orientadoras que levem ás tecnocracias. Não é este o caso. De resto, há uma coisa pior ainda do que o receio das tecnocracias: é o temor das técnicas. Estas são apenas meios ao serviço de valores morais, quer sejam os que respeitam ao Homem, em tudo quanto lhe é devido, quer os que se identificam com as forças do Espírito transcendentes à própria Humanidade.

Podemos afirmar: é um Governo de novos e não apenas um Governo de gente nova; é um Governo de técnicos e não de tecnocratas. Tanto as virtudes da idade como as qualidades da técnica servem realidades espirituais — precisamente as que informam a Nação portuguesa na sua essência e nas forças do seu destino.»

(Do «fundo» do «Diário da Manhã», de 17-1-70).

«Vencimentos»

... «Quando se verifica uma nova actualização de vencimentos (a detentores de rendimentos fixos) já o salário real se encontra muito inferior ao do anterior aumento, pois os preços subiram continuamente, pelo que quase tudo se salda numa actualização. E a subida dos preços não tem igual incidência nos que têm rendimentos fixos, pois quem aufere altos vencimentos pode reduzir certos consumos supérfluos, sem «risco familiar», o mesmo não se podendo dizer dos modestos vencimentos. Os preços por grosso e a retalho têm continuado a aumentar, sendo os preços relativos á habitação, vestuário, calçado, produtos alimentares e de higiene os que mais se têm agravado.

Segundo a lei empírica ou estatística de Engel, «quanto mais pobre é uma família mais elevada é a proporção de gastos em alimentação» e necessidades básicas, lei também verificada no último inquérito na parte relativa ao consumo privado em Portugal. Como se vê, mesmo nos detentores de rendimentos fixos é diferente a incidência da alta de preços.

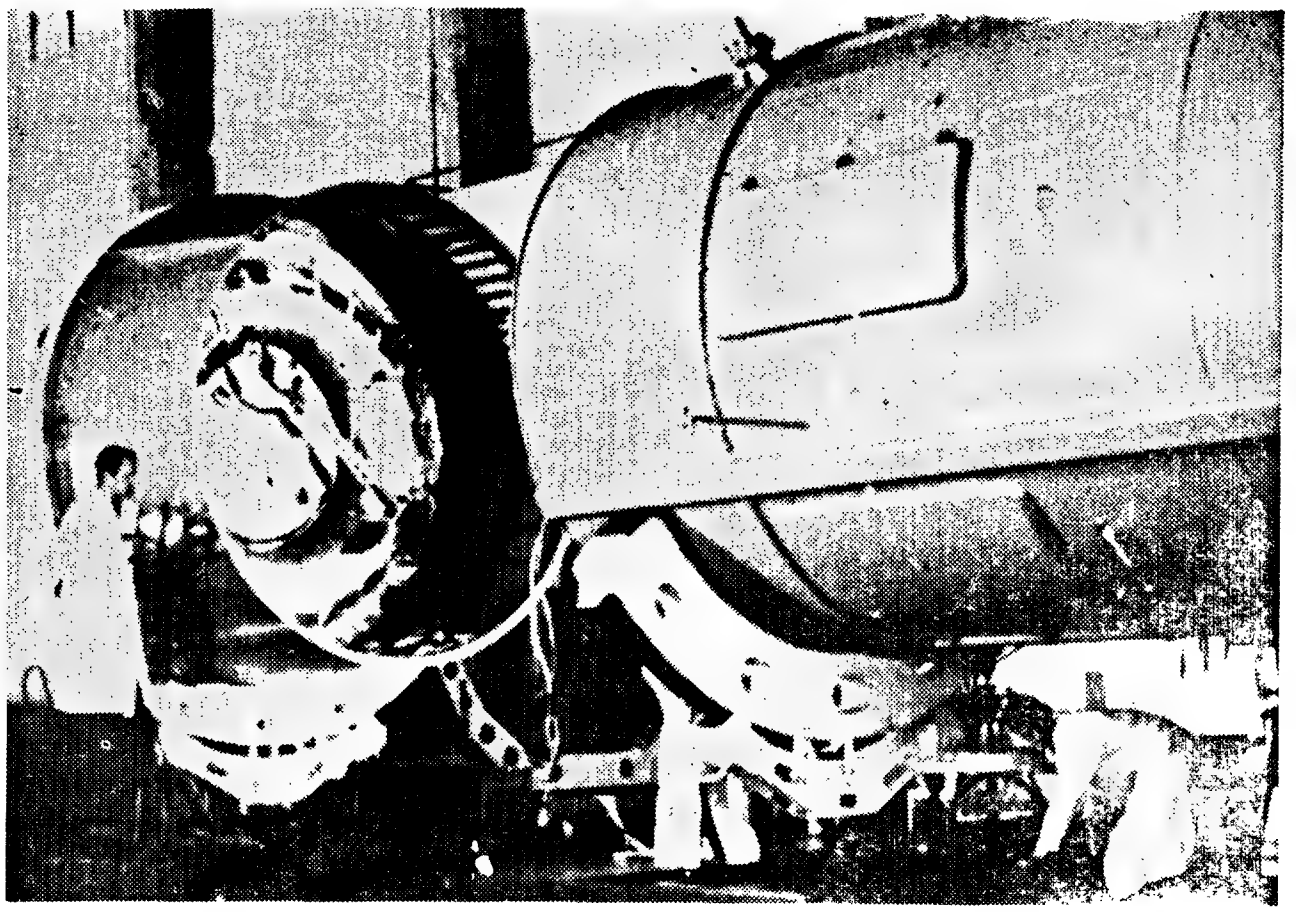
Seria necessário ultrapassar os círculos viciosos de baixa produtividade-baixos salários, baixos salários-baixa produtividade, com uma análise de rentabilidade dos diversos departamentos, com base na sua eficácia social, e para isso impunha-se uma verdadeira reforma administrativa e não um procurar «tapar buracos», cuja concretização se encontra nos resultados da criação da Comissão Central de Inquérito e Estudo da Eficiência dos Serviços Públicos. E isto tudo em abstracto, porque as contradições do sistema não se compadecem com as declarações de intenção ou miragens tecnocráticas.

Embora os meios de pagamento em poder do público tenham acompanhado a tendência 58/60, os índices de preços têm continuado a aumentar. A manter-se a situação (e as causas mantêm-se) poderá perguntar-se por quanto tempo durará a benesse.»

(De um artigo de Carlos Carvalhas, na «Seara Nova» de Janeiro de 1970).

U. R. S. S.—Onde se fazem foguetões

MINHAIL FEÓDOROV



A estrada auxiliar, recta como flecha, dirige-se para a floresta que se destaca no horizonte.

— Em tempos isto aqui foi um lugar intransitável, uma espessa floresta e pântanos — comenta o eng. Serguei Kitchátov, que me acompanha. Os primeiros geólogos aqui vieram há uns quarenta e cinco anos. Naqueles anos Lenine dedicava grande atenção ao estudo dos recursos naturais de país e foi exactamente então que foram encontrados aqui muitos minérios uteis, os quais viriam dar um impulso ao desenvolvimento da industria local. Muito mais tarde iniciou-se a construcão da nossa empresa...

Equipada de acordo com a ultima palavra da técnica, esta empresa não é muito vulgar. É nela que se fabricam os potentes foguetões que levam ao Cosmos os laboratórios científicos e as estações automáticas.

— Hoje produzimos foguetões em série, dado que se amplia a investida ao Cosmos — prossegue Serguéi Kitchátov. Pense só nestes numeros: á órbita próxima da Terra foram levados mais de 300 «sputniks» da série «Cosmos», para não falar nas estações automáticas interplanetárias que partiram em direcção á Lua, a Vénus e a Marte... Para cada um destes engenhos cósmicos é necessário um potente foguetão e, sendo assim, a produção tem de aumentar de ano para ano...

Encaminhamo-nos agora para um dos edifícios cinzentos que divisei já da estrada, pois ultrapassa a altura de um prédio de 10 andares. Outros edifícios de altura menor deixam-se entrever por detrás das árvores.

Os laboratórios da empresa lembram mais modernos institutos de pesquisa do que laboratórios industriais. Seguem-se as salas em que os engenheiros traçam projectos de construção; as secções de provas, revestidas de betão; as vastas oficinas de produção...

O caminho percorrido pelos gigantescos foguetões que devem seguir para as vastidões cósmicas, começa na secção mecânica. Ao longo da oficina, á direita e á esquerda, estão fileiras de máquinas-ferramentas, brilhando ao sol. Há ali uma profusão de plantas e o ar é puro e fresco. Ao lado dos operários antigos, que tomaram parte na criação dos primeiros foguetões cósmicos, trabalham muitos jovens.

— Quer conversar com alguém? — perguntou-me Serguéi.

Apresentou-me Victor Maksimúk, um homem alto já com alguns fios brancos na cabeleira. Desligou a máquina e estendeu-me as mãos fortes. Fazia lembrar um tanto o cosmonauta Beregovói e a idade é quase a mesma. Maksimuk tem 48 anos. Durante a guerra esteve na frente como voluntário. Serviu nas tropas armadas com as célebres «katiúchas» e foi ferido. Depois de desmobilizado, começou a trabalhar nesta empresa, que pouco depois passou a pôr em acção novos meios técnicos.

Actualmente trabalha numa máquina de brocar de precisão, onde as superfícies paralelas ou perpendiculares são trabalhadas com uma precisão que vai a alguns micros (o micro é quase 40 vezes menor que a espessura de um fio de cabelo humano).

A tecnologia moderna permite obter peças com o mais elevado grau de precisão. Onde não o consegue fazer o instrumento comum, este é substituído pela faísca eléctrica. A broca foi substituída pelo ultra-som. A operação de fresagem do metal é feita por meio de uma solução química.

Serguéi Kitchátov mostra-me uma das novas instalações. Caminhamos em direcção a um complexo conjunto de máquinas todo recoberto de esmalte branco. No painel dianteiro estão os comandos de direcção, a janelinha redonda da vigia... Como é diferente do habitual tudo isso!

— Nesta instalação eléctrónica já se produz em série, actualmente — comenta Kitchátov.

— Nela geralmente são elaboradas as ligas de maior dureza — acrescenta o engenheiro que cuida da nova instalação. Neste momento foi lá colocada exactamente uma peça.

Na câmara cria-se o vácuo. Potentes bombas retiram continuamente o ar, criando uma pressão 500 mil vezes inferior á atmosférica. A seguir, cria-se alta tensão no catódio e a torrente de electrões lança-se para a peça que está a ser trabalhada.

...No painel acenderam-se e começaram a piscar dezenas de lampadazinhas de cores diversas. Tudo isto recordava de certa forma o funcionamento de uma calculadora electrónica. Espreitei pela vigia e vi um quadro extraordinário e encantador. Um ponto, de uma cor verde viva, movia-se pela superfície de metal e saltavam faúlhas para todos os lados.

Parecia que ninguém dirigia o conjunto da instalação. Como se movia então o raio electrónico?

— Para isto existe um bloco especial de direcção programada — explicaram-me. Uma pessoa não seria capaz de tal precisão.

Mostraram-me uma lâmina que mal se via na palma da mão, pois tinha só dois milímetros quadrados. Nela, por meio do raio electrónico, haviam sido gravadas as seguintes palavras: «A inteligência humana descobriu muito de extraordinário na natureza e descobrirá mais ainda, aumentando assim o seu poder sobre ela».

Na sala vizinha fica uma instalação de «contrôle» e medição. A precisão na produção das peças é tão elevada que se tornou necessária a criação de aparelhos de medida especiais que pudessem verificar as medidas. Estes instrumentos supersensíveis reagem até á menor partícula de pó.

Mostraram-nos o funcionamento do chamado calibrador pneumático por meio do qual podem ser medidos os diametros internos com uma precisão que vai a uma dezena de micro.

As peças, uma vez produzidas, têm ainda um longo caminho a percorrer por oficinas e laboratórios fora do comum mas, uma vez ligadas, chegam todas finalmente á secção de montagem. É exactamente lá que o foguete ganha seu aspecto final, podendo ser usado.

☆

Vestimos novamente os aventais brancos e o calçado especial e dirigimo-nos á secção de montagem.

São impressionantes as suas proporções. Armações de cimento armado erguem-se para o alto onde circulam guindastes por trilhos. Instalações de ar condicionado criam um microclima com temperatura de 18 graus centígrados, com possível variação de meio grau para cima ou para baixo.

Ao longe vê-se uma armação metálica ao lado da qual se acha o esguio e prateado corpo do foguete. Em diversos cantos da sala vêem-

Continua na pág. 11

Participam nesta mesa-redonda Lyon de Castro, que é um dos mais importantes editores portugueses e um editor que já mostrou ter as suas ideias sobre o papel do editor nos seus aspectos profissionais e sociais. David Mourão Ferreira, conhecido escritor cuja obra tem sido publicada dentro do circuito tradicional da Edição e autor que tem dado mostras de uma reflexão aprofundada sobre o papel do escritor na sociedade, nomeadamente da relação escritor-editor, e Manuel Grangelo Crespo, autor de várias peças de teatro, que viveu alguns anos nos Estados Unidos e conhece, relativamente bem, o meio cultural norte-americano, que se coloca fora do sistema tradicional, e um autor que distribuiu os seus últimos livros dispensando os intermediários habituais. Finalmente, José Fernandes Fafe, representando o «Diário de Lisboa».

JOSÉ FERNANDES FAFE — O primeiro tema que propomos a discussão é o seguinte: Há quem não aceite que o livro seja uma mercadoria. Uma posição como esta é sustentável na sua opinião, Lyon de Castro?

LYON DE CASTRO — Tenho a convicção de que essa opinião nunca foi sustentável. Evidentemente que houve, há e haverá quem possa defender e quem dfenda, com certeza, a ideia de que o livro não pode ser tratado, não deve ser tratado como mercadoria. Evidentemente que essa posição existiu, existe e continuará a existir, mas o mundo evolui em sentido contrário ao dessa tese. De tal modo o livro é uma mercadoria que por exemplo ele está a ser objecto, cada vez mais, de determinado tipo de empresas, que não têm sequer que ver com os livros e que estão viradas hoje para o fenómeno da edição pela amplitude que ele está a tomar, o desenvolvimento que está a ter, e essas organizações, por exemplo de electrónica, de automobilismo, por exemplo a General Motors, a General Electric, etc., dois «trusts» da indústria norte-americana que hoje têm interesses muitíssimo importantes em empresas editoras norte-americanas.

Porque é que isto sucede? Porque o livro tem, ao contrário do que se podia supor com o aparecimento da TV e com o desenvolvimento da Rádio, uma importância cada vez maior. Mas para além disso há o fenómeno do crescimento das empresas editoras em todo o mundo, concentrações cada vez maiores, casas editoras que se fundem, casas editoras que se inserem em organizações que supervisionam a sua actividade ou que c o n j u g a m vários esforços. Este fenómeno verifica-se por exemplo em E s p a n h a, em França, na Itália na Inglaterra, na Alemanha, nos países nórdicos, nos Estados Unidos portanto em todos esses países cuja vida económica decorre em condições diferentes, mas a tendência é cada vez maior no sentido da concentração das casas editoras, como eu disse, ou de se conjugarem esforços. Por exemplo, para mostrar a importância que este fenómeno tem, posso citar a utilização de computadores, coisa que não se conseguiria há 30 anos, há 20 anos, há 10 anos ou há 5 anos, não se concebia que actividade editorial e livreira tivesse necessidade de utilizar computadores, pois hoje a utilização de computadores é um fenómeno corrente nos Estados Unidos, está a sê-lo já na Alemanha, na Inglaterra, nos países nórdicos, em França, em Espanha e é possível que ainda este ano, a utilização de computadores, seja feita por algumas organizações editoriais portuguesas. Porquê? Porque o fenómeno «livro», a sua expansão, nos aspectos válidos de que se reveste, exige a utilização de meios técnicos que antes não eram concebíveis. Ora daqui podemos passar ao problema que José Fernandes Fafe levantou. Se isto é assim, é evidente que o livro tem de ser tratado, quer queiramos quer não, como um fenómeno de natureza à parte dos seus aspectos culturais (que eu não ponho de modo nenhum para trás, cuja importância naturalmente todos nós reconhecemos), mas o problema do livro, como fenómeno comercial evidentemente, adquire tal relevância que se impõe a utilização de determinados meios técnicos actuais. Ora justamente a utilização destes meios modernos é que impõe por sua vez a criação de organismos poderosos que possam utilizar estes meios modernos. Em muitas conversas que tenho tido com editores estrangeiros, todos eles da mais diversa natureza, posso falar por exemplo dum Gallimard cujo prestígio como editor é indiscutível, de editores norte-americanos... Tenho contactado com toda essa gente. Eu entendo que o livro pode ser considerado como um produto que até 50 % (é um princípio que eu tenho definido em muitas conversas com muitos editores estrangeiros e eles acham graça à fórmula) é de concepção técnica de realização, com todo o encanto que a capa lhe pode dar, a qualidade do papel, o aspecto gráfico, etc., além evidentemente do próprio conteúdo, isso até 50%, e os restantes 50% são já o plano da mercadoria, são já o plano do produto que se realizou para ser vendido, se se tem a ideia, evidentemente, de que se trata do livro que vai entrar no circuito comercial, mesmo por determinadas regras que não serão as regras comerciais tradicionais. Ora quando eu digo 50% de mercadoria que é lançada no mercado e quando eu digo 50% rigorosamente e não 49,5% ou 51,5% é para dizer que ambas as partes se devem conjugar de tal modo, que aquilo que foi concebido como um bom produto que deve ser levado ao público mais vasto possível nada vale se ele não chegar ao público a que deve chegar. Portanto se não puder entrar no circuito comercial com as melhores condições de eficiência, isto é, com a maior possibili-dade

David Mourão Ferreira

de penetração nas mais diversas camadas, se se tratar de um país extenso e não chegar a todos os pontos, falhou, porque esse conteúdo, essa apresentação gráfica, esse cuidado na realização, essa mercadoria, que passa a ser mercadoria a partir do momento em que entrou no circuito comercial, não alcançou o público. Há autores que são eles os vendedores dos seus próprios livros e parece que têm uma espécie de repugnância em relação ao facto de pôr o livro num circuito comercial, entregar a uma editora ou a uma casa distribuidora. Mas a verdade é que, a partir do momento em que o autor pega no seu livro e envia uma circular aos amigos ou envia uma circular aos livreiros, ele procura fazê-lo em condições tais que os seus amigos o comprem ou que o livreiro compre. Então é do mesmo modo um produto comercial mas posto em muito más condições de circulação. Ora para que o livro tenha a função que se pretende que ele tenha, função cultural, essencialmente, com todos os seus aspectos de informação, de formação, etc., é preciso que ele atinja o mais largo âmbito e naturalmente para isso requerem-se as melhores condições comerciais possíveis.

Não sei se deseja que eu fique por aqui, embora eu tenha uma série de considerações a fazer que ilustram de uma maneira bastante relevante aquilo que acabo de dizer.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Considera o original de um escritor uma mercadoria?

LYON DE CASTRO — Considero que o original do escritor é uma mercadoria *sui generis*. Se o escritor que tem um original o pretende divulgar num determinado âmbito, é evidente que esse original não é uma mercadoria, e não o é até ao momento em que o livro não entrou no processo de produção, não entrou numa fase que é resultante de um acordo que pode ser estabelecido entre o autor e o editor. Tudo depende portanto do que o autor pretenda fazer. Se os escritores David Mourão-Ferreira, José Fernandes Fafe, Manuel Crespo escreverem uma série de poemas e os divulgarem entre os seus amigos pois naturalmente essas poesias não são uma mercadoria. A partir do momento em que elas forem transformadas em livros e o livro é tirado, e se dá um acordo com o editor e desse livro se fez uma tiragem de 500, 5000 ou de 50 000, é evidente que a partir do momento em que ele é posto em contacto com o público, para o público o adquirir, é uma mercadoria, deve ser tratado como mercadoria. Evidentemente que não é mercadoria no sentido intrínseco daquilo que o livro contém, mas é ele transformado em livro que é mercadoria. Naturalmente uma mercadoria *sui generis*, uma mercadoria especial que eu não diria para ser vendida na praça pública, mas que eu também diria para ser vendida na praça pública, como é por exemplo nas feiras do livro. Não é para ser vendido numa mercearia, mas pode ser vendido, por exemplo, num supermercado. Como sabem, como suponho que sabem, os livros estão a ser vendidos em supermercados — hoje — em grande escala.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Eu creio que não é exacto dizer-se que o livro só é uma mercadoria a partir do momento em que entra no circuito comercial. Econòmicamente é-o desde que há troca, mesmo se essa troca se realiza fora do circuito comercial. Desde que há transferência de propriedade, há mercadoria.

DAVID MOURÃO FERREIRA — Não estou inteiramente de acordo com essa sua observação, porque o original, o texto do autor nunca é inteiramente alienado. Quer dizer, ele passa para o produtor do livro que o faz entrar no circuito comercial e efectivamente sob este aspecto é uma mercadoria. Mas o livro passa em determinadas condições que não alienam a propriedade do autor sobre a sua obra. Por isso quando José Fernandes Fafe perguntou se o original é uma mercadoria eu pensaria, e agora o digo, que ele passa a ser uma mercadoria quando é transformado em livro para alcançar o público. Não se trata da obra em si, porque essa continua propriedade do autor. O original transformado em livro é que é mercadoria. Há uma ambiguidade fundamental do texto literário que o distingue da obra de arte plástica, que é única. O texto literário é simultâneamente único e susceptível de ser múltiplo. Uma reprodução dum texto é esse mesmo texto, o que não acontece com uma reprodução por mais bem realizada e por mais bem aperfeiçoada duma obra plástica. Por consequência isso também depende dessa ambiguidade fundamental do texto literário, e o facto de, cada vez mais, o livro ser uma mercadoria deve-se a um conjunto de circunstâncias sociais e económicas que transcendem evidentemente o problema do próprio livro.

Não é admissível hoje em dia continuar-se a trabalhar num sistema tradicional de artesanato e tende-se justamente para a transformação do livro como mercadoria, em termos de indústria, mesmo de grande indústria, o que é incompatível com a concepção tradicional do livro como artesanato.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Em primeiro lugar, há casos em que o autor alienou inteiramente, pelo contrato, a obra.

DAVID MOURÃO-FERREIRA — A legislação em vigor, parece (não é da minha especialidade), evita que isso aconteça. Acon-

O livro como mercadoria

tecia outrora com muita frequência, mas hoje a legislação em vigor, tanto em Portugal como no estrangeiro, evita por todos os meios a alienação total.

JOSÉ FERNANDES FAFE — De qualquer modo há uma alienação parcial quando o contrato estipula uma edição de tantos exemplares como propriedade do editor...

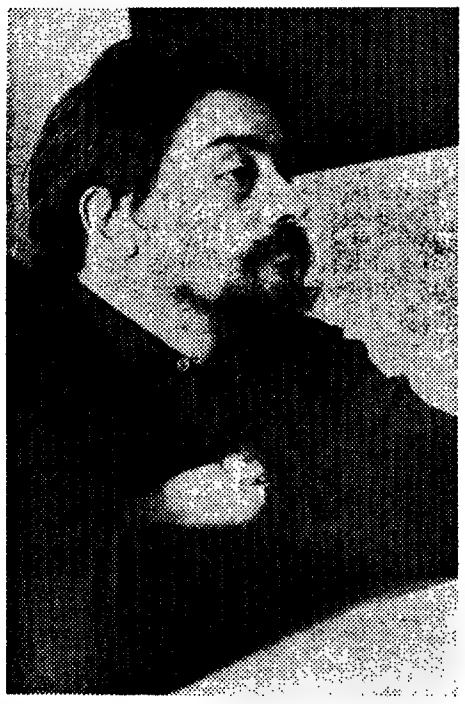
DAVID MOURÃO-FERREIRA — Alienação parcial, sim. Há que distinguir fundamentalmente entre livro como texto e livro como objecto, embora já como texto ele tenha implicitamente aspectos de mercadoria, de tal forma que certos escritores, como acontecia com o Hemingway, à medida que ia escrevendo as suas obras ia depositando o original num cofre que tinha no Banco, porque era um valor e por consequência um valor mercantil desde logo. Mas evidentemente quando o texto é livro, então não há dúvida nenhuma, creio eu, de que se trata de uma mercadoria e só por um preconceito romântico é que se pode pensar o contrário.

MANUEL CRESPO — O problema não é de saber em que percentagem o livro é uma mercadoria ou não é uma mercadoria. O livro é totalmente na sua intenção, na sua comunicação, uma mercadoria... ou não existe. A maneira de entender, de ler, o preço do livro, a publicidade ao livro, fazem tanto parte quanto a mim, da comunicação que se estabelece entre o autor e o público, como pròpriamente o texto... Nós ainda concebemos a literatura e o livro como coisas sagradas. Defendo que os escritores deviam constituir cooperativas para a edição e distribuição das suas obras.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Creio que a categoria económica de mercadoria é importante para a elucidação deste tema, sobretudo a sua abstracção em valor no mundo em que vivemos. Mas, como a minha missão é sobretudo estimular-vos, não insisto, e peço a David Mourão-Ferreira que comente as intervenções de Lyon de Castro e Granjeio Crespo.

DAVID MOURÃO-FERREIRA — Em relação ao que foi aqui dito por Lyon de Castro estou inteiramente de acordo com tudo o que ele disse.

Quanto à intervenção de Manuel Crespo estou de acordo em princípio, mas creio que se trata sob muitos aspectos de uma visão utópica, porque essa desejável fusão do criador e do produtor do livro numa única pessoa, na realidade não é exequível. O criador tem já no domínio da sua criação tantos problemas que dobrá-la ainda duma actividade de produtor, me parecia vir a ser perigoso à sua acção de criador. Eu creio que a solução do problema estará na mais íntima colaboração editor-escritor. No domínio da produção do livro e da comercialização do livro, o escritor-editor nunca poderá competir com um profissional. Mesmo esse problema que Manuel Crespo levantou das cooperativas de autores que aliás têm sido realizadas em vários sítios, inclusivamente no Brasil, por exemplo. Cito o facto da Editora do Autor que posteriormente evoluiu e é agora a editora Sabiá. Os autores que faziam parte dessa cooperativa a breve trecho tiveram de se desinteressar dos aspectos práticos dela, e tiveram de recorrer, justamente, a técnicos e a profissionais da edição. Eu não vejo muito bem como é que o autor, sem correr o risco de diminuir ou de empobrecer a sua produção, se torna também editor.



Manuel Crespo

LYON DE CASTRO — A minha posição é difícil porque eu sou um editor, um editor profissional e parece que, tendo um ponto de vista contrário ao de Manuel Crespo, estou a querer defender o negócio dos editores e portanto a não desejar que o mundo do livro se encaminhe no sentido preconizado pelo sr. Manuel Crespo. Não é de modo nenhum essa a minha opinião porque até acho bem que os autores façam a experiência de serem eles os produtores e os elementos de comercialização dos seus livros. Isso faz-se hoje em muitos países ainda, mas numa escala tão reduzida que não pesa no mercado do livro. Naturalmente que há vários exemplos em Portugal, há exemplos no estrangeiro mas reduzidíssimos, cada vez mais reduzidos. Têm-se constituído cooperativas de autores que fracassam porque não podem prosseguir em virtude de lhes faltarem meios económicos, de lhes faltar meios técnicos, de lhes faltar tempo, até mesmo tempo para se ocuparem da sua própria produção o que, evidentemente, não anula a possibilidade de continuarem a existir autores que por muitas razões queiram ser eles os produtores e os distribuidores dos seus livros. Não vem daí nenhum mal ao Mundo e até tem a sua piada pelos processos às vezes utilizados por esses autores-escritores. O ano passado, na feira do livro de Madrid, um homem com uma pasta aproximava-se das pessoas... Eu não percebia o que ele andava a fazer, e acabei por perguntar ao dirigente do Instituto Nacional do Livro Espanhol, quem era aquele homem, o que fazia. Explicaram-me: é um homem que escreve livros de poesia, manda-os imprimir e vende-os ele próprio. Vai às livrarias, que lhe compram alguns exemplares, vai aos amigos... Faz isto em Madrid, depois em Barcelona, depois em Saragoça... É já conhecido. As pessoas acham piada, compram livros, ele vai fazendo mais livros, e tudo corre bem... Eu achei graça a isso, mas de facto um autor-editor-distribuidor como esse, hoje não conta no mundo do livro. Posso citar também um outro exemplo, um poeta francês, bastante conhecido, Pierre Seghers, que fundou uma casa editora ainda durante o período de ocupação alemã, que depois desenvolveu, criando uma colecção célebre «Poètes d'aujour d'hui». Ele era o editor, vendia ele os seus próprios livros, vendia também livros de outros. Acabou por criar uma casa distribuidora, foi ele o grande divulgador em França da famosa colecção «Marabut». Mais tarde montou uma organização que se chamava «Continental du Livre», uma organização distribuidora que distribuia os livros de Pierre Seghers e livros de outras editoras, e posso dizer-vos que Pierre Seghers acabou por perceber que tinha deixado de ser autor. Na realidade nunca mais recebi nenhum livro dele. Ele deixou de fazer poesia, deixou de escrever, tinha até colaboração em várias revistas literárias, mas deixou de escrever, absorvido pelos problemas económicos e financeiros da sua organização industrial e comercial. A sua casa acabou por ser absorvida por uma outra organização que é a Lafont, que por sua vez em grande parte já foi absorvida em 45% pelo grupo Time-Life. iPerre Seghers, acabou por vender a sua casa ao grupo Time-Life e acabou também por ceder a Continental do Livro a uma organização distribuidora nova que tem os livros da Marabut, da Pierre Seghers e doutras casas editoras. O Pierre Seghers vai passar a ser, apenas, o orientador editorial da casa Pierre Seghers, que continua a existir, e sobretudo a ser o seu director literário. Fica-lhe assim tempo disponível, espera ele, para voltar a escrever. Isto é: a partir do momento em que o livro adquire uma determinada força e em que a actividade de uma editora tem uma determinada projecção, exigindo determinados recursos, uma determinada dimensão da organização, adopção de determinadas técnicas, naturalmente que o livro tem de ser tratado dum modo especial. Cito o exemplo de Pierre Seghers porque serve perfeitamente para ilustrar o problema levantado por Manuel Crespo. Portanto acho bem que haja autores que queiram continuar a produzir os seus livros, mas isso não anula nem contraria, não nega, porque não nega de facto, a evidência do fenómeno do livro, hoje, e de tudo o que o rodeia, e dos meios que se têm de adoptar para a sua comercialização.

José Fernandes Fafe

JOSÉ FERNANDES FAFE — Lyon de Castro aceita pois um autor-editor, mas, digamos, como *sobrevivência*. Não é a posição do Manuel Crespo, pois não... Vamos ouvir as razões de Granjeio Crespo.

M. CRESPO — Eu suponho que por trás do problema do livro há um problema de concepção da cultura. A posição de Lyon de Castro é tecnocrática. O livro é uma mercadoria porque se trata de um objecto de troca. Mas troca pode pensar-se como comunicação, sem por isso nos termos de inserir nos mecanismos económicos de mercado. No fundo o problema é de concepções do mundo, de concepções sociais...

DAVID MOURÃO-FERREIRA — O problema que nos foi posto foi o de se o livro é ou não é um produto comercial e por conseguinte tratado como uma mercadoria.

M. CRESPO — Aquilo que determina as diferenças de óptica entre nós parece que tem a ver como se concebe a cultura geral. Eu estou inteiramente de acordo em que o meu ponto de vista é utópico, dá aso a experiências mais ou menos pitorescas, se as temos de um certo protocolo, se se aceitam determinadas correntes, determinadas relações entre a cultura e a vida social e política da urbe. Desde que não pensemos em integramo-nos naquilo que existe, nos mecanismos que existem, somos utópicos, já se sabe... Não importa. Eu defendo a revisão desses mecanismos. Se o escritor além dos seus problemas de criação tem que se preocupar com os problemas de produção e distribuição do livro, ser-lhe-ia impossível dar conta do recado? Mas para o escritor, o principal problema é precisamente o da distribuição e da venda do livro! Eu proponho isto precisamente como remédio a um determinado academismo que é de nós todos, a uma determinada atitude de cocabichinhos em relação à cultura que nós todos temos, os escritores, artistas e não sei que mais, temos a mania de sacrificar a cultura, e não vemos que o principal problema é o da comunicação, chegar aos outros, e para isso a distribuição e a venda dos livros ao público *que nos interessa* (o do circuito tradicional pode interessar-nos ou não, total ou parcialmente)... Se o livro não é lido por quem interessa que seja lido, o melhor é estar calado, ir engraxar sapatos ou fazer outra coisa...

Lyon de Castro

Congresso Mundial de Sociologia (na Bulgária)

Em Setembro de 1970, em Varna, Bulgária, realiza-se o VIII Congresso Mundial de Sociologia, no decorrer do qual será analisado o tema: SOCIEDADES CONTEMPORANEAS E FUTURAS — PREVISÃO E PLANEAMENTO SOCIAL. Os diversos grupos de trabalho (10) são presididos respectivamente pelos prof. F. A. Cardoso (Brasil) — A sociedade futura e o planeamento a longo prazo; *prof. Semenov (U. R. S. S.)* — Evolução das relações sociais na transformação social; *prof. Blaloek (E. U. A.)* — Modelos e métodos matemáticos na previsão social; *prof. Alain Touraine (França)* — Estrutura do poder no processo de planeamento; *prof. Pizzorno (Itália)* — Administração pública na transformação social; *prof. Van Nieuwenhujizf (Holanda)* — Análise comparativa do planeamento em diferentes tipos de sociedade; *prof. Borda (Brasil)* — Modernização e difusão da inovação; *prof. Ziolkowski (Polónia)* — Planeamento no desenvolvimento urbano e rural; *prof. Pierre Bourdien (França)* — Planeamento e educação da cultura; *prof. René König (Alemanha)* — A juventude enquanto factor de mudança.

As conclusões dos diversos grupos serão apresentadas nas sessões plenárias de encerramento. Simultâneamente com estes grupos de trabalho funcionarão também mesas-redondas para discussão de questões de natureza metodológica ou de carácter teórico consideradas relevantes para a investigação sociológica, não necessàriamente relacionadas com a temática geral do congresso.

tem a palavra o leitor

Problemas do Ensino Técnico

Ainda sobre problemas do Ensino Técnico, recebemos do sr. Luís de Sousa Santos, nosso leitor de Moscavide, a seguinte carta

«Segui atentamente tudo o que ficou dito nesse suplemento acerca do Ensino Técnico Profissional. E aos problemas expostos acho oportuno dar uma achega:

«Após conclusão do curso comercial, se o interessado quiser continuar os estudos, só pode estudar à noite com pelo menos 18 anos, o que ocasiona perda de tempo e possibilidades ao mesmo tempo, que por causa de trabalhar de dia é impedido de prosseguir por ter ainda essa idade.

«Devido aos entraves que se lhe opõem, prefere ir especializar-se em escolas particulares que há principalmente em Lisboa e Porto, desviando o rumo que normalmente seguiria, que era o Curso Médio.

«É óbvio que todos os que concluem o Curso Secundário, não têm possibilidade de ir para os Institutos, não só por tudo o que ficou dito, mas também com *dois* apenas destinados ao Comercial e mais *um* para o Industrial, vê-se desde logo porque é tão difícil a Secção Preparatória, por mais força de vontade que os alunos tenham.

«E é chocante que assim seja, porque com estruturas tão precárias o ensino continuará a ser uma meta inacessível para a grande maioria, pois não há mais Institutos que Universidades no País, o que é sintomático.

Compreendo que o amigo António Cabrita Marques tenha aludido ao acesso imediato do Ensino Técnico para o Instituto, pois até nisso estamos num plano de desigualdade com os liceais, que apenas se têm de preocupar com a admissão á Universidade.

«Não é pedir muito dar oportunidade ao acesso livre aos Institutos, pois apenas se pretende ter tanta possibilidade como os alunos do Liceu que vão normalmente até ao 7.º Ano (que se pode considerar o seu Curso Médio).

Porque não se remodela o Ensino Técnico de forma a incluir nos 5 anos que o constituem, mais dois? Era uma aspiração que não saía tão cara ao Estado, pois considero na minha maneira de ver, que era uma solução menos burocrática e talvez até mais lógica.

Pode ser que desta vez o Ensino Técnico tenha pessoas que se interessem verdadeiramente por estes problemas e os consigam resolver de forma a proporcionar a todos a garantia de que o Ensino não está só ao alcance de uns tantos.

Sabe-se que por parte dos responsáveis, há a vontade de actualizar as estruturas do Ensino e convinha que não fossem descuradas as soluções que melhor se adaptam ao Ensino Técnico Profissional com vista a poderem satisfazer os legítimos anseios dos que se sentem desfavorecidos na concretização das suas aspirações.

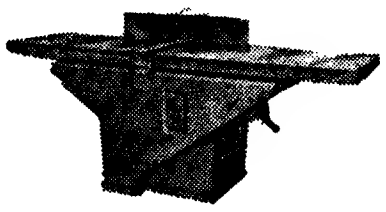
Se nos tempos que correm, a vida exige mais de nós, é preciso estarmos melhor preparados para um futuro que não se compadece com reformas de circunstancia.

São estas as considerações de um antigo aluno da Escola Industrial e Comercial Brotero, de Coimbra, que aproveita a oportunidade para apresentar os melhores cumprimentos a todos os colaboradores do «Diário de Lisboa».

Moscavide, 17 de Janeiro de 1970.

LUÍS DE SOUSA SANTOS

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

GARLOPA
Mod. G A

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:
Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

inquérito

Que pensa do individualismo dos portugueses?

Depois das respostas de Saturnino Dias e de Mário Wilson, prosseguimos hoje o inquérito acerca do tão falado individualismo dos portugueses. Será esse mal uma realidade que influencia a nossa vida económica e social e determina o nível do nosso desenvolvimento? Ou tratar-se-á apenas de preconceitos, sem reflexos na existência e no bem-estar de toda a comunidade? O debate está lançado, registando agora o depoimento do médico e investigador, dr. Jaime Pinto. Formulamos as perguntas nos termos seguintes:

1 — Será o individualismo um mal que afecta particularmente os portugueses?

2 — Que fazer para evitá-lo?

Resposta do dr. Jaime Pinto

1 — Nenhum povo é individualista por vocação ou determinismo genético. Mas por hábito e reacção de defesa; e só se defende quem se sente vulnerável nos seus privilégios adquiridos, ou por deficiência económica. O individualismo estabelece-se sempre que um intenso desiquilíbrio social, com diversificação de grupos de desigual poder económico, leva as pessoas a cristalizar em problemas individuais, familiares, ou de grupo. A formação de uma consciência colectiva, no fundo a verdadeira consciência nacional, torna-se muito difícil perante uma excessiva divergência de interesses, solicitações culturais e de ética adoptada. O individualismo revela-se antinacional sempre que há necessidade de fazer convergir esforços, modificar conceitos, galgar barreiras de atraso técnico, político e social. Mas há vários tipos de individualismos subdivisões do mesmo e, até paradoxalmente, o individualismo de certos anti-individualistas. Em termos gerais está-se sempre pronto a aconselhar os outros a fazerem dádiva á comunidade dos seus interesses; mas pouco disposto a adoptar tais normas. Este tipo de individualismo,

Dr. Jaime Pinto

promotor de sacrifícios alheios, não resolve o probelma pois pressupõe o direito de uns tantos a serem individualistas, dado que ensinaram os outros a não o ser.

O individualismo revela-se em todas as profissões, mais ou menos evidente, mais ou menos disfarçado. Nas actividades científicas é o que há de mais nefasto e corresponde sempre a uma necessidade de compensação em elementos mal dotados, ou um meio de *chegar depressa* nos ambiciosos. Não se enquadrando nas manifestações normais da personalidade, mas correspondendo antes a um desvio da mesma, constitui um entrave e, por vezes, mesmo uma traição. Em relação aos fins superiores da investigação científica e em relação aos cientistas que pacientemente e com diligência desbravam caminhos difíceis enquanto o individualista faz autopropaganda. Camões talvez tivesse definido um certo tipo de individualismo *a glória de mandar e a vã cobiça*.

2 — Terapêutica contra o individualismo? Não há, específica; tantas e tantas são as suas manifestações. Mas se em vez do culto do herói fanfarrão e mata-mouros se sugerir ás crianças o apreço pelos que «*semeiam o trigo, constroem catedrais, pintam quadros, esculpem estátuas escrevem livros*», etc., etc., talvez se dê um passo nesse sentido. Porque o *herói* que nos mostraram na nossa infância nada mais sabe fazer do que matar; condensação suprema do individualismo.

As medidas mais eficientes serão óbviamente aquelas que nivelem, que promovam o bem geral nas suas diversas expressões.

E, se depois de tudo isto (daqui a anos, claro) ainda houver individualistas, hipótese sempre possível, diremos então: nasceram assim, coitados!

Os grandes prejudicados

(Cont. da pág. 1)

var-se. Leia, quem o quiser conhecer, os escritos do padre Estêvão Cabral, publicados nas «Memórias Económicas» da Academia Real das Ciências de Lisboa, nos anos de 1790 e 1791 (Tomo II e Tomo III, respectivamente), referidos ao Tejo e ao Mondego. Já então ali se bradava que estes rios tinham chegado ao estado máximo de miséria. Imagine-se qual será esse estado hoje, sabendo-se, por exemplo, que o leito do Mondego se vem alteando na razão média de 3 mm por ano (2), correndo hoje o rio em algumas zonas mais alto do que os terrenos marginantes, ficando estes apenas defendidos pelos diques longitudinais, constantemente a quebrar-se pela acção das cheias, e a deixar invadi-los não só pela água, mas também — o que é pior — pelas areias extremes que enchem o leito e que os esterilizam por muitos anos.

3 — Não têm remédio as cheias? Evidentemente que têm, com o senão de serem os remédios radicais tão caros que, econòmicamente, é indefensável o seu uso.

Teòricamente as cheias desaparecerão (pelo menos provisòriamente) no dia em que se refizerem leitos que comportem todas as suas águas, mesmo as das cheias, ou no dia em que se armazenarem em albufeiras os excessos de água que os leitos não comportem, para as deixar sair disciplinadamente, por forma a que a cheia seguinte encontre novamente vazias as albufeiras armazenadoras. A isto se chama fazer uma regularização total de leitos ou na regularização total de caudais. São ambas soluções incomportáveis pelo custo, sejam quais forem os prejuízos das cheias.

Quer isto dizer que se devem cruzar os braços e deixar as coisas como estão? Também não, porque neste caso o «medius virtus» se impõe, e soluções parciais são possíveis por menor custo — embora sempre muito elevado — regularizando parcialmente leitos em conjunção com uma regularização parcial de caudais. Não se poderão assim eliminar todas as cheias, mas evitam-se muitas — a maioria — e pode evitar-se que os danos decorrentes da circulação desordenada das águas pelos campos atinjam o volume actual.

O que é preciso é estudar calmamente o regime dos rios e das suas cheias, os danos que se podem evitar, as condições económicas decorrentes, e os mil problemas que se levantam. E, então, projectar também com calma, sem se deixar levar por sentimentalismos ou sonhos irrealizáveis, abandonando soluções radicais injustas e pràticamente inexequíveis, como sejam aquelas que impõem ónus incomportáveis aos agricultores de montante em benefício exclusivo dos de juzante.

4 — Falou-se atrás de sentimentalismo quanto às cheias. Ele existe, de facto, e dura em geral o tempo curto que os jornais dedicam à descrição romantizada do fenómeno e persiste a imagem das suas marinhas fotográficas. Na realidade, o mal das cheias, sendo grande, é menor do que parece. Visitem-se os campos inundados, poucos dias depois do escoamento das cheias: parece que tudo voltou à normalidade e que nada ocorreu dias antes. Muitas vezes os campos voltam a semear-se e produzem boas colheitas; os danos em casas, pontes, estradas e caminhos, reparam-se com as verbas ordinárias; os terrenos não se desvalorizam e acompanham a alta de preços dos terrenos livres de cheias; os gados foram a tempo retirados e pastam calmamente noutros sítios; os lavradores não consta que tenham sido levados à miséria e à falência por essa calamidade natural.

Há, sim, um verdadeiro sacrificado: o trabalhador que amanhava essas terras, que não tem outros recursos senão aqueles que provêm do seu trabalho, e que está forçadamente dias sem ganhar à mercê da ganância de quem lhe fia o pão. Só o que admira é que não haja fácil remédio para esse desemprego forçado, dispendendo o País — e há tanto tempo — verbas avultadíssimas para remediar esses casos.

(1) No Tejo, antes da existência de albufeiras no seu curso ou nos dos seus afluentes, mediram-se, junto a Vila Franca de Xira, caudais de estiagem mínimos da ordem de 3 metros cúbicos por segundo e caudais de cheia da ordem de 18 000 m3/s.; no Mondego registaram-se caudais mínimos de menos de 1 m3/s. e máximos de cerca de 4000 m3/s.

(2) Da comparação do perfil levantado por Adolfo Loureiro em 1872 com aquele que levantou em 1930 a Direcção Hidráulica do Mondego, resulta essa elevação média, em Santa Clara.

O turismo em Portugal

(Cont. da pág. 1)

lização de infra-estruturas que são, antes de tudo, de índole socioeconómica, importando mais ao conjunto da actividade nacional do que a uma actividade restrita, como seria a do turismo.

O turismo é a resultante de dois elementos fundamentais, um de índole mental e outro de índole material. Quem não tem a ansia de conhecer os povos de outras regiões ou quem não tem dinheiro para os ir ver no próprio local onde vivem, não dispõe das condições para ser turista. O turismo só conta, quanto a mim, como manifestação de certo estado de espírito que leve ao gosto de observar os lugares onde outros vivem a sua vida, onde outros têm as suas casas, as suas escolas, as suas oficinas, os seus campos, e onde têm, naturalmente, os resultados do seu próprio viver, pois a casa, a escola, o campo, e os próprios monumentos históricos são, afinal, já por si, o resultado de um viver anterior.

Desgosta-me ver o turismo como forma final de incrementar o comércio ou a industria das zonas visitadas; desgosta-me o turismo quando encarado como forma de obtenção de receitas — das célebres invisíveis correntes, no campo do turismo externo —, como se o turismo fosse, em si mesmo, um instrumento para atingir resultados económicos e não qualquer coisa de mais elevado, como a resultante da preparação do próprio individuo no plano das suas inquietações sociais.

Arranjar locais de diversão que atraiam os turistas, como fim de incrementar o comércio e a industria locais, soa-me a qualquer coisa de sub-repticio. Se fomentar o turismo consistir em preparar os homens para obterem aquele anseio do seu espírito e aquelas condições económicas, então o aplauso não terá interrogações.

No plano do turismo interno, nós podemos entender que se procure incentivar os nacionais de certas zonas a visitarem zonas diferentes, não com o fim de desenvolver o comércio e a industria destas, mas sim com o fim de dar aos visitantes aquela preparação mental que os deve ao desejo de conhecer o seu próprio país, o seu próprio povo, nas suas belezas e nas suas amarguras, históricas ou presentes. Naturalmente, essa deslocação originará movimento no campo económico; mas isso é mera consequência benéfica e não o fim a atingir. Toda a campanha de turismo interno que consiga trazer o transmontano de Miranda do Douro a ver a água extraordinária de Sesimbra, e o sesimbrense a ver como são os campos onde moirejam os homens que produzem as uvas nessas terras de sucalcos, onde é preciso ser-se hércules para obter o fruto que concorreu fortemente para tornar conhecido Portugal lá fora; a campanha que traga o aldeão de Santana da Serra a visitar o velho Mosteiro dos Jerónimos ou o novo Planetário que lhe fica quase anexo, e leve o lisboeta a ver essa terra alentejana onde outros homens produzem a cortiça que constituiu um ponto de apoio na nossa economia; toda a campanha que consiga esse intercambio terá alcançado um alvo extraordinário.

Mas...

M. R. — *Quais os principais obstáculos á prática do turismo, por parte da grande massa dos portugueses?*

S. G. — Eu puz o problema do aldeão de Santana da Serra visitando o Planetário, como um aspecto válido a encarar em resultado de uma campanha para fomento do turismo interno. E sinto bem quanto de estranho tem a hipótese posta, a ponto de nem parecer coisa equilibrada.

E porque não havia o alentejano de Santana da Serra de ser trazido a Lisboa, e, sendo-o, porque não havia de ser levado ao Planetário? Na realidade dos factos, toda a gente sentirá que tem qualquer coisa de ridículo pôr assim o problema, por se achar no mundo das utopias. E é verdade; mas interessa pôr assim a questão, dado que a forma posta cabe perfeitamente no campo mais lato da definição do conceito de turismo interno.

E aqui se procuram encontrar os principais obstáculos á prática do turismo pela grande maioria dos portugueses. Sèriamente eu posso perguntar: o que leva, na verdade, a parecer até ridículo falar na hipótese do aldeão de Santana da Serra visitar o Planetário em Lisboa? No fundo de todos nós é bem visível a resposta.

M. R. — *Serão inconciliáveis o desenvolvimento do turismo interno e os esforços tendentes a atrair o maior numero de turistas estrangeiros?*

S. G. — Não. Há países onde o turismo interno é intenso e onde o afluxo de turistas externos é enorme; e há países onde o turismo interno praticamente não existe e onde é grande o turismo externo. Quanto a este, tudo depende do interesse que os países visitados apresentem aos estrangeiros, ou pelas suas condições físicas naturais, ou pela sua história, ou até por causas meramente transitórias, em resultado de qualquer estimulante ocasional; quanto ao turismo interno, depende daquelas duas condições postas como fundamentais logo de início.

Assim, não me parecem inconciliáveis os dois movimentos: turismo interno e turismo externo.

M. R. — *Qual a sua opinião acerca das linhas mestras que têm orientado a nossa política turística?*

Considera haver erros graves? Quais?

S. G. — Como deve calcular, eu estou pouco treinado na pesquisa de erros, graves ou não, quando se trata da apreciação de problemas que entram nas elevadas esferas... Por outro lado, eu precisaria de saber que se entende por linhas mestras da nossa política turística.

O que eu posso dizer é que considero errada toda a política de turismo, em qualquer país, que coloque esta actividade em ponto dominante da sua estrutura económica. O turismo, que apresenta virtudes evidentes na expressão do elevado estádio mental e material dos seus praticantes, e que constitui, incontestàvelmente, um benéfico caudal de réditos adicionais para a economia do país que recebe os turistas, tem também inconvenientes graves para este, na medida em que ele se entregue á cómoda posição de servidor dos turistas, relegando para posição secundária o esforço da efectiva produção de riqueza a nível internacional. Um país que tenha no turismo um dos pontos maiores da sua balança de pagamentos não pode deixar de estar sujeito ás contingências próprias dessa mesma actividade, em face da fluidez da respectiva clientela.

Aliás, um país que se lamenta por grande parte da sua economia repousar na exploração agrícola, sujeita a contingências climáticas e outras também indomáveis, correrá riscos sérios colocando em plano elevado o turismo, que é, afinal outra forma de actividade não menos sujeita aos mesmos riscos.

Eu penso que o turismo externo só pode ser encarado como subproduto numa posição económica equilibrada.

Pensar que os problemas de saneamento e de redes de águas, como as estradas e as infra-estruturas, são de solucionar como integrantes de um esquema turístico, não pode deixar de ser a expressão de uma política global que não quadra á minha sensibilidade, pois eu ainda estou em crer que a posição inversa é a verdadeira; aquelas são infra-estruturas da economia local na sua actividade produtora e consumidora de riqueza, vindo o turismo a aproveitar-se delas a título meramente secundário.

No campo do turismo interno o problema final é bem outro, pois o essencial seria *preparar* os homens para que o turismo resulte uma consequência. E a preparação consta em dar-lhes as duas condições que atrás referi: — o anseio de conhecer e as disponibilidades de dinheiro preciso.

M. R. — *Quais as principais consequências e os sectores mais atingidos por esses erros?*

S. G. — Já indiquei antes em que posição coloco o turismo no conjunto económico nacional. E julgo que a pergunta obrigaria a uma pormenorização que me parece desnecessária, dado o interesse que os próprios conceitos de base já apresentam.

Quando as piscinas e os hotéis surgem como consequência natural de um certo nível económico, como consequência de um ambiente harmónico de certo viver nacional, umas e outros não constituem excrescência no enquadramento económico; mas quando eles são construidos com os olhos postos numa prestação de serviços a estranhos, na mobilidade que a sua vida apresenta, criam-se problemas de estrutura que podem ameaçar o equilíbrio de uma economia e, portanto, da generalidade dos seus sectores. Conhecemos países que, por terem um clima e um mar excepcionais, procuram montar, de forma conveniente, as lojas para a venda desses dois produtos e fazer-lhes a propaganda adequada, ainda que com certa dose de fantasia, aliás própria de toda a publicidade comercial; daí deriva que os seus homens quase são apenas servidores dos estrangeiros nos hotéis das cidades e nas estancias de repouso.

Passei uns dias num desses países quando se iniciou certa crise internacional: os hoteis estavam quase desertos e os empregados mais servis se tornaram. E a criação deste sentido de subalternidade parece-me constituir o maior risco que se corre, na medida em que se não harmoniza com a criação de um ambiente de profissionalismo na actividade económica de produção de bens, e fica simplesmente na venda de produtos que nem sequer têm a virtude da elementar indústria extractiva que todos consideram definidora dos países pobres.

E assim, não há, efectivamente, possibilidades de hierarquizar sectores atingidos, nem identificar as principais consequências, tão altos são os riscos corridos por todos eles, na medida em que se forma uma mentalidade não adequada ás condições exigidas aos países já evoluídos, ou que pretendem lá chegar.

SINDICATO NACIONAL DOS COMERCIALISTAS

Organismo Profissional dos Licenciados em Ciências Económicas e Financeiras

Sede — Rua Rodrigo da Fonseca, 76 - 1.º - Dt.º

LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convocação

Nos termos da alínea a) do art.º 18.º dos Estatutos deste Sindicato Nacional dos Comerciallistas, é convocada a sua Assembleia Geral a reunir, na sua sede, Rua Rodrigo da Fonseca, 76-1.º, Dt.º, pelas 21 horas, do dia 27 de Janeiro corrente para discutir e deliberar sobre:

1) Relatório e Contas da Gerência de 1969;

2) Comissão Executiva da Bolsa de Estudos Prof. Caetano Maria Beirão da Veiga;

3) Comissão de Verificação das Condições de Elegibilidade dos Candidatos aos lugares dos Corpos Gerentes;

4) Sugestões e alvitres acerca das actividades do Sindicato, da sua transformação em *Ordem dos Economistas* e da eleição e normalização dos seus corpos gerentes.

Se à hora indicada não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia reunirá, meia hora depois, com qualquer número, nos termos da parte final do art.º 20.º dos Estatutos.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1970

Pel'O VICE-PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL EM EXERCÍCIO

a) *Rui Pires Branco*

Secretário

A emigração continua

(Cont. da pág. 3)

mentos. Ambas se fizeram com sacrifícios, suor e lágrimas; ambas conduziram os portugueses pelas sete partidas do mundo e, tanto uma como outra, engrandeceram a Pátria!

Aliás, porque dizer «ambas»? No fundo a epopeia é a mesma! Desde que as primeiras caravelas largaram amarras nunca mais o português deixou de ser irrequieto nem saciou a sede de descobrir novos mundos. «O Português, levado pelo espírito aventureiro que desde tempos muito remotos ficou marcando a característica mais saliente do nosso povo, teve sempre decidida tendência para emigrar» (4). A partir daqui já é difícil discutir. O argumento científico reforça a mitologia: o destino e a fatalidade que obrigam a partir estabelecem feliz aliança com uma característica quase antropológica. Como poderá o português escapar? Impossível. Além disso, haveria interesse em escapar? As opiniões começam a dividir-se: uns acham vantajoso, outros pensam que não é rentável, que seria quase uma praga (5). Por outro lado, seria possível escapar? Aqui também as respostas não são totalmente unânimes. Algumas das mais abalizadas opiniões afirmam definitivamente o carácter «natural» da emigração. É mais um dado de base, imutável, da sociedade e mesmo da natureza. Os estudiosos dizem que nada há mais «normal» do que a emigração: e os argumentos científicos mais uma vez reforçam a tese: «fenómeno demográfico em tudo comparável ao das correntes marítimas ou aéreas que, para estabelecer o equilíbrio, se produzem entre zonas de desigual temperatura ou pressão» (6).

E o «naturalismo» atinge a sua máxima e mais perfeita expressão quando lemos nos jornais: «Ao contrário das andorinhas, partem com a Primavera agricultores portugueses que vão trabalhar na Suíça» (7).

Não nos atardemos por enquanto neste tipo de argumentação e demos simplesmente a palavra a Oliveira Martins, cuja actualidade, perante estas arqueológicas teorias, é flagrante (8):

«Geologia, filologia, anatomia psicologia, quanto, que impagáveis coisas, deveis à emigração! Terão, pai de Abraão, emigra de Ur, na Caldeia, para Arão; de Arão transporta-se ao país dos cananitas. A fome vem aí tornar a vida difícil, e Abraão emigra para o Egipto...» como quem diz que o minhoto vai para o Brasil. E «se passamos do homem aos outros seres» encontramos todos os anos «a andorinha à beira do nosso telhado» e os peixes, uns a subirem os rios para depositar os ovos, outros a passar de mares para criar os filhos... exactamente como o ilhéu que vai para os Estados Unidos. Além disso as feras obedecem à mesma lei: com efeito! Até as feras! «Assim temos que a emigração outra coisa não é senão um direito natural e determinado por causas naturais». Dixi. Eis aí a filosofia da emigração: quando até as feras a praticam! que admira que a pratiquem os homens?!!

Mas não há só os que defendem ou «explicam» a emigração. Há também os que protestam, os que se exaltam e os que proíbem. Destes últimos, para nos informarmos, basta ler os jornais: periòdicamente lá encontramos as prisões de indivíduos ou de «quadrilhas», de angariadores ou de angariados. Porque falta mão-de-obra não tiveram passaporte; porque não têm passaporte não podem sair. Quanto aos outros, os que se exaltam, pouco se conhece pùblicamente, dado que utilizam um tipo de argumentação que nem sempre é de «bom tom». Preferem agir ou defender os respectivos interesses. E, quando falam, usam de metáforas e artimanhas.

Tàcticamente, tentam convencer que a emigração é uma asneira, tudo serão desilusões (9). Como em 1872 «...a opinião que mais tem enrouquecido a bradar contra a emigração, tenta sobretudo provar que a emigração para Nova Orleães não dá as vantagens prometidas pelo engajador» (10). Quem já não ouviu falar das decepções à chegada a França ou à África do Sul? Os engajadores mentem, os que já lá estão são optimistas demais ou não se lembram que quando partiram ainda havia poucos. E vai de falar da exploração no estrangeiro e das más condições de vida «lá fora, nas grandes cidades», esquecendo pùdicamente as condições de vida «cá dentro».

A esses, uns com interesses postos em causa pela emigração, outros sem eles, também Oliveira Martins já se referiu:

«É excelente declamar contra a emigração. Mas é tão excelente como inútil; porque para impedir o escoamento da população seria necessário, em vez de fraseados, obras; e em vez de medidas impeditivas sempre contraproducentes, medidas que regenerassem a economia interna do reino» (11).

Como vemos, os problemas continuam a ser relativamente os mesmos, a maneira como são debatidos também.

Até a emigração clandestina, considerada como uma «praga» dos tempos modernos, é tão velha como a própria emigração. Durante o século XIX, os trabalhadores portugueses partiam clandestinamente para o Brasil e mesmo para a Espanha. O «salto» não é de hoje. Já em 1890, Oliveira Martins dava o alarme, denunciava, assegurava que muito ràpidamente o número de clandestinos ultrapassaria o de legais (12). Não sabemos se isso aconteceu então, mas em todo o caso teve lugar recentemente. Não ficamos todavia por aqui ao estabelecer paralelos históricos. «A economia interna do reino» continua a ser o aspecto essencial sobre o qual nos debruçámos para compreender a emigração. O seu estudo permitiu-nos inventariar as causas primordiais desta.

Procuraremos agora conhecer a emigração. Não tanto do ponto de vista dos seus personagens, das suas histórias, do seu dia-a-dia, do seu ambiente psico-social, mas bem mais nos seus aspectos quantitativos, demográficos e regionais. Aspectos por vezes maçudos e fastidiosos é certo, mas contudo necessários. Tentaremos ter da emigração uma visão de conjunto, seguir a sua evolução, ter em conta o que ela representa no movimento geral da população. Veremos em seguida quem é que emigra: sexo, idades e profissões. Finalmente, colocar-nos-emos numa perspectiva espacial: De onde? Para onde? De zonas bem delimitadas ou do país inteiro? E para que países? Para o Brasil, no passado, para a França nos tempos que correm. Isso sabe-o toda a gente. Mas que significa esta mudança de rumo? E não haverá outros países além destes dois? Finalmente, mesmo pensando num só país, terão sido os contingentes emigratórios sempre constantes, ou terá havido altos e baixos, variações de ritmo? E quais as correlações entre estas variações e a situação interna em Portugal, ou mesmo a conjuntura internacional?

Nestas análises parcelares, na acumulação de detalhes sempre colocados no seu contexto, na busca dos grandes movimentos mas também das leves tonalidades e das graduais transformações, conseguiremos talvez descortinar razões e significados, respostas às perguntas que acabamos de fazer. E sobretudo chegaremos a novas perguntas. Dirigidas agora não só aos números, mas à sociedade. Por um lado, às suas estruturas sociais, às relações de produção, ao desenvolvimento das forças produtivas; por outro lado, à evolução recente da economia, às tendências que se manifestam actualmente e que podem prefigurar modificações futuras no sistema de produção.

Não é no entanto a emigração um problema exclusivamente nacional. É outrossim uma relação significativa entre dois sistemas económicos (ou, para utiliza um pudico eufemismo muito em voga, «é um diálogo entre duas culturas»!...). Como tal integra-se num sistema de inter-relações de tipo imperialista, no qual a grande parte dos países estão hoje comprometidos, sejam quais forem as suas posições respectivas: fornecedores ou importadores de mão-de-obra. Atingido este nível, uma vez mais percebemos que é ainda parcial e que as correntes migratórias — importação e exportação de força de trabalho — têm de ser encaradas como um aspecto particular do problema global das relações económicas entre diversos países e sistemas económicos.

Tentaremos, no entanto, cingir-nos ao tema, isolá-lo, analisá-lo e, pouco a pouco, ir abrindo novos horizontes, buscando explicações. Assim, a «perspectiva internacional» estará sempre presente, terá papel decisivo no momento da caracterização global do fenómeno emigratório, mas não nos ocupará mais do que os momentos indispensáveis para que se possa estabelecer o necessário pano de fundo.

Aliás, esta não será a única limitação (voluntária) do nosso trabalho. A investigação histórica, profunda e detalhada, não será também parte importante do estudo. As razões são diversas. Em primeiro lugar, existem obras e pesquisas sobre o mesmo problema, consideràvelmente documentadas, para outros momentos, nomeadamente referentes à segunda metade do século XIX e princípios do actual. Nessa medida, pareceu-nos necessário, antes de pretender chegar a uma síntese global, debruçarmo-nos demoradamente sobre a situação presente e os acontecimentos mais recentes. Em segundo lugar, a nossa escolha não foi só metodológica, foi também política. O estudo da realidade social actual é regido por preocupações de ordem sociopolítica que não se satisfazem com o simples conhecimento científico gratuito e consequentes devaneios narcísicos. Muito pelo contrário, estão elas ligadas à consciência da necessidade duma prática política, da qual aquele conhecimento não é mais do que um instrumento. Precioso e indispensável, mas instrumento, apesar de tudo.

Para terminar, uma última nota. Deve-se encarar a emigração como um dos factos fundamentais da sociedade portuguesa. Mas que não se fique por aí. Não basta chamar-lhe drama.

Carlos Castro Almeida
e **António Barreto**

Chegada a Paris — o começo da aventura

(1) — Veja-se, por exemplo, Nuno Rocha: «França, emigração dolorosa». Lisboa 1965. «A hora dramática da emigração para França já passou. A sociedade, abalada pelo sismo social causado pela emigração, já está mais adaptada»; pág. 161 e 162.

Perguntamos apenas para quem é que essa hora dramática já passou? Para o emigrante ou para os repousados observadores?

(2) — Dos Jornais, 12-1-1969.

(3) — Rogério Reis, «Trás-os-Montes», Régua 1968.

(4) — Amorim Girão, «Geografia de Portugal», Porto 1960, p. 292.

(5) — Vejam-se, para a história, as célebres polémicas entre Ramalho Ortigão e Alexandre Herculano.

(6) — Amorim Girão, op. cit.

(7) — «Diário de Lisboa», Fevereiro/Março 1967

(8) — «Portugal e o socialismo», Lisboa 1953, p. 164.

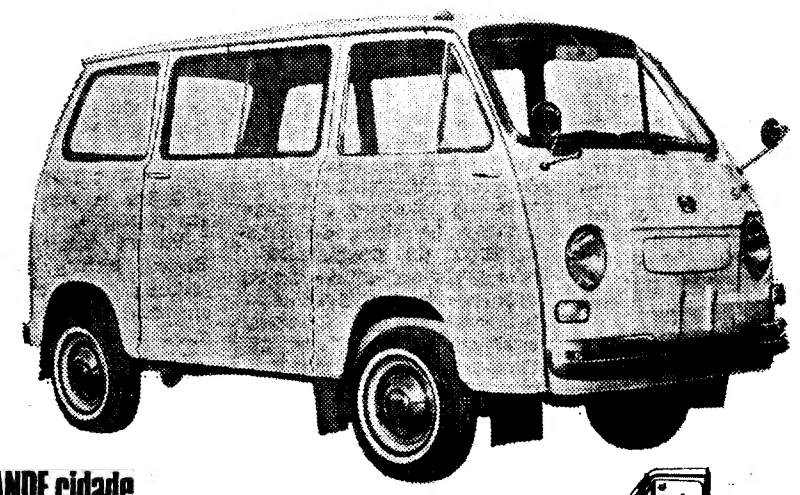
(9) — As «desilusões» constituem aliás um dos aspectos fundamentais do elemento «dramático». São o tema central da maior parte dos romances e folhetins já publicados sobre o assunto.

(10) — Eça de Queirós, «Uma Campanha Alegre», Porto, s. d., p. 319, Vol. I.

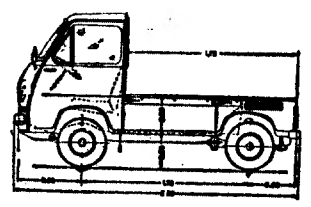
(11) — «Política e História», Lisboa 1957, p. 278.

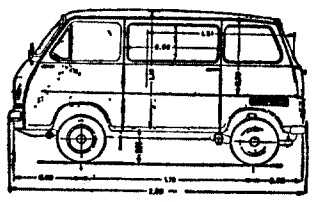
(12) — Ibidem.

SUBARU
SAMBAR



na GRANDE cidade
a PEQUENA entrega
da GRANDE empresa





A capacidade de carga da SUBARU é realmente surpreendente. Quase não se acredita!
E o consumo? Apenas 4 a 5 l. aos 100 kms.
4 amplas portas. 4 velocidades.
Uma concepção mecânica avançada e, o seu preço — cerca de 50 contos — fazem da SUBARU-SAMBAR, a carrinha ideal no seu género.

um produto da FUJI HEAVY INDUSTRIES LTD.

Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
EL. 56 01 56

Vista aérea da LISNAVE, estaleiro Sul, três meses depois de aprovada a expansão.

Ditinguem-se claramente a ensecadeira da doca para um milhão de toneladas (A doca entrará em actividade em Junho/Julho de 1971); os edifícios das docas e da escola Lisnave e a doca n.º 10 já em laboração.

Nas docas e cais existentes, avultam, respectivamente o FERNHAVEN de 216 mil toneladas e o METULA de 206 mil toneladas ao lado do maior navio português, o LAROUCO.

LEILÃO
DE ANTIGUIDADES

HOJE E AMANHÃ ÀS 21 HORAS
NOS SALÕES DE VENDA DA

CASA LIQUIDADORA

N.º 30-1.º—RUA DA EMENDA—TELEF. 369498

A VENDA DE UMA DAS MAIS FAMOSAS E ESCOLHIDA

COLECÇÃO DE ARTE ANTIGA

PINTURAS — ESCULTURAS — CERÂMICA
MOBILIÁRO E DIVERSOS

DIRECÇÃO DOS AGENTES

LEIRIA & NASCIMENTO, LDA.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas

Onde se fazem foguetões

Continuação da pág. 5

-se segmentos de outros foguetes. Passa lentamente dinte de nós o segundo segmento que lembra um grande tubo.

Gradativamente irá sendo recheado de complexos instrumentos, dispositivos automáticos, fios de cores e espessuras diversas e blocos para o «contrôle» da direcção. Tudo isto é montado e colocado do modo mais económico quanto ao espaço ocupado. A maior parte deste é tomada pelos tanques com combustível e oxidante. Notemos que para satelitizar numa órbita terrestre um quilograma de carga útil são necessários cerca de 50 quilogramas do peso inicial do foguete transportador.

Serviu-nos de cicerone na secção de montagem o engenheiro-chefe da mesma, Vladimir Kruglóv, velho especialista em foguetões. No museu da empresa vimos um diploma de honra que ele recebeu das mãos de Serguéi Korolióv.

— Isto foi há trinta e cinco anos — recorda Vladimir Kruglóv. Foi quando o primeiro foguetão soviético experimental a combustível líquido «GIRD-09», criado segundo projecto de Tikhonrávov e sob a direcção de Korolióv, alcançou uma altura de cerca de 400 metros. Seu peso no momento da descolagem era de 19 quilogramas e o comprimento de 2,4. Foi então uma grande vitória. Mas não se pode comparar os foguetões gigantes de hoje com aquele seu predecessor...

Passamos ao sector de testes e assistimos ás provas por que passa um segmento de foguetão. Todos os conjuntos e sistemas devem ser perfeitamente herméticos. Para verificá-lo — os tanques do combustível e do oxidante, bem como os sistemas de tubos — enchem-se de um gás especial. O segmento é colocado numa plataforma e introduzido na «barocamara». Fecha-se lentamente a enorme porta metálica com vigias de vidro muito grosso. Bombas de vácuo começam então a retirar o ar. Se depois disto aparecerem na camara nem que sejam moléculas de gás, instrumentos especiais registarão sua presença. Isto mostrará que algo não é hermético no segmento examinado e este não será usado.

Porém, mesmo depois de se fazerem testes a todos os segmentos, o foguetão já montado, passa á estação de «contrôle» e provas onde, por meio de uma calculadora electrónica, é verificado o funcionamento de todos os conjuntos. Introduz-se o programa de funcionamento do foguetão, como que ensaiando todo o voo, e instrumentos especiais vão marcando a execução do programa. Os resultados são simultâneamente gravados em fita oscilográfica. Sómente depois de aturados testes e da análise dos dados, o foguetão é considerado pronto para o voo.

...Acompanhamos um foguetão até a saída da secção de montagem. O seu lugar já é ocupado por outro. Quem sabe o que irá transportar para além das nuvens: um «sputnik», uma estação automática ou uma astronave? Uma só coisa é certa: com a ajuda dos potentes foguetões soviéticos os cientistas desvendarão novos mistérios da natureza em nome e em prol do homem.

(Serviço exclusivo da agência «Novosti» para o «Diário de Lisboa»)

A Nigéria na hora da reconstrução e da reconciliação

PHILIPPE DECRAENE

Com o fim da guerra civil, começou a difícil batalha da paz. Como todos os Estados que tiveram de combater uma secessão, a Nigéria terá de empreender, no próximo mês, um imenso trabalho de reorganização e de reconstrução.

O Governo federal terá, primeiro, que assegurar víveres e alojamentos a dezenas de milhares de civis que romperam todos os laços com a sua cidade ou aldeia de origem, a refugiados, cujos campos foram arrasados, cujos lares ficaram destruídos. Mesmo que os auxílios internacionais não pareçam dever faltar aos dirigentes de Lagos, estes terão de fazer face a um trabalho considerável.

A opinião mundial está actualmente muito sensibilizada com o drama da guerra civil nigero-biafrense. Pode cansar-se depressa e, num futuro mais ou menos próximo, as organizações humanitárias, que desenvolvem uma acção de múltiplas formas, através do mundo, podem, na falta de meios financeiros bastantes, ser obrigadas a restringir o seu auxílio. De qualquer modo, este só poderá ter um carácter provisório.

Embora a Nigéria seja um dos países mais ricos da África Negra, como conseguirão as autoridades federais reconstruir as estradas, os aeródromos, as pontes, os edifícios públicos destruídos? A custa de que dificuldades conseguirão eles reorganizar os serviços administrativos, as escolas, os hospitais? Quanto tempo lhes vai ser necessário para se encarregar de todos os mutilados e inválidos, para restabelecer o equilíbrio alimentar de milhões de crianças vítimas de carências graves em consequência das privações? Finalmente, como irão eles reunir famílias dispersas, há mais de 30 meses, algumas das quais (em consequência das opções políticas de um ou outro membro) estão repartidas pelo campo dos vencedores e dos vencidos?

O PESO DA COMUNIDADE IORUBA

Porque, entre as consequências mais pesadas do conflito figuram, evidentemente, para lá das perdas em vidas humanas e das destruições, os profundos traumatismos que uma guerra civil sempre deixa atrás de si. O encarniçamento e a dureza da luta puseram em evidência o vigor dos antagonismos que opõem umas às outras as diversas populações da Federação da Nigéria. Profundamente marcados já pelos massacres que, especialmente no Verão de 1966, causaram várias dezenas de milhares de mortos nas fileiras dos seus «irmãos de raça» estabelecidos no Norte do país, os ibos terão que vencer ressentimentos muito fortes para se reconciliarem com as outras etnias. Mas, do seu lado, algumas destas últicia é difícil de apreciar. mas deverão igualmente fazer calar os seus rancores, cuja tenacidade é muitas vezes bastante viva.

Os iorubas, maioritários na antiga Região Ocidental, como os ibos o são na antiga Região Oriental, estavam já em competição pela chefia política da Federação, antes do começo da guerra. Embora esse antagonismo parecesse uma anomalia, aos olhos de alguns, o Grupo de Acção (A. C.) da Região Ocidental, dirigido pelo chefe Obafemi Awolowo, disputava àsperamente o «contrôle» do Parlamento federal e do Governo de Lagos na Convenção Nacional dos Cidadãos Nigerianos, do dr. Azikiwe, cujo feudo eleitoral se situava no Leste do país.

No mercado do trabalho, a competição era igualmente viva entre iorubas e ibos. Ao cabo de trinta meses de guerra, os primeiros conseguiram apoderar-se dos lugares administrativos ou privados deixados vagos pelos ibos, cujas capacidades intelectuais e técnicas eram reconhecidas por todos. Não há dúvida que daí decorrerão espinhosos problemas de coexistência.

Por seu lado, os dirigentes ibos censuram os seus poderosos vizinhos iorubas por se terem recusado a segui-los na via da secessão, quando os separatistas conheceram os primeiros momentos vitoriosos. Esta escolha política teve, na verdade, uma influência decisiva, nas primeiras semanas da guerra, fazendo inclinar a balança das forças a favor dos partidários da integridade territorial da Nigéria.

O RESSENTIMENTO DAS MINORIAS OCIDENTAIS

As minorias da antiga Região Oriental acham-se numa situação sensivelmente igual à dos iorubas, perante os ibos. A criação dos doze Estados federados, decidida a 27 de Maio de 1967, satisfizera-os inteiramente. Enquanto os ibos ficavam confinados ao Estado Centro-Oeste, os efiks, ibibios, annangs e ekois encontravam-se no seio do Estado de Sueste, e os ijaws, ogonis e ikwerres conservavam a sua autonomia no seio do Estado dos Rios.

Desde a época colonial que as tribos minoritárias se queixavam de ser dominados pelos ibos e o clima de hostilidade atingira tal amplitude que o Governo britânico tinha confiado a uma comissão especial — a comissão Willink — a tarefa de procurar uma solução. «Sir» Henry Willink previa, antes da proclamação da independência da Nigéria, a divisão da região Oriental em três Estados distintos.

No momento da criação da República do Biafra, manifestou-se, entre as minorias, uma corrente de resistência à secessão e verificaram-se ajustes de contas, cuja importância é verdade que os dirigentes biafrenses temiam o particularismo de certas etnias (entre as quais a dos ijaws), que, desde 1964, tinham criado o seu partido político próprio o Niger Delta Congress (N. D. C.) em cujo programa se incluía precisamente a criação de um Estado dos Rios.

Por outro lado, sob pena de ficar sem qualquer acesso directo ao mar e de controlar apenas uma infima parte dos recursos petrolíferos locais, os dirigentes ibos não podiam transigir com as minorias do Oriente. Na verdade, 57 por cento da produção do petróleo federal provêm da região do delta do Niger e apenas 2,8 por cento provêm do Estado do Centro-Oeste, por vezes denominado de «Ibolândia».

NORTE CONTRA SUL

Finalmente, é entre os ibos e os do Norte (haussas, kanuris e fulanis) que o abismo é mais profundo. Primeiro, por evidentes razões raciais, religiosas, linguísticas, e devido à diferença de costumes e hábitos de pensamento, muito dissemelhantes entre os povos da savana das regiões setentrionais e os da floresta tropical do Sul do país. Mas, sobretudo, por causa das recordações deixadas pelo golpe de Estado de 15 de Janeiro de 1965, o primeiro putsch realmente sangrento da África Negra. O chefe do Governo federal, Almaji; «Sir» Abubakar Trafawa Babwa, o primeiro-ministro federal, Festus Okotié-Eboh; o sardanna de Sokoto, grande chefe religioso do Norte; Akintola, primeiro-ministro da região Ocidental, foram atrozmente massacrados com poucas horas de intervalo. Nenhum deles era ibo, enquanto os dois ministros poupados pelos putschistas, Osadebeye (Médio-Ocidente) e Okpara (Oriente) eram de origem ibo.

No exército, produziu-se uma eliminação igualmente brutal e, ao que parece, igualmente selectiva: várias dezenas de oficiais superiores não ibos foram assassinados. Em compensação, o general Aguiyi-Ironsi, que viria a ser o chefe do Governo saído do primeiro putsch, era ibo.

Considerado a princípio como uma revolta generalizada contra os abusos do regime extinto, o golpe de estado de 15 de Janeiro não tardou a ser interpretado como uma operação tendente a confiscar o poder em proveito dos ibos, que se entregaram a vários excessos depois da vitória. O tenente-coronel Ojukwu, daí a meses, partidário de um regime largamente descentralizado, figurava então entre os que aprovaram a decisão tomada pelo general Ironsi de abolir as regiões: a 24 de Maio de 1966, um decreto criava um Estado nigeriano unitário.

Esta evolução deveria levar naturalmente ao golpe de estado de 29 de Julho de 1966, que assumiu o carácter de réplica ao putsch de Janeiro e que foi seguido do massacre de numerosos oficiais ibos, da designação do general Gowon, como novo chefe de Estado, e dos sangrentos pogroms de Setembro de 1966, que se desenrolaram numa atmosfera de selvajaria.

Não é de excluir que este desencadear de violências tenha contribuído, paradoxalmente, à custa de uma acumulação imensa de sofrimentos, para reforçar o sentimento nacional. Talvez uma parte da élite ibo tenha compreendido que devia aceitar um modus vivendi com as outras etnias, enquanto estas últimas tomavam consciência da utilidade de uma cooperação com os ibos para criarem uma futura nação nigeriana.

Todos ficaram surpreendidos com a extensão do drama. Ninguém podia prever a duração e o encarniçamento do combate. Por isso — em cada um dos campos — alguns dos dirigentes pensam hoje menos em estabelecer responsabilidades que em meditar sobre os seus próprios erros e em promover a reconciliação nacional.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa)

Atentado contra o túmulo de Karl Marx

O pequeno mausoléo sob o qual repousam os restos mortais de Karl Marx, na capital britânica, foi alvo de um lamentável atentado, no passado dia 17. Uma bomba «caseira» provocou alguns estragos na base do monumento, aparecendo nas redondezas múltiplas cruzes gamadas.